

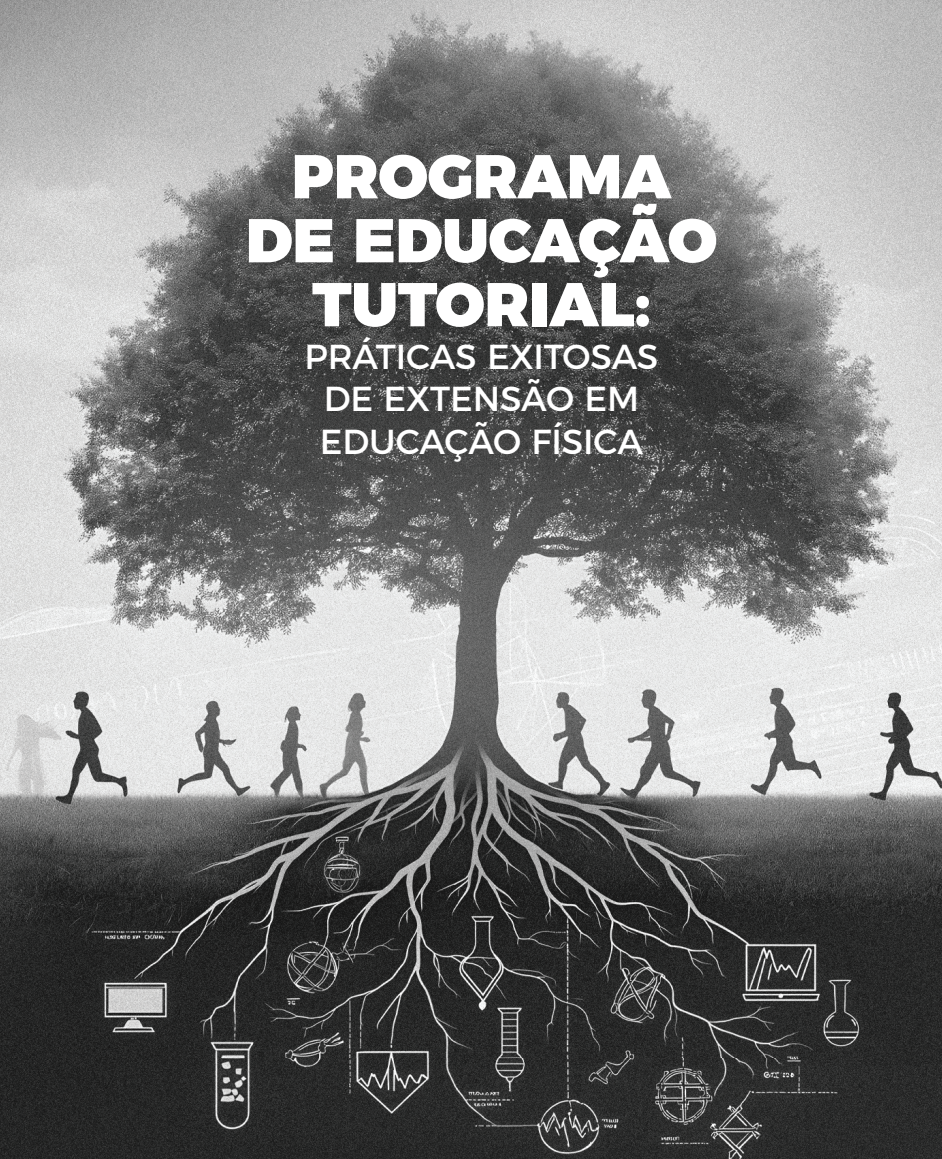
ORGANIZADOR
Junior Vagner Pereira da Silva

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: PRÁTICAS EXITOSAS DE EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



ORGANIZADOR
Junior Vagner Pereira da Silva

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: PRÁTICAS EXITOSAS DE EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS
RESOLUÇÃO Nº 256-COED/AGECOM/UFMS,
DE 03 DE OUTUBRO DE 2024.

Conselho Editorial

Rose Mara Pinheiro – Presidente
Elizabete Aparecida Marques
Alessandra Regina Borgo
Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz
Delasnieve Miranda Daspet de Souza
Maria Lígia Rodrigues Macedo
Cid Naudi Silva Campos
Andrés Batista Cheung
Ronaldo José Moraca
Fabio Oliveira Roque
William Teixeira

(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Programa de educação tutorial [recurso eletrônico] : práticas exitosas de extensão em educação física / organizador, Junior Vagner Pereira da Silva. -- Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2024.
200 p. ; il. color.

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>
ISBN: 978-85-7613-685-9

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Extensão universitária. 3. Educação física – Projetos. I. Silva, Junior Vagner Pereira da. II. Título.

CDD (23) 796.03

Bibliotecária responsável: Tânia Regina de Brito – CRB 1/2.395

ORGANIZADOR
Junior Vagner Pereira da Silva

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL:

PRÁTICAS EXITOSAS DE
EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Campo Grande - MS
2024



© do autor:

Junior Vagner Pereira da Silva

1ª edição: 2024

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica

TIS Publicidade e Propaganda

Revisão

A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos para esta edição



Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário
Campo Grande - MS, 79070-900
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-85-7613-685-9

Versão digital: Dezembro de 2024

Obra contemplada no Edital AGECON nº 04/2023

Seleção de Propostas de Materiais de Divulgação Técnico Científica para Publicação pela
Editora UFMS - Fluxo Contínuo.

PREFÁCIO

Helder Ferreira Isayama

Recebi com alegria esse convite para prefaciar esse livro por diversas razões. Primeiro porque trata-se de um livro do Programa de Educação Tutorial (PET), um dos primeiros grandes projetos que tive oportunidade de implementar e trabalhar no curso de Educação Física da UFMG. Atuei, no início dos anos 2000, no movimento de retomada dos grupos PET no cenário nacional e no período de mudança da gestão do Programa que, naquele momento, deixava a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e passava a ser gerido pelo Secretaria de Ensino Superior (SESU) do Ministério da Educação (MEC). Quase 20 anos depois de ter deixado a tutoria do PET, retomo esse lugar, com muitas mudanças no programa e com grandes avanços na sua estruturação e implementação. E por isso, é uma felicidade ver a ampliação do programa e a diversidade de propostas desenvolvidas pelos grupos.

Além disso, o livro tem como foco as ações e os trabalhos desenvolvidos por grupos oriundos da área de Educação Física e concretiza um desejo antigo de tutores/as e ex-petianos/as desse campo, no intuito da ampliação dos vínculos entre os grupos que se dedicam à abordagem de temas sobre o corpo, a cultura corporal, as atividades físicas, o esporte e o lazer.

Também destaco que esse livro, em especial, foi organizado por um amigo e competente docente/pesquisador dos campos da educação física e do lazer, o professor Junior Vagner Pereira da Silva, que tem desenvolvido ações importantes nesses âmbitos de atuação. Além disso, integram a proposta amigos e amigas que tenho trabalhado e convivido ao longo dos meus mais de 30 anos de trabalho no campo da educação física.

Ressalto, nesse espaço, que o PET é um programa que por várias décadas vem desenvolvendo uma formação ampla e com qualidade e permitindo que nossos/as alunos/as tenham possibilidade de construir e vivenciar um currículo que os permita extrapolar o contexto de sala de aula e das disciplinas acadêmicas.

Especificamente sobre a proposta do livro, desde o título, a produção me chamou a atenção, em função de tratar-se de reflexões sobre as ações desenvolvidas no âmbito da extensão, um dos pilares da Universidade que nem sempre recebe o mesmo investimento ou destaque em relação ao ensino e à pesquisa. E também por se tratar de ações exitosas que esses grupos da Educação Física brasileira vêm desenvolvendo, ao longo dos últimos anos, pois nossa tendência, no meio acadêmico, nem sempre é de valorizar as boas práticas.

Destaco também que os grupos que desenvolvem essas propostas são de diferentes estados brasileiros e vinculados as universidades públicas, com perspectivas inovadoras de formação profissional. Aliás, inovação é o que esses grupos apresentam ao demonstrar, inclusive, que as ações de extensão são articuladas com possibilidades de ensino e de pesquisa.

Um outro ponto que chama a atenção é a multiplicidade de ações de extensão e de enfoques possíveis a partir dos olhares da educação física. Aqui temos ações que se vinculam as perspectivas da educação, do esporte, da saúde e do lazer, no entanto, é perceptível as interrelações que essas diferentes formas de olhar estabelecem. Assim, o livro discute as possibilidades de desenvolvimento de colônias de férias; de práticas de atividades físicas orientadas; de atividades circenses e de teatro; de estímulo às atividades esportivas e de lazer; de apropriação dos espaços da cidade a partir das manifestações culturais vinculadas a educação física; bem como da possibilidade de parcerias com espaços de memória da educação física, do esporte e do lazer.

Além disso, o livro é um excelente registro histórico de como as ações de extensão universitária podem conectar universidade e sociedade, por meio de ações que promovam a participação, a cidadania e o envolvimento das pessoas de todas as fases da vida, etnia/raça, gênero, sexualidades e classes sociais com diferentes as manifestações culturais que dialogam com a Educação Física e o lazer.

Diante de todos os elementos apresentados entendo que essa é uma leitura obrigatória para estudantes, profissionais e pesquisadores interessados/as em políticas de formação de profissionais, em ações universitárias, bem como nas temáticas da educação física, do esporte e do lazer.

Boa leitura a todos/as!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Junior Vagner Pereira da Silva	10
--------------------------------------	----

CAPÍTULO 2

IPET NA PRAÇA E OS DESAFIOS NA TRANSPOSIÇÃO DE FRONTEIRAS...

PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Leonardo Straliote Gonçalves de Oliveira, Luiz Fernando Pires Filho, Samuel da Silva Barbosa, Larissa Michelle Lara.....	21
---	----

CAPÍTULO 3

A PARCERIA ENTRE O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA (UFPR) E O CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE PARANAENSE: UMA IMERSÃO EXTENSIONISTA

Luiz André Klettemberg de Oliveira, Débora Maria Russo, André Mendes Capraro	43
---	----

CAPÍTULO 4

AÇÕES EXTENSIONISTA DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSM/RS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Marlon Crestani Garcia, Antonio Guilherme Schmitz Filho, Laura Martins, Selena Caceres Rossi	67
---	----

CAPÍTULO 5

UM DIA DIFERENTE: APRENDENDO E ESTIMULANDO A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTES

Nayara de Sousa Ferreira, Maria Clara Arantes Araújo, João Luiz Resende Nascimento, Guilherme Moraes Puga	83
--	----

CAPÍTULO 6

ENSINO DE LUTAS PARA A CIDADANIA – UM PROJETO PET-AEFID/UFJF

Lucas Emanuel de Oliveira Silva, Victor de Souza Souto Maior Lopes,

Matheus da Silva Telles Gomes Brega, Carlos Fernando Ferreira

da Cunha Junior 95

CAPÍTULO 7

ESCOLA DO MOVIMENTO EM MOVIMENTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Julia Bergamini Salgueiro, Mateus Silva Oliveira,

Rogério Cruz de Oliveira..... 108

CAPÍTULO 8

ENTRE GARGALHADAS, SALTOS E CAMBALHOTAS: UM RELATO DE

EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO CULTURARTE NA ESCOLA

Maria Isabela Dias Manoel, Rebeca De Paula Sperandio, Helena Altmann..... 128

CAPÍTULO 9

FORTALECENDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PET EDUCAÇÃO FÍSICA E

LAZER-UFMG

Axsel Flavio Quiel, Flávio Marques Vieira, Flávia da Cruz Santos..... 152

CAPÍTULO 10

COLÔNIA DE FÉRIAS TEMÁTICA E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO

LAZER INFANTIL: EXPERIÊNCIAS DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFMS

André Augusto Brites Martins, Giovana Mestriner,

Junior Vagner Pereira da Silva 167

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Junior Vagner Pereira da Silva

Implantado desde 1979, com o nome Programa Especial de Treinamento (PET), o programa figura como um dos mais antigos e longevos que compõem a política educacional brasileira e promove a formação integral de importante parcela de graduandos por meio de ações extracurriculares (Brasil, 2019).

Inicialmente vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sua proposta se pautava no modelo educacional anglo-saxão “*honor class*”, que consiste em programas extracurriculares de elevado grau de seletividade, destinado a estudantes com desempenho diferenciado. Centrava atenção em grupos de acadêmicos com potencial, interesse e habilidades destacadas em cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior (IES), de modo que, por intermédio de atividades extracurriculares, vivenciassem experiências não inseridas na estrutura curricular obrigatória, o que fazia do grupo um mecanismo de atendimento e formação de elite intelectual do país. Em 1999 seu gerenciamento foi transferido para Secretaria de Educação Superior, o que culminou com maior compromisso com a formação e dinamização pedagógica da graduação (Brasil, 2019).

Porém, sua instituição formal ocorreu somente em 2005 por meio da Lei nº 11.180, de 23 de setembro, quando passou a ser denominado Programa de Educação Tutorial (Brasil, 2005a). Posteriormente, foi regulamentado pelas Portarias MEC nº 3.385, de 29 de setembro de 2005 (Brasil, 2005b), nº 1.632 de 25 de setembro 2006 (Brasil, 2006),

nº 976, de 27 de julho de 2010 e nº 343, de 24 de abril de 2013 (Brasil, 2013), que trouxeram significativas mudanças.

Em particular, a Portaria MEC nº 976/2010 resultou em inovações ao programa, como a flexibilização e dinamização da estrutura dos grupos, a união de programas (PET e Conexões de Saberes), a definição de tempo máximo de exercício da tutoria, a aproximação com a estrutura acadêmica da universidade e a definição de estruturas internas de gestão.

Quanto a distribuição do programa pelo país, até 2005 haviam 285 grupos implantados. Após lento e gradativo avanço entre 2005-2009 (428 grupos), ocorreu exponencial ampliação em 2010, com alcance de 779 grupos. Sua última expansão se deu em 2012 (Edital MEC nº 11, de 19 de julho de 2012), o que totalizou 842 grupos no cenário nacional, distribuídos em 121 Instituições de Ensino Superior (IES), em sua maioria federais. O Sudeste é a região com maior número de grupos e o Norte, a menor (Brasil, 2019).

Na atualidade, evidencia-se posição filosófica diferente a inicial. Até então pautado na seletividade e expertise apenas de alguns (*honor class*), desde 2005 o foco do programa passou não ser mais voltado aos acadêmicos com desempenho diferenciado, expandindo o alcance na busca de contemplar o curso, os petianos e os discentes.

A partir de 2005, por intermédio da interação com o Programa Conexão de Saberes e, fusão entre PET e Conexão de Saberes em 2010, a filosofia do programa passou a enfatizar a indissociabilidade ensino (socialização do conhecimento), pesquisa (produção do conhecimento) e extensão (relevância e aplicabilidade do conhecimento), de modo a promover a formação ampliada de alunos de graduação a partir de atividades extracurriculares que complementem a formação acadêmica, ampliem e aprofundem objetivos e conteúdos programáticos da matriz curricular (Brasil, 2019).

Tais mudanças estão relacionadas ao interesse em promover uma gama nova e diversificada de conhecimentos acadêmicos. Estão pautadas no compromisso ético com a melhor qualificação dos envolvidos como pessoas humanas e membros da sociedade, afinal, como nos ensina Sampaio e Freitas (2010), essas três funções (ensino, pesquisa e extensão) formam os estudantes não só de forma técnica, mas também preparam estudantes éticos e cidadãos capazes de transformarem conhecimento em sabedoria, provocando nos discentes uma nova postura perante a sociedade.

[...] cabe ao Ensino dar ênfase na socialização do conhecimento acumulado pela humanidade; à Pesquisa cabe buscar alargar as fronteiras do conhecimento; e à Extensão cabe a ênfase em cumprir a função social e ética dos conhecimentos acumulados, transmitidos e produzidos na universidade (Sampaio; Freitas, 2010, p. 21).

A atuação pautada na indissociabilidade favorece a diminuição do antagonismo por vezes presentes no meio acadêmico/científico entre teoria e prática, o que corrobora com a *práxis* do conhecimento. A partir da *práxis*, conhecimentos produzidos por estudiosos consagrados (teóricos) e conhecimentos advindos e/ou produzidos por petianos, são valorizados e respeitados no contexto do programa.

Logo, além das atividades se pautarem em conhecimentos produzidos cientificamente, também são ressignificados a partir dos conhecimentos advindos de experiências de contextos concretos, em que as atividades de ensino, extensão e pesquisa são desenvolvidas, concebendo teoria e prática não como elementos antagônicos, mas sim complementares.

Oportunidades como essas se mostram relevantes à formação da autonomia, pois, se por um lado, a autoridade docente se constitui pela constante ação-reflexão-ação no contexto e cotidiano da prática

pedagógica (Caparroz; Bracht, 2007), a prática não deve ser objeto de sacralização, visto que não existe prática criativa sem retorno da teoria, tampouco fecundação de teoria que não foi objeto do confronto prático (Demo, 2011).

Tais empreendimentos são essenciais para melhoria da qualidade educacional do Ensino Superior, formação ampliada de alunos de graduação para integrarem o mercado de trabalho e/ou desenvolvimento de estudos de pós-graduação, assim como atingir os objetivos estabelecidos pelas Portarias MEC nº 976, de 27 de julho de 2010 e nº 343, de 24 de abril de 2013 (Brasil, 2013, p. 1).

I - desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar;

II - contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação;

III - estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica;

IV - formular novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no país;

V - estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior;

VI - introduzir novas práticas pedagógicas na graduação;

VII - contribuir para a consolidação e difusão da educação tutorial como prática de formação na graduação;

VIII - contribuir com a política de diversidade na instituição de ensino superior (IES), por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero. Portanto, a

maioria das atividades aqui apresentadas encontram-se pautadas na indissociabilidade.

Considerando os aspectos históricos, filosóficos e normativos que regulamentam PET, dentre os 842 grupos consolidados, se encontram aqueles vinculados a formação acadêmica de graduação em Educação Física. Com a finalidade de registrar e socializar experiências desenvolvidas pelos grupos relacionados à Educação Física vinculados ao PET, foi idealizada a captação de capítulos com contribuições relevantes sobre a temática e publicação da obra “Programa de Educação Tutorial – práticas exitosas de extensão em Educação Física”. Foram convidados grupos vinculados ao programa implantados em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, resultando em uma obra composta por 10 capítulos, sendo o primeiro deles, a introdução ora apresentada. Os 9 capítulos específicos sobre as ações de extensão exitosas trazem contribuições da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Maringá, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de São Paulo e Universidade Federal de Uberaba.

O grupo PET Educação Física da Universidade Estadual de Maringá apresenta a ação PET na Praça. O capítulo consiste no relato da experiência vivenciada no compartilhamento e troca de saberes vinculados a projetos de diferentes áreas do conhecimento, que proporcionam uma interação entre a comunidade local e a universidade no espaço público e em um pavilhão fechado em Maringá. Para tanto, os autores organizaram o manuscrito em três etapas – contextualização a respeito dos espaços palco do desenvolvimento das ações de extensão; apresentação das experiências vivenciadas em 2022 e 2023 junto ao projeto; análise crítica a respeito da ação de extensão e suas contribuições à comunidade e formação dos graduandos.

Com o título “A parceria entre o Programa de Educação Tutorial em Educação Física (UFPR) e o Centro de Memória do Esporte Paranaense: uma imersão extensionista”, o grupo PET Educação Física da Universidade Federal do Paraná assina o terceiro capítulo. O texto versa sobre o Centro de Memória do Departamento de Educação Física, repositório de documentos, registros e objetos relacionados ao curso de Educação Física institucional, que conta com a atuação dos petianos. Para tanto, inicialmente os autores apresentam os objetivos e ações desenvolvidas pelo PET Educação Física da instituição, passando, no segundo tópico, a apresentar o trabalho desenvolvido junto ao Centro de Memória do Departamento de Educação Física (CEMEDEF-UFPR). Por fim, apresenta o trabalho desenvolvido em parceria entre o PET Educação Física, CEMEDEF-UFPR e Centro de Memória do Esporte Paranaense.

O quarto capítulo, assinado por Marlon Crestani Garcia, Antonio Guilherme Schmitz Filho, Laura Martins e Selena Caceres Rossi, faz uma coletânea das ações extensionistas desenvolvidas pelo PET Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria. Para nortear a construção do capítulo, os autores indagam: quais os aspectos extensionistas adquiriram protagonismo dentro do planejamento do PET Educação Física da instituição entre 2021-2023? De modo a responder a questão, o capítulo apresenta cinco ações desenvolvidas em 2021 (Projeto Institucional Geoparque Quarta Colônia; Atividades de Extensão junto ao II Workshop de Prescrição de Exercícios Físicos; Gincana de recepção dos calouros da Educação Física; Descubra UFSM e atividades de extensão junto ao Núcleo de Estudos em Medidas e Avaliação dos Exercícios Físicos e Saúde), quatro em 2022 (Atividades de extensão dos petianos do PET Educação Física; participação do grupo PET Educação Física nos Projetos Institucionais Geoparques Quarta Colônia e Caçapava do Sul; atividades de extensão junto ao III Workshop do PET Educação Física; participação do PET Educação

Física no Descubra UFSM) e quatro em 2023 (participação do grupo PET Educação Física nos projetos institucionais Geoparques Quarta Colônia e Caçapava Do Sul; participação do PET Educação Física no Descubra UFSM; participação do Grupo PET Educação Física no Projeto UFSM Integra; primeiro evento anual dos Grupos PET UFSM e segundo evento anual dos Grupos PET UFSM junto a JAI).

Com o título “Um dia diferente: aprendendo e estimulando a prática de atividades físicas e esportes”, o PET Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia compõe o quinto capítulo da coletânea. Inicialmente os autores apresentam aspectos históricos e os objetivos do programa, assim como sua incorporação ao programa institucional “UFU na escola”, passando, na sequência, a apresentar o percurso percorrido pelo projeto em períodos pré, durante e pós pandemia COVID-19.

O ensino das lutas para cidadania é o objeto da apresentação de ação de extensão exitosa pelo PET Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Assinado por Lucas Emanuel de Oliveira Silva, Victor de Souza Souto Maior Lopes, Matheus da Silva Telles Gomes Brega e Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, , o capítulo sexto tem como ponto inicial de sua incursão a apresentação de um panorama geral das ações desenvolvidas pelo PET/UFJF, passando, paulatinamente, a tratar de modo particular as questões afetas a uma ação específica de extensão voltada às crianças da comunidade externa a universidade por meio do judô (Ensino de lutas para cidadania) e desenvolvida desde 2012. Os autores apontam no manuscrito o processo inicial da elaboração da ação, sua estrutura teórica-filosófica, processo de capacitação, planejamento e execução das ações atinentes ao projeto.

Julia Bergamini Salgueiro, Mateus Silva Oliveira e Rogério Cruz de Oliveira , vinculados ao PET Educação Física da Universidade

Federal de São Paulo, assinam o capítulo sétimo. Com o título “Escola do movimento em movimento: relato de experiência”, os autores relatam a experiência dos petianos frente ao projeto de extensão “Escola do Movimento”, que por intermédio dos esportes coletivos, ginástica funcional e exercícios com o peso do próprio corpo, tem promovido a vivência de práticas corporais e esportivas para a comunidade interna (docentes, discentes e técnicos/as) e seus familiares, bem como dos/as alunos/as da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UAPI) e Cursinho Popular Cardume (CARDUME), com objetivos de promover a saúde em interface com a educação, esporte e lazer.

Com autoria de Maria Isabela Dias Manoel, Rebeca De Paula Sperandio e Helena Altmann, o oitavo capítulo traz a experiência do grupo PET Educação Física da Universidade de Campinas. Com o título “Entre gargalhadas, saltos e cambalhotas: um relato de experiência sobre o projeto culturarte na escola”, o manuscrito brinda os leitores com a apresentação das experiências junto a disseminação da arte em suas diversas facetas junto ao público infantil com enfoque as artes circenses, improviso e encenações tratadas pedagogicamente por intermédio de jogos teatrais em uma escola de Campinas. O texto perpassa pela caracterização histórica da constituição e composição do grupo, o mesmo ocorrendo em relação ao projeto CulturArte.

“Fortalecendo a extensão universitária: PET Educação Física e Lazer-UFMG”, de autoria de Aysel Flavio Quiel, Flávio Marques Vieira e Flávia da Cruz Santos, figura como nono capítulo. Introdutoriamente, os autores trazem a análise histórica sobre a extensão no ensino superior brasileiro, passando, em seguida, tratar da curricularização da extensão. Posteriormente, trazem à baila o trabalho desenvolvido pelo PET Educação Física e Lazer em atendimento de discentes do curso de Educação Física, comunidade universitária vinculada a outros cursos na Universidade Federal de Minas Gerais e comunidade externa por

meio das ações “Tô de boa, tô no campus”, “PETokê”, “Tarde de Jogos” e “Colônias de Férias no Campus”. Entretanto, de modo específico, priorizam o relato da experiência no desenvolvimento das duas últimas ações – “Tarde de Jogos” e “Colônia de Férias no Campus”.

Por fim, o último capítulo traz as contribuições do grupo PET Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que assinado por André Augusto Brites Martins, Giovana Mestriner e Junior Vagner Pereira da Silva, tratam da VIª edição da Colônia de Férias PET Educação Física. Inicialmente os autores realizam uma caracterização conceitual sobre o lazer, pontuando os diversos interesses culturais que o compõem e a importância da iniciação da população, dentre elas a infantil, aos conteúdos desses interesses culturais. Posteriormente, trata das Colônias de Férias como possibilidade de vivência do lazer na infância, sobretudo, a Colônia de Férias Temáticas. Em seguida, os autores apresentam a metodologia utilizada na elaboração do capítulo, passando a descrever o processo de elaboração, desenvolvimento, resultados e avaliação da edição realizada em 2023.

Portanto, observa-se que a presente obra dispõe de um conjunto de capítulos que lançam luz a extensão no contexto universitário, estando os mesmos direcionados a objetivos e públicos específicos, podendo esta coletânea trazer significativas contribuições para o compartilhar, pensar, repensar e recriar ações de extensão no contexto da atuação dos grupos PET Educação Física.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Avaliação do Programa de Educação Tutorial - PET.** (Relatório Final). Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2019.

BRASIL. **Edital Nº 11, de 19 de julho de 2012.** Abertura de criação de novos grupos do Programa de Educação Tutorial. Diário Oficial da União, Seção 3, p. 47-49. Brasília, Secretaria de Educação Superior – Ministério da Educação, 2012.

BRASIL. **Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005.** Institui o Programa de Educação Tutorial – PET. Brasília. Presidência da República, 2005a. Disponível em: <<http://www.unirio.br/prograd/programas-egraduacao/pet/Lei1118023desetembrode2005.pdf>>. Acesso em: 1 de dez. de 2023.

BRASIL. **Portaria MEC nº 3.385, de 29 de setembro de 2005b.** Ministério da Educação. Brasília, 2005b. Disponível em: <<http://www.unirio.br/prograd/programas-degraduacao/pet/portaria338529desetembrode2005.pdf>>. Acesso em: 10 de set. de 2023.

BRASIL. **Portaria nº 1.632 de 25 de setembro 2006.** Dá nova redação ao § 2º do art. 12 da Portaria nº 3.385 de 29 de setembro de 2005, que dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial – PET. Diário Oficial da União, Seção 1, nº 185, p. 23-25. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-1632-2006_198109.html>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

BRASIL. Portaria nº 976, de 27 de julho de 2010. **Diário Oficial da União**, Seção 1, nº 212, p. 40-41. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=14912&Itemid=>>. Acesso em: 13 de dez. de 2023.

BRASIL. **Portaria nº 343, de 24 de abril de 2013.** Altera dispositivos da Portaria MEC nº 976, de 27 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial – PET. Diário Oficial da União, Seção 1, nº 79, p. 23-25. Brasília: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: Portaria nº 343, de 24 de abril de 2013. Acesso em: 13 dez. 2023.

CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Espírito Santo, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007.

DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2011.

SAMPAIO, J. H.; FREITAS, M H. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão - És tu a Universidade que estava por vir ou esperaremos por outra? In: FREITAS, L. G.; MARIZ, R. S.; CUNHA FILHO, J. L. **Educação Superior: princípios, finalidades e formação continuada de professores de Brasília**. Brasília: Universa, 2010. p. 13-32.

CAPÍTULO 2

PET NA PRAÇA OS DESAFIOS NA TRANSPOSIÇÃO DE FRONTEIRAS ... PARA ALÉM DA SALA DE AULA¹

Leonardo Straliote Gonçalves de Oliveira

Luiz Fernando Pires Filho

Samuel da Silva Barbosa

Larissa Michelle Lara

A praça pública é, certamente, uma das imagens que mais se identifica com a filosofia em sua origem [...]. Para alguns, a praça não passa do lugar do vulgo e do comum, e Sócrates, de um charlatão que enganava e corrompia a juventude. Para outros, a praça é o símbolo da democracia ateniense, do 'livre-mercado' de ideias, e Sócrates, o moscargos, que ao picar incomodava [...]. (Dalbosco, 2009, p.15).

Introdução

A universidade é uma instituição extremamente complexa, caracterizada por aprendizados diversos nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão com vistas a uma formação crítica, ética, estética e de engajamento para uma atuação profissional responsável e qualificada. Contudo,

¹ Embora este capítulo tenha sido escrito por três petianos do Grupo PET Educação Física, da Universidade Estadual de Maringá, ele tem a contribuição direta de demais petianos/as que compõem o grupo, sendo eles/as: Antonio Estevão Rodrigues Neto, Caroline Vitória Brazil, Fernanda Vanessa de Barros, Gabriel Carvalho Magalhães, Lucas Santoro, Lucas Fernando Rosa Domingues, Manuela Prata Zanoni e Rafaela Torres Pacheco e Silva. ”

infelizmente, por razões variadas, geralmente relacionadas a desigualdades sociais e à falta de políticas de permanência estudantil, muitos/as universitários/as não conseguem viver intensamente a universidade, limitando-se à aquisição de saberes adquiridos em sala de aula. A necessidade de expandir os limites das recorrentes ‘carteiras e cadeiras’ torna-se cada dia mais urgente mediante a dinâmica da própria vida e de um ensino universitário atento à sociedade hodierna, algo que exige do/a profissional a capacidade de se inventar cotidianamente e de explorar, ao máximo, seu potencial formativo.

A simbologia da ‘praça’ que ora compõe esse capítulo traduz-se em duas perspectivas distintas: a) uma que atenta para a praça como local público, democrático, cotidiano, em que há encontro intergeracional, em que as pessoas transitam livremente, conversam, discutem, relacionam-se, vendem, trocam, aprendem²; b) outra que remete à praça como parte de um projeto de extensão que envolve grupos do Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com a finalidade de compartilhar saberes e apresentar projetos em distintas áreas do conhecimento, estreitando-se, assim, a relação entre universidade e comunidade local.

O objetivo desse capítulo é apresentar a experiência do Grupo PET Educação Física em duas edições do PET na Praça, nos anos de 2022 e 2023, realizadas, respectivamente, em um espaço público e em um pavilhão fechado na cidade de Maringá, Paraná, situada no sul do Brasil. O intuito é refletir acerca de uma forma de ensino e aprendizado que trans-

² Na Grécia antiga, a praça carregava consigo um papel protagonista da organização da pólis, sendo o local que sediava o debate público entre os cidadãos. Como lembra Dalbosco (2009, p. 15), o contato com a praça nos remete a Sócrates ao discutir com jovens em locais abertos de Atenas: “Provocar os jovens para que se deixassem vitimar pelo pensamento, que se deixassem espantar, vendo o incomum no comum, o extraordinário no normal, enfim, a nobreza que perfaz o aparentemente fútil e sem sentido de cotidianidade, talvez essa fosse a intenção original de Sócrates.”

cede a sala de aula, momento em que acadêmicos/as podem refinar habilidades comunicativas e desenvolver novas no contato com um público variado, aproximando a ciência da comunidade, numa linguagem que seja de fácil acesso. Assim, entendemos que compartilhar conhecimento e realizar trocas culturais é fundamental a alunos/as de graduação, haja vista que aprender fora do ‘quadro branco’ é de suma importância para que os/as estudantes abandonem a ideia de que o aprendizado ocorre apenas copiando e ouvindo professor/a ou no acesso à informação disponível em mídias sociais.

O presente capítulo encontra-se organizado em três momentos. O primeiro deles traz enunciados gerais e contextuais acerca de dois espaços em Maringá em que o projeto PET na Praça foi desenvolvido. No segundo, são narradas as experiências com o projeto em duas edições, de 2022 e 2023, em espaços aberto (parque) e fechado (pavilhão) na cidade de Maringá, com características descritivas das atividades desenvolvidas. No terceiro, são realizadas reflexões críticas acerca dessa experiência e do que ela tem ensinado aos/as petianos/as em formação. Com isso, espera-se que as experiências vividas por acadêmicos/as possam ser reverberadas como práticas exitosas de aprendizados diversos e que lancem novos desafios a serem materializados em outros eventos e em sua própria formação.

Construindo a ‘praça’ na cidade de Maringá: percursos contextuais

Depois que tu partiste, tudo aqui ficou tão triste

Que eu *garrei* a *maginã* [...]

Joubert de Carvalho³

A cidade de Maringá, conhecida por suas áreas verdes, pelo Festival de Música Cidade Canção (Femucic), pela arquitetura da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória (com 114 metros de altura) e pela famosa

² Música do compositor Joubert de Carvalho, conforme Krieger [s.d.].

música Maringá, de Joubert de Carvalho, tem sua estrutura marcada pelo planejamento urbano e pelos índices altos de qualidade de vida, quando comparados a outros municípios brasileiros⁴. Com 76 anos em 2023, a cidade deflagra-se ainda como polo educacional, agrícola, de vestuário, de lazer e geração de emprego, que tem atraído inúmeras pessoas que usufruem a cidade de maneiras diversas.

A Universidade Estadual de Maringá, fundada em 1969, tem contribuído diretamente para o desenvolvimento da cidade ao investir na formação profissional, humana, cidadã, bem como na pesquisa e na extensão como modo de aproximar o conhecimento produzido na universidade da sociedade em geral⁵. Essa relação tem sido potencializada a partir de inúmeros grupos na universidade, entre os quais se encontram aqueles que integram o Programa de Educação Tutorial, do Governo Federal, existente desde 1991 na Universidade Estadual de Maringá (UEM). O Grupo PET Educação Física foi um dos primeiros grupos PET da UEM e do Brasil a compor esse Programa, no ano de 1991⁶.

O PET na Praça não se resume a um evento simples para os acadêmicos da UEM e sim uma forma de aproximar a comunidade externa de conhecimentos produzidos por todos os Grupos PET participantes⁷. Dessa maneira, o evento é feito em lugares de fácil acesso à população marin-

⁴Cf. dados disponibilizados pelo ranking nacional “Emprego e qualidade de vida: as 100 melhores cidades para se viver no Brasil”, feito pela consultoria Macroplan Analytics em parceria com a revista Exame no ano de 2021. Nesses dados, Maringá está em primeiro lugar, liderando o ranking também em 2017 e 2018 (Aranha, 2021).

⁵Dados acerca da história da Universidade Estadual de Maringá podem ser conferidos em Universidade Estadual de Maringá [s.d.].

⁶Cf. Gomes (2021).

⁷Os 15 Grupos PET da Universidade Estadual de Maringá são associados aos seguintes cursos: Agronomia, Economia, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia Química, Engenharia Têxtil, Farmácia, Física, Informática, Matemática, Pedagogia, Química, Odontologia e Zootecnia.

gaense, geralmente públicos, com engajamento dos referidos grupos, assim como de convidados/as e demais interessados/as da universidade para comporem o trabalho coletivo, como demais estudantes e professores/as.

O primeiro PET na Praça realizado após a pandemia da Covid-19 ocorreu no dia 22 de maio de 2022, das 8h às 12h no entorno do Parque do Ingá, localizado em região central da cidade. Nesse evento, foram realizadas mostras científicas e várias atividades com as pessoas que passeavam pelo parque, sozinhas ou em família, e que se interessavam em conhecer o que o evento oferecia. O PET na Praça de 2023 também objetivou estreitar as relações entre universidade e sociedade, e ocorreu na festa maringaense conhecida como Expoingá, em um espaço fechado (pavilhão). Os grupos PET desenvolveram o projeto no dia 7 de maio, das 11h30 às 21h30. Cada grupo contou com um estande próprio para exposição e as pessoas passavam por eles para obter informações acerca dos cursos de graduação ofertados pela UEM, dos projetos desenvolvidos naquele espaço, assim como para brincar, jogar e interagir a partir das atividades ofertadas. Mas, por que o PET na Praça aconteceu nesses dois lugares emblemáticos para a cidade de Maringá?

O Parque do Ingá é um dos parques mais antigos de Maringá, que começou suas atividades na década de 1970. Sua inauguração ocorreu no ano de 1971 com a gestão do Prefeito Adriano Valente, o qual tem sido lembrado com sua estátua na entrada do parque. Como espaço simbólico, o parque representa um ponto importantíssimo para o turismo da cidade, além de ser um lugar para a população maringaense passar o tempo com a família e os amigos. Por ser de fácil acesso e ocupar a região central da cidade, além de ponto de encontro de prática de caminhada, ciclismo, atividade física, refeição e artesanato aos domingos, o parque tem se mostrado um espaço público excelente para se compartilhar conhecimentos produzidos na universidade.

A Expoingá é o maior evento de agropecuária de Maringá, realizado anualmente no período que inclui o aniversário da cidade (10 de maio). Teve seu início em 1972 e, desde então, recebe visitantes de todo o Brasil. Por ser um evento de grande porte, compreende uma variedade de atividades que envolvem área agrônômica, tecnologias de última geração, estandes com divulgação de universidades, faculdades e escolas, estandes de ofertas de produtos variados (alimentícios, de vestuário, de construção civil, móveis, carros, tratores, animais, plantas, outros), juntamente com diversas formas de entretenimento, como, shows, apresentações artístico-culturais, rodeios, parque de diversões, entre outras. Assim, o fato da Expoingá contar com a exposição de conhecimentos produzidos por universidades e faculdades maringaenses fez com que os Grupos PET propussem, em 2023, a experiência do PET na Praça.

A realização do PET na Praça nesses dois espaços foi bastante positiva, com a oferta de atividades diversas, em distintas áreas do conhecimento. Ocorreram trocas de experiências e conhecimentos, o que promoveu o estreitamento das relações entre a universidade e a comunidade local. Apesar disso, tais experiências trouxeram algumas reflexões e desafios a serem considerados em próximas edições do projeto, afinal, as travessias são dinâmicas e o aprendizado é reconfigurado a cada etapa do processo formativo em que os conhecimentos vão se acumulando e se refinando. Os êxitos estão nos aprendizados, os quais são constituídos de acertos e erros que direcionam os atores envolvidos a revisar a caminhada.

PET na Praça e experiências formativas: estreitando relações entre universidade e sociedade

O Programa de Educação Tutorial (PET) é uma importante ferramenta de aproximação da universidade com a sociedade por meio dos projetos que desenvolve. A experiência de levar os grupos PET da UEM para espaços públicos na cidade de Maringá é uma forma de interação entre sociedade e universidade, buscando formas de aprendizado que envol-

vem a todos/as. Trata-se de um meio de compartilhar com a comunidade saberes desenvolvidos e democratizá-los numa linguagem acessível para que outras pessoas possam ter acesso a eles, promovendo, dessa forma, relações inclusivas, além de mostrar que a universidade está presente nesse convívio e em suas diversas formas de participação na sociedade. Portanto, o intuito dessas atividades é gerar o interesse das pessoas pelo conhecimento, fazendo com que essa troca de experiência possa, de alguma forma, propiciar aprendizados mútuos. Como observam Brêtas e Pereira:

A extensão, como prática acadêmica, visa a interligar a universidade em suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas da sociedade, buscando respeitar o compromisso social da universidade. A relação entre extensão e pesquisa ocorre, sobretudo, pelo papel que esta passa a desempenhar como (re) criadora de conhecimentos, além de contribuir para a transformação da sociedade (Brêtas; Pereira, 2007, p.322).

PET Educação Física no Parque do Ingá: conhecimentos e brincados críticos que acionam leituras de mundo

Ao tematizar a cultura na rua, Brandão (1989) afirma que pelos mais diferentes motivos, a cultura interrompe sua sequência cotidiana e demarca seus momentos de festejo. “Instantes dados à casa ou ao quintal, à igreja, à praça ou à rua em que cada um, alguns ou vários de nós somos, singular ou coletivamente, chamados à cena [...]”. Foi justamente nesse instante especial, de ruptura com a cena cotidiana, que se deu o projeto PET na Praça em um parque público de Maringá, com a participação de pessoas que visitavam o parque por motivos diversos, desde uma prática de atividade física até usufruto da área de lazer com a família.

A experiência do PET Educação Física no Parque do Ingá foi movida por grande ansiedade, haja vista ter sido o primeiro evento de extensão pós-pandemia realizado pelo grupo. Muitos dos participantes ainda

não tinham vivido experiência similar de contato com o público. Assim, nesse evento, foi possível entender, pelo menos introdutoriamente, o significado da extensão que compõe o tripé universitário.

Nesse evento, os grupos PET participantes foram organizados em comissões. O grupo da Educação Física (com colaboração de outros grupos) ficou responsável pela infraestrutura do evento, basicamente, montar e desmontar a estrutura do local, composta por carteiras dispostas lateralmente na rua em frente ao parque, interrompida para o trânsito de veículos. Esse encontro começou a ser planejado meses antes, mas, apesar disso, houve alguns problemas de comunicação entre petianos/as, o que culminou, por exemplo, na falta de alguns materiais nas atividades planejadas e ausências não justificadas de componentes do grupo. As atividades planejadas e relacionadas ao PET Educação Física envolveram: a) banner com disciplinas que compõem as subáreas sociocultural, pedagógica e biodinâmica da educação física, com tarjas móveis a serem incluídas ou complementadas pelos participantes; b) banner com esqueleto humano, com tarjas móveis com nomes dos ossos a serem alocados adequadamente na figura; c) alongamentos com música; d) conversas relacionadas à área de conhecimento em Educação Física e suas possibilidades profissionais; e) brinquedos críticos⁸ voltados a temas como trabalho, gênero e saúde, numa parceria com o projeto da Ludoteca, do Departamento de Educação Física da UEM, e auxílio direto do

⁸O processo da produção desse material didático-pedagógico (jogo ou brinquedo crítico) apresenta possibilidades objetivas para o domínio das capacidades humanas no seu dever quanto a reprodução do que é concreto, real, de maneira a superar o pensamento empírico e as especulações que são produzidas pela realidade. A passagem do pensamento empírico (e real), para o pensamento científico por meio da elaboração e materialização de um brinquedo ou de um Jogo de papéis, inédito, busca, a partir da prática social inicial (cunho filosófico e, não, procedimental), da problematização e da instrumentalização desvelar a natureza do ensino e da aprendizagem junto ao processo que diz respeito a catarse, de modo a retornar a mesma prática social, mas como ponto de chegada, incorporando, de forma sistemática, a realidade social em um brinquedo.” (Oliveira, 2017, p. 220).

Prof. Dr. Rogerio Massarotto de Oliveira⁹ e alunos/as da graduação que participaram da confecção desses brinquedos como atividade avaliativa de disciplinas relacionadas a jogos e lazer no curso (Recreação e Teoria dos jogos).

Em relação aos brinquedos críticos desenvolvidos em disciplinas do curso e alocados na Ludoteca, quatro foram selecionados para o PET na Praça. O primeiro se tratava de um brinquedo que criticava o trabalho inadequado e explorado, composto por uma esteira. Nela se colocava uma matéria prima, como, por exemplo, borracha e ferro. Ao se rolar a esteira de trabalho com esses elementos, verificava-se as consequências causadas ao trabalhador caso ele não estivesse utilizando equipamentos de proteção ou, até mesmo, consequências decorrentes de muitas horas de exposição a essas matérias. O brinquedo alertava para o fato de que a produção da borracha, por exemplo, poderia causar câncer ou tumores ao trabalhador. Como enunciam Neves *et al.* (2006, p. 1), há evidências “[...] de aumento do risco de tumores de estômago e do trato aerodigestivo superior e, possivelmente, por câncer em geral em trabalhadores de empresas de pequeno porte da indústria da borracha quando comparados aos trabalhadores das grandes empresas”. Assim, por meio desse brinquedo, mostrava-se às pessoas, de forma lúdica, como longas jornadas de trabalho e a falta de equipamentos de segurança são prejudiciais física e psicologicamente à saúde e bem-estar dos trabalhadores.

O segundo brinquedo crítico era jogado por dois participantes. Numa espécie de mesa, ficava uma bolinha no centro, e cada participante dispunha-se em uma extremidade. Cada um deveria inclinar a mesa para que a bolinha fosse conduzida até as atividades que eles achassem

⁹O PET Educação Física externa seus agradecimentos ao Prof. Dr. Rogerio Massarotto de Oliveira e a alunos/as de disciplinas ministradas por ele, a convite do nosso grupo, pelo acolhimento, envolvimento e aprendizados que nos propiciaram com os brinquedos críticos, além dos saberes compartilhados com o público local na realização do PET na Praça.

saudáveis. O intuito era conscientizar os participantes acerca de hábitos saudáveis de forma dinâmica, por meio do movimentar-se, valorizando-se a diversão e o componente lúdico.

O terceiro brinquedo tinha por foco os estereótipos de gênero, a orientação sexual e o trabalho. Nele, havia uma pirâmide e, em cada lado, uma classificação: homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, diversas identidades de gênero. Em cada uma dessas classificações havia também um boneco. O jogador deveria vesti-lo com base na orientação sexual, na identidade de gênero e na profissão, designando o trabalho que melhor o representasse. Os estereótipos de gênero e sexualidade associados aos bonecos e suas profissões eram, então, discutidos, de modo a refletir acerca de como esses estereótipos influenciam a percepção social de diferentes identidades.

Por fim, o quarto brinquedo levado para o PET na Praça era relacionado ao trabalho. Tratava-se de um jogo realizado em dupla. Cada lado do brinquedo possuía níveis de escala e a cada acerto eles subiam um nível. Ao chegar ao nível máximo, ambos puxavam uma alavanca e os meios de produção que estavam em uma pirâmide, como borracha e ferro, caíam. Esperava-se, com isso, que os participantes se conscientizassem em relação ao local de trabalho e à exploração dos trabalhadores. A Figura 1 apresenta imagens das atividades desenvolvidas.

Figura 1. PET na Praça no Parque do Ingá, em 2022.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/UEM – 22/05/2022.

Em relação à nossa experiência com o público nesse evento, o terceiro brinquedo levado pela Ludoteca, citado anteriormente, foi alvo de críticas por conta do conteúdo dessa atividade. Vários pais presentes no espaço não gostaram e acusações relacionadas a 'ideologia de gênero' foram recebidas pelo grupo. Contudo, a atividade não se tratava de ideologia de gênero, mas, sim, identidade de gênero, que está relacionada à construção identitária da pessoa e ao gênero com o qual ela se identifica, buscando, com isso, formas de conscientização em relação ao tema e a possibilidades de existir. O brinquedo também levava a reflexões acerca da orientação sexual, haja vista a presença de termos relacionados a qualidades de gênero-sexo pelas quais a pessoa sente desejo ou atração sexual e/ou afetiva. Como observa Butler (2015, p. 85), os “[...] enquadramentos normativos estabelecem de antemão que tipo de vida será digna de ser vivida, que vida será digna de ser preservada e que vida será digna de ser lamentada. Essas formas de encarar a vida permeiam e justificam implicitamente as guerras contemporâneas”. Nessa direção, entendemos que o brinquedo que levamos ao evento provocava reflexões e as respostas a ele nos mostravam o quanto a sociedade ainda precisa se desenvolver em vários aspectos, a exemplo do entendimento relacionado à identidade de gênero, ou seja, e à sexualidade, de modo a mostrar que toda vida é digna e que todas as pessoas devem ter os mesmos direitos.

A experiência com o brinquedo relacionado a gênero e trabalho não teve, no nosso entendimento, o êxito almejado, porque temas complexos precisam de um tempo-espço de maior contato para serem explorados na profundidade que merecem. Não havia separação de brinquedos por faixa etária e várias crianças queriam jogar alguns jogos que se tornavam complexos para a sua idade, o que era informado pelo grupo. Mesmo assim, algumas quiseram passar pela experiência. Em geral, houve curiosidade e motivação do público presente em relação às atividades ofertadas.

A parceria com a Ludoteca foi de grande aprendizado e os brinquedos críticos fizeram diferença significativa no estande do Grupo PET, embora não sem dificuldades. Alguns dos brinquedos críticos apresentados tiveram participação direta de petianos/as, os/as quais, juntamente com outros/as acadêmicos/as, sabiam exatamente os caminhos para o pleno desenvolvimento do brinquedo. Contudo, membros do PET que não acompanharam o processo de confecção dos brinquedos por não integrarem a disciplina em que essa experiência se estruturou como atividade avaliativa sentiram dificuldade em compreendê-la, o que culminou em certo desinteresse.

No dia do evento, foi entregue aos/às petianos/as uma ficha com orientações acerca do funcionamento de cada brinquedo, porém, a explicação realizada pelo professor responsável pela Ludoteca foi, apesar de seu mérito, insuficiente para que os/as petianos/as apreendessem o brinquedo como deveriam e como gostariam. Consequentemente, devido a esse fato, o grupo PET perdeu o protagonismo na explicação desses brinquedos, que ficou com alunos/as da Ludoteca, com exceção para três petianos/as que participaram do processo de construção dos brinquedos. Apesar das dificuldades, a experiência de parceria com a Ludoteca foi de grande aprendizado para o grupo, estimulando-o a se fundamentar previamente para o desenvolvimento das atividades.

As atividades práticas desenvolvidas com a comunidade participante foram, em geral, bem acolhidas. O público da terceira idade identificou-se com a atividade de alongamento e participou da dinâmica em alguns momentos. Os jogos críticos foram realizados por crianças, adolescentes e adultos, sendo, em geral, bem recebidos, embora com algumas ressalvas relacionadas ao brinquedo voltado a problemáticas de gênero, sexualidade e trabalho (como abordado) e algumas dificuldades de entendimento de um ou outro brinquedo. Mas, sem dúvidas, a atividade do banner com o esqueleto humano foi o que fez maior

sucesso com as crianças, despertando a curiosidade dos pequenos ao terem que relacionar as imagens dos ossos aos seus respectivos nomes. O assunto bastante discutido com o público adolescente foi a iniciação à prática de musculação e dúvidas frequentes em relação ao tema em si.

A experiência realizada por meio desse evento, em praça pública, foi ampla e de grande significado ao grupo PET Educação Física, assim como aos vários grupos organizadores da atividade. Ela foi, certamente, diferente do evento ocorrido no parque de exposições, em que os grupos se organizaram em estandes, num ambiente fechado, o que implicou, também, num público diferenciado e com outras motivações.

PET Educação Física no parque de exposições: conhecendo o curso e o campo profissional

O PET na Praça, desenvolvido no Parque Internacional de Exposições de Maringá, propiciou a petianos/as o contato com diversas pessoas de fora do âmbito da universidade, com várias trocas de aprendizados e informações (Maringá Histórica, 2018). Nesse espaço, levamos atividades para apresentar o curso de Educação Física da UEM, buscando expor para as pessoas o que produzimos no interior da nossa universidade, de uma maneira que gerasse o interesse da comunidade presente. Apesar de estarmos em um ambiente fechado (pavilhão) pequeno para a exposição junto com outros grupos de expositores da universidade, e embora tenhamos concorrido com diversas atrações no amplo espaço do parque, fazendo com que os visitantes perdessem o foco em determinadas atividades ou acabassem nem participando delas, foi uma experiência importante para o grupo, principalmente para os/as novos/as petianos/as.

Dada a limitação de metragem do local em que petianos/as de Educação Física ficaram, apenas duas atividades foram desenvolvidas. Uma delas foi um quiz, denominado ‘fato ou fake’, elaborado na forma de fichas plastificadas com informações alusivas ao curso de Educação Física. Por meio dele, o grupo problematizou, junto aos participantes, verdades e mentiras recorrentes na sociedade em relação ao curso. Os/as participantes precisavam ler a ficha e dizer se consideravam a ideia verdadeira ou falsa, bem como os motivos dessa afirmação. A partir da resposta do/a participante, o grupo dialogava acerca do assunto, buscando sempre gerar seu interesse pelo tema. Foram feitas 30 cartas plastificadas para reaproveitamento em outros eventos, em que constava, por exemplo, a seguinte afirmação: “É preciso ser atleta para se dar bem no curso de educação física!”. A partir da resposta, a explicação do grupo dialogava com a do/a participante para explicar que o curso, no contexto atual, é bastante amplo e aberto a todos/as que tenham interesse, independentemente de sua experiência corporal, de sua afinidade com o esporte ou das habilidades desenvolvidas. O intuito era informar que o curso habilita para ser professor/a ou para ser profissional a atuar em espaços para além da escola e que as práticas corporais trabalhadas pela educação física não se resumem ao esporte, abarcando também os jogos, as danças, as lutas, as ginásticas e as diversas formas de exercício e atividade física em diferentes espaços e envolvendo distintos marcadores sociais¹⁰.

A segunda atividade consistiu no conjunto de instrumentos/símbolos comumente utilizados no curso de Educação Física, sendo eles: bola de handebol, reco-reco, balança de bioimpedância, fita da gi-

¹⁰Os marcadores sociais de diferença são formas de reconhecer os sujeitos em sua construção identitária e estão relacionados a elementos que acionam particularidades individuais e coletivas. Tais marcadores contribuem para que possamos olhar a sociedade não como um todo harmônico, mas como formada por pessoas e grupos distintos que precisam não apenas ser tolerados, mas reconhecidos e assistidos em suas necessidades existenciais e em suas lutas por direitos”. (Lara, 2023, p. 220).

nástica rítmica, bola de futebol americano e cartões com as subáreas biodinâmica, sociocultural e pedagógica¹¹ estudadas no curso. O objetivo principal dessa atividade foi atrair a curiosidade da comunidade presente e, conseqüentemente, o seu interesse pelo curso e pelo que ele tem a oferecer, haja vista que as disciplinas são bastante diversas, assim como o campo de atuação profissional. A Figura 2 ilustra as atividades do grupo nesse espaço.

Figura 2. PET na Praça no Parque Internacional de Exposições de Maringá.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/UEM – 07/05/2023.

Em relação ao público com o qual tivemos contato nas atividades realizadas no PET na Praça, observamos que esse era bastante variado em questão de estilo, nível de escolaridade e idade. Esse era, certamente, um dos nossos objetivos, ou seja, ter contato com qualquer indivíduo que tivesse interesse no curso ou, até mesmo, só a curiosidade do saber. Essa experiência agregou tanto ao público presente quanto a petianos/as, com implicações positivas na forma como desenvolvemos a oratória, nas formas de explicação para um público leigo, no domínio do conhecimento, entre muitas outras virtudes que esse contato

¹¹Em relação às subáreas biodinâmica, sociocultural e pedagógica da educação física brasileira, Cf. Daolio (2007).

pode proporcionar, como os elos entre a comunidade e a universidade. Como lembram Tauchen e Fávero (2011, p. 406):

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é um imperativo expresso no artigo 207 da Constituição brasileira de 1988, o qual afirma que ‘as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão’. Afinal, qual a importância desse princípio da indissociabilidade para a concepção de universidade e para a produção do conhecimento no contexto universitário? Como se materializa a articulação entre ensino, pesquisa e extensão por meio das atividades docentes universitárias?

Apesar dessa experiência ser avaliada como positiva pelo grupo, não há como fechar os olhos para problemas enfrentados no local relacionados a outros estandes que levaram a distrações, tirando o foco na universidade e em sua mostra de conhecimentos científicos. Em virtude dos estudos produzidos para a sociedade, defesa da ciência, combate à desinformação e *fakenews*, a mostra oferecida pela universidade como um todo deveria ter ampla visibilidade e espaço adequado para melhor usufruto dos projetos apresentados. Contudo, os estandes da universidade concorriam diretamente com o estande da polícia civil do Paraná, em que as pessoas podiam realizar tiros com armas de *airsoft* em um alvo cuja representação era a do corpo humano e sair com o seu resultado (tiros no corpo de papel) na mão¹². Havia inúmeros interessados nessa prática, com filas enormes para atirarem no alvo. Mas, e para os estandes da universidade, para o acesso à ciência? Para esses, não havia fila. Isso não significa que a universidade tinha vários estandes e que as pessoas se

¹²Cf. Estande da Polícia em feira agro do Paraná ensina adolescentes a dar tiro (Diário do Centro do Mundo, 2024).

distribuíam muito bem neles. Não! Estamos dizendo que a mobilização pública, em grande proporção, não era para a ciência, mas para a experiência de tirar a vida do/a outro/a.

A participação do grupo nesse evento foi de grande aprendizado e ganho de conhecimento. É gratificante poder proporcionar essa vivência aos participantes (embora poucos) que demonstraram interesse nas atividades e saber que existem apoiadores e interessados nos conhecimentos que produzimos, pois esse é nosso principal objetivo, qual seja, trazer a sociedade para se apropriar do mundo da universidade. Essa experiência fez com que ficássemos mais empenhados a levar melhores dinâmicas e atividades futuramente, bem como buscar alternativas para que a ciência se faça mais atrativa e estimulante, bem mais do que a simulação de tirar a vida em alvo que simboliza o corpo humano. Esse é mais um desafio posto à universidade e a todos/as nós.

Considerações finais: a praça ensina ... que venham os desafios

Uma cidade é definida a partir da comunidade que nela está inserida, o que faz com que a comunicação e as interações sociais sejam fatores essenciais para o bem-estar da população. Alguns locais urbanos, como parques, quadras e praças permitem que as pessoas interajam de diferentes maneiras, independente de comportamentos pré-estabelecidos em outros locais, como no ambiente de trabalho. A praça pública carrega uma simbologia e uma dimensão histórico-social de extrema relevância, presente em civilizações desde os tempos antigos. Por isso, ela deve ser percebida como um espaço que torna a vida criativa possível, apesar de impasses que, porventura, extraíam a magia da praça, sobretudo relacionados à violência que acomete inúmeras cidades.

A frieza urbana oriunda da lógica capitalista tem dificultado às pessoas de terem uma vida social e afetiva usufruída de forma satisfatória, com tempo, sentido e significado. É devido a esse fato, análogo ao

avanço da tecnologia e a um período pós pandêmico no qual a sociedade ainda demonstra resquícios traumáticos de um distanciamento social, que as praças tomam um papel cada vez mais importante na sociedade. Elas são espaços de sociabilização, onde pessoas se encontram para usufruto do lazer, da recreação, do aprendizado ou apenas da quebra da rotina em que se inserem diariamente.

A praça tornou-se símbolo de liberdade ao exceder os limites físicos do espaço em que é inserida. Ainda que diferentes locais exerçam funções parecidas para grupos específicos, a praça tem o poder de romper essa separação de nichos populares, não apenas agrupando grande diversidade de personalidades em um mesmo local, mas permitindo que diferentes pessoas possam agir, dialogar, pensar e existir.

O desenvolvimento do PET da Praça, em dois locais da cidade de Maringá (Parque do Ingá e Parque Internacional de Exposições) possibilitou ao grupo PET Educação Física ter o contato com diferentes públicos, dialogar com as pessoas para saber de seu interesse e conhecimento do curso, apresentar estudos e pesquisas que o curso desenvolve, usar uma linguagem comunicativa de fácil interlocução, entre outros aprendizados. Contudo, apesar dos aspectos positivos, não podemos deixar de lembrar algumas dificuldades e também reflexões que o grupo PET faz em relação a esses espaços, sobretudo no que se refere à realização do PET na Praça no parque de exposições.

O PET na Praça, realizado em 2022 no Parque do Ingá, teve ampla interação popular, embora não sem seus pontos contraditórios. Algumas atividades não tiveram a adesão esperada e alguns jogos geraram certa crítica pelo fato de problematizarem temas que a sociedade ainda tem dificuldades de assimilar, a exemplo da identidade de gênero. É comum atividades realizadas em espaços públicos divergirem opiniões, porém, é necessário que se construam percursos enriquecedores para o diálogo, respeitando-se quaisquer características pessoais dos/as participantes.

Já o PET na Praça, realizado em 2023 em um dos pavilhões do parque juntamente com outros estandes da UEM e faculdades de Maringá, concorreu com todas as atrações da festa, como shows, brinquedos do parque de diversão, exposição de carros, móveis, artefatos em couro, comida, bebida, jogos, entre outros. Logo, são muitos atrativos ao mesmo tempo e, por vezes, as pessoas precisam selecionar o que darão preferência. Em áreas públicas, o projeto segue em paralelo com outros acontecimentos de maneira mais equilibrada.

O espaço do parque de exposições requer o pagamento de entrada, o que limita a ampla participação popular, inclusive de famílias numerosas. Além disso, os preços abusivos cobrados por certos alimentos e bebidas, o que implicou em denúncias a órgãos de proteção e defesa do consumidor¹³, torna essa ‘praça’ carente em sua simbologia pública, alimentada por fins privatistas de um grupo pequeno da sociedade maringense que organiza tal evento. Em complemento, seria importante que o PET na Praça também fosse desenvolvido em regiões periféricas (não centrais) na cidade de Maringá, haja vista que outros parques poderiam ser atrativos a determinados grupos de pessoas que exercem seu lazer local a partir do que o bairro oferece. Essa é, certamente, uma realidade a ser pensada pelo coletivo de Grupos PET da universidade.

Avaliamos que o PET na Praça deve manter sua característica pública, de acesso livre, de compartilhamento dos saberes produzidos na universidade para aqueles/as que transitam livremente e fazem suas escolhas nesses espaços. Como lembram Robba e Macedo (2010), a praça deve ser um local para todos os tipos de pedestres, independente de gênero, cor, idade, habilidades e limitações de cada pessoa. Tal ideia se mostra ainda mais presente nos dias de hoje, pois grande parte da população não dispõe de fácil acesso ao conhecimento produzido nas uni-

¹³Cf. Procon verifica denúncias dos consumidores e notifica expositores na Expoingá (Iore, 2023).

versidades. A ciência como um todo não deve ser mantida como uma propriedade privada. É dever de quem possui tais benefícios encontrar maneiras e locais para difundir e democratizar conhecimentos para a população que tem esse direito negado. A praça pode ser uma ponte para o rompimento dessa privação do conhecimento científico, tendo em vista a variedade de pessoas que a frequentam, aliado à liberdade de expressão que se faz presente nesse local.

Para concluir, entendemos que refinar o projeto para que possa ser executado de forma melhorada em outras edições, em conjunto com outros grupos PET, é um fator que nos motiva. Ao mesmo tempo que ampliamos nossa formação e exercitamos a relação com a comunidade, levamos ciência para todas as pessoas, independente de etnia, gênero ou classe social, considerando algumas dificuldades. É evidente que a propagação da ciência em praças se estende somente até certo ponto, devido às limitações espaciais e estruturais que geram desvantagens no acesso aos saberes, se comparado aos locais especializados e apropriados para os temas pedagógicos e científicos. Contudo, há o entendimento de que esses espaços devem ser utilizados como uma ferramenta de auxílio, de aproximação com a comunidade local, de compartilhar experiências e motivá-las a, quiçá, viver experiências enriquecedoras na universidade. Assim, entendemos ser comum que o primeiro contato com a ciência tire o indivíduo de sua zona de conforto, porém, isso não significa necessariamente algo negativo, pois opiniões divergentes são cruciais para um debate científico que, com adequada mediação, pode acarretar efeitos positivos em relação às práticas propostas. Uma vez estabelecida essa conexão, deve-se procurar mantê-la de forma adequada, sem imposições que possam gerar desinteresse ou afastamento das pessoas. Afinal, é papel da universidade estreitar os laços com a sociedade e colocar a ciência a serviço da população.

REFERÊNCIAS

ARANHA, C. Emprego e qualidade de vida: as 100 melhores cidades para se viver no Brasil”. Consultoria Macroplan Analytics, **Exame**, São Paulo, 9 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://www.macroplan.com.br/emprego-e-qualidade-de-vida-as-100-melhores-cidades-para-se-viver-no-brasil/>>. Acesso em: 22 de out. 2023.

BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

BRÊTAS, J. R. DA S.; PEREIRA, S. R. Projeto de extensão universitária: um espaço para formação profissional e promoção da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Manguinhos, v. 5, n. 2, p. 317-327, 2007.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão; Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DALBOSCO, C.A. O louco na praça. In: CASAGRANDE, E. A.; TROMBETTA, G. L.; PICHLER, N. A. **Filosofia na praça**: conhecimento, ética e cultura. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009. p. 15-17.

DAOLIO, J. O ser e o tempo da pesquisa sociocultural em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Espírito Santo, v. 29, n. 1, p. 49-60, 2007.

Estande da polícia em feira agro do Paraná ensina adolescente a dar tiro. **Diário do Centro do Mundo**, Curitiba, 8 de mai. de 2023. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/estande-da-policia-em-feira-agro-do-parana-ensina-adolescentes-a-dar-tiro/>>. Acesso em: 19 de out. de 2023.

GOMES, L. Conversa PENSada comemora 30 anos do Programa de Educação Tutorial. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 14 de out. de 2021. Disponível em: <http://www.asc.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=26152:conversa-pensada-comemora-30-anos-do-programa-de-educacao-tutorial-2&catid=986:pagina-central&Itemid=211>. Acesso em: 22 de out. de 2023.

Histórico – Universidade Estadual de Maringá. Universidade Estadual de Ma-

ringá, Maringá, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.uem.br/a-uem/historico>>. Acesso em: 17 de out. de 2023.

KRIEGER, F. Maringá, Maringá... Há 90 anos, estreava em disco a canção que virou nome de cidade. **Instituto Moreira Sales**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <<https://discografiabrasileira.com.br/posts/245508/maringa-maringa-ha-90-anos-estreava-em-disco-a-cancao-que-virou-nome-de-cidade>>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

IORE, A. Procon verifica denúncias dos consumidores e notifica expositores na Expoingá. **Prefeitura de Maringá**, Maringá, 12 de mai. de 2023. Disponível em: <<http://www3.maringa.pr.gov.br/site/noticias/2023/05/12/procon-verifica-denuncias-dos-consumidores-e-notifica-expositores-na-expoinga/41431>>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

LARA, L. M. Marcadores sociais de diferença, relações de poder e desafios à educação decolonial. In: SGRÓ, M.; CENCI, A. V.; GOERGEN, P.(org.). **Educación, estado y democracia: más allá del neoliberalismo**. Passo Fundo: EdiUPF; Buenos Aires: Unicen, 2023. p. 219-239.

MARINGÁ HISTÓRICA. **A história da Expoingá**. YouTube. Maringá, 9 de maio de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uJuyR_Vj3T8. Acesso em: 19 out. 2023.

NEVES, H.; MONCAU, J.E.C.; KAUFMANN, P.R.; WÜNSCH FILHO, V. Mortalidade por câncer em trabalhadores da indústria da borracha de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 271-279, abr. 2006.

OLIVEIRA, R. M. **A organização do trabalho educativo com o jogo na formação de professores de educação física**. Tese (Pós-graduação em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras - public squares in Brazil**. São Paulo: Edusp, 2010.

TAUCHEN, G.; FÁVERO, A. O princípio da indissociabilidade universitária: dificuldades e possibilidades de articulação. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, n. 33, p. 403-419, 2011.

CAPÍTULO 3

A PARCERIA ENTRE O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA (UFPR) E O CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE PARANAENSE: UMA IMERSÃO EXTENSIONISTA

Luiz André Kletemberg de Oliveira

Débora Maria Russo

André Mendes Capraro

Introdução

O presente capítulo tem como objetivo apresentar um relato de experiência da parceria entre o Programa de Educação Tutorial em Educação Física (PET-EDF) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Centro de Memória do Esporte Paranaense (CMEP) da Secretaria de Estado do Esporte (SEES), destacando a relevância dessa colaboração para o campo da Educação Física e a preservação da memória esportiva na região. Este capítulo visa, assim, contribuir para a coletânea "Programa de Educação Tutorial - práticas exitosas de extensão em Educação Física", tendo em conta que almeja compartilhar a experiência do PET-EDF e sua integração com iniciativas de memória esportiva.

O PET é uma iniciativa presente em diversas universidades públicas do Brasil. Ele se baseia na indissociabilidade da tríade pesquisa, ensino e extensão, ou seja, os pilares fundamentais da formação acadêmica. De acordo com Antônio Carlos Gil (2008), a pesquisa engloba a busca constante por

novos conhecimentos, aprimorando a compreensão dos fenômenos em diferentes campos; o ensino visa a transmissão desse conhecimento, capacitando estudantes e promovendo o aprendizado; por fim, a extensão tem como objetivo aplicar esse conhecimento na sociedade, promovendo a interação entre a academia e a comunidade.

Desta forma, uma das ações extensionistas do PET-EDF é a manutenção do Centro de Memória do Departamento de Educação Física (CEMEDEF-UFPR), entidade que desempenha um papel crucial na preservação da memória dos estudantes de Educação Física desta instituição. Ele atua como um repositório de documentos, registros e objetos que, articulados, representam a história acadêmica e esportiva da própria UFPR. A importância desse espaço de memória, conforme descrito por Oliveira Júnior (2015), reside na conservação da rica trajetória educacional e esportiva da universidade, permitindo que gerações futuras conheçam e se inspirem nesse legado. Além de preservar sua própria memória, o CEMEDEF-UFPR estabeleceu uma colaboração significativa com o CMEP-SEES. Essa parceria permite a troca de conhecimento e recursos, enriquecendo a preservação da memória esportiva no Paraná. A união de esforços entre essas duas entidades ampliou a visibilidade institucional e acentuou a importância do trabalho de preservação da memória local.

Este capítulo busca explorar em detalhes essa colaboração entre o PET-EDF da UFPR e o Centro de Memória do Esporte Paranaense, destacando como essa união fortaleceu a missão de preservação e promoção da memória esportiva, acadêmica e institucional. Ao compartilhar essa experiência, visa-se apresentar uma prática exitosa de extensão em Educação Física (por meio de um grupo PET que, por sua vez, tem alunos atuando no Centro de Memória do referido curso) e a sua relevância - não só na formação acadêmica - mas também na preservação da memória e cultura da comunidade esportiva paranaense. A experiência partilhada neste capítulo não apenas ressalta o êxito da extensão universitária em Educação

Física, mas também realça sua relevância abrangente. Além de impactar positivamente a formação acadêmica dos estudantes envolvidos, a colaboração entre o PET-EDF e o CMEP-SEES desempenha um papel fundamental na preservação da memória e da cultura da comunidade esportiva paranaense.

Programa de Educação Tutorial em Educação Física

Esta seção detalha de forma geral o PET-EDF, seus objetivos e ações, bem como os detalhes sobre seu funcionamento vinculado ao curso de Educação Física. O PET-EDF da UFPR é uma iniciativa que visa enriquecer a formação de acadêmicos. Conforme destacado no trabalho de Oliveira *et al.* (2023), o PET-EDF da UFPR tem como objetivo geral ampliar o repertório de experiências sociocorporais dos acadêmicos de Educação Física. Isso é alcançado por meio do contato com práticas corporais integrativas realizadas em ambientes urbanos ou naturais. Além disso, este programa tem o propósito de estimular o interesse pela pesquisa e promover a produção científica nessa área. Portanto, visa não apenas a formação acadêmica, mas também a ampliação do horizonte de experiências dos futuros professores de Educação Física.

O PET-EDF opera com base nos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Para alcançar seus objetivos, adota uma abordagem multifacetada, que abrange diferentes áreas de atuação.

Ensino: promove ações de ensino por meio de palestras e oficinas. Estas atividades, conforme detalhado por Oliveira *et al.* (2023), oferecem oportunidades para a troca de conhecimentos entre acadêmicos e a comunidade, contribuindo para a formação inicial dos futuros professores de Educação Física. Mesmo em períodos desafiadores, como a pandemia de COVID-19, o programa adaptou-se e utilizou estratégias formativas digitais para manter suas atividades de formação.

Pesquisa: conta com grupo de estudos e colabora na elaboração de artigos de relatos de experiência individual, o que incentiva o interesse pela pesquisa e investimento na produção científica, conforme observado no próprio regimento dos grupos PET'S, instituído pela Lei nº 11.180/2005 e regulamentado pelas Portarias nº 3.385/2005, nº 1.632/2006 e nº 1.046/2007 (Ministério da Educação, 2022).

Extensão: mantém ações de extensão em diversos contextos, como o projeto de extensão "Sem Fronteiras" (PSF), onde os acadêmicos realizam práticas integrativas com adultos maduros e idosos; o envolvimento com escolas municipais, como a Escola Municipal Paulo R. Guimarães Esmanhoto, na qual as práticas integrativas são realizadas com crianças de cinco a dez anos; o CEMEDEF-UFPR e o CMEP-SEES, que trabalham na memória esportiva do Paraná; e, por fim, uma parceria com o Clube Curitibano, atuando no apoio à preparação física de atletas de alto desempenho da modalidade natação. Essas atividades não apenas beneficiam as comunidades interna e externa à universidade, mas também enriquecem a formação dos acadêmicos, proporcionando experiências práticas e oportunidades de iniciação à docência ou ao trabalho profissional. O PET-EDF da UFPR, assim, destaca-se por sua abordagem abrangente que integra experiências educativas sociocorporais, pesquisa e extensão, preparando os futuros professores/profissionais de Educação Física para compreender a complexidade das práticas corporais e seu impacto em diferentes contextos sociais e educacionais, usando de tais práticas com sapiência.

A próxima seção do capítulo explora a conexão do PET-EDF com o CEMEDEF-UFPR e suas implicações na preservação da memória acadêmica, esportiva e institucional e, posteriormente, essa conexão com o CMEP-SEES, entidade similar vinculada ao Governo do Estado do Paraná.

O Centro de Memória do Departamento de Educação Física da UFPR

O CEMEDEF-UFPR desempenha um papel fundamental na preservação da memória desta área na cidade de Curitiba e no estado do Paraná, inclusive é um espaço de preservação de memória conhecido nacionalmente (principalmente, pelos pesquisadores da história da Educação Física). Nesta seção, será detalhado como foi a criação do CEMEDEF-UFPR e a sua importância na salvaguarda de acervo material, iconográfico e documental relacionado à área de Educação Física local.

O CEMEDEF-UFPR foi fundado em 2004, com o propósito principal de recuperar, preservar e divulgar o acervo relacionado à Escola de Educação Física e Desportos do Paraná. Esta Escola, originalmente uma entidade privada, criada em 1942, desempenhou um papel pioneiro na oferta de cursos de Educação Física no estado do Paraná. Mais tarde, foi estadualizada, especificamente no ano de 1956. Somente em 1977 foi integrada à UFPR, tornando-se parte permanente da atual universidade. O CEMEDEF-UFPR está vinculado desde o seu surgimento ao Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS), embora mantenha sua gestão autônoma. Ele é responsável por receber e organizar materiais, tanto da antiga Escola quanto do atual Departamento. Além disso, serve como um arquivo administrativo para consultas a documentos diversos, como atestados, diplomas e certificados (Moro; Godoy, 2006).

Como mencionado por Moro e Godoy (2006), duas das fundadoras deste espaço de memória, o processo de constituição do CEMEDEF-UFPR é uma resposta ao desafio de preservar fontes documentais relacionadas à Educação Física e práticas corporais paranaenses. Foi durante a participação em projetos de pesquisa sobre a história das práticas corporais escolares e da constituição da Educação Física escolar no estado do Paraná que surgiu a necessidade de se criar um local dedicado à preservação dessas fontes. Este Centro de Memória foi concebido com objetivos claros, como

os de levantar, organizar, catalogar e disponibilizar as fontes históricas afins. Este empreendimento visava, desde a sua origem, preencher uma lacuna de extrema relevância dada à falta de políticas institucionais específicas para a preservação de fontes documentais, entre outras tipologias (Vidal, 2004).

Von Simons (2000) argumenta que a sociedade contemporânea muitas vezes consome informações de forma acrítica, sem exercer o poder de seleção sobre o que deve ser lembrado e preservado como memória social/cultural. Historicamente, em sociedades passadas, os mais velhos desempenham o papel de guardiões das tradições, logo, transmitiam fatos e vivências essenciais para a sobrevivência do grupo às gerações mais jovens. Em um contexto de abundância de informações e com os impactos da chamada “sociedade do esquecimento” (Von Simons, 2000), a preservação da memória se torna ainda mais crucial.

Nesse contexto, este Centro de Memória assume um papel na preservação da memória coletiva relacionada à Educação Física, garantindo que as informações e documentos relevantes não se percam no “mar” de informações contemporâneas. Por outro lado, um dos principais desafios enfrentados pelo CEMEDEF-UFPR é a falta de recursos, o que afeta suas atividades de preservação e conservação de fontes históricas. A restauração e a conservação desses documentos demandam materiais específicos e técnicas adequadas, especialmente porque muitos deles são bastante antigos. A falta de recursos também limita a capacidade de compartilhar pesquisas e intercâmbio com outros centros de documentação estudantil. Quando da sua fundação, o CEMEDEF-UFPR mantinha uma disciplina sobre a História da Educação Física e quatro etapas de um módulo que abordava conteúdos básicos e intermediários da gestão documental. A intenção foi a de fornecer subsídios metodológicos para que os alunos pudessem, se necessário, criar um centro de documentação de forma simples. Também foram (e ainda são, com certa regularidade) realizadas leituras relacionadas

à constituição da memória, à preservação do patrimônio sociocultural e às experiências de outros centros de documentação.

Em resumo, o CEMEDEF-UFPR desempenha um papel fundamental na preservação da memória da Educação Física no Paraná, servindo como um valioso repositório de documentação, já que fornece apoio aos pesquisadores e estudantes interessados nos assuntos afins; assim como aos ex-alunos que buscam seus documentos e à comunidade geral interessada na história. A próxima seção detalha o convênio com o Centro de Memória de Educação Física da UFPR.

O Centro de Memória do Esporte Paranaense

Esta seção tem como objetivo explorar a colaboração entre o PET-EDF, por meio do CEMEDEF-UFPR e o CMEP-SEES, destacando, de antemão, que ambos têm fundamental importância na preservação da história esportiva e disciplinar do Paraná. Essa colaboração foi um passo significativo na missão compartilhada pelos dois Centros de Memória, já que ambos visam resgatar, documentar e promover a herança esportiva e cultural deste estado. O Centro de Memória do Esporte Paranaense, fundado em 1996, é um espaço público vinculado ao Governo do Estado do Paraná, por meio da Secretaria de Estado do Esporte.

Localizado no emblemático Ginásio Almir Nelson de Almeida, popularmente chamado de Tarumã, que, desde 1965, é uma referência no esporte e na arquitetura paranaense, o CMEP desempenha um papel vital na preservação da história esportiva deste estado. Sua missão é ampliar o acesso ao patrimônio científico e esportivo, abraçando a preservação, pesquisa e comunicação de acervos e coleções que representam a herança e memória esportiva paranaense. Além disso, este Centro de Memória adota valores fundamentais, como preservação, responsabilidade, acessibilidade e transparência, em linha com as diretrizes do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2002), como: Acessibilidade e Visitação Pública: A nova

sede deve ser projetada e adaptada para garantir a acessibilidade de todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiências. Isso inclui rampas, elevadores, sinalização tátil e outros recursos que facilitem a visita pública; Segurança: Devem ser implementadas medidas de segurança eficazes para proteger o acervo, incluindo sistemas de alarme, vigilância por vídeo e controle de acesso. Essas medidas devem estar em conformidade com as normas de segurança de museus e a legislação pertinente, etc.

O CMEP teve as suas raízes na década de 1990, quando objetos relacionados ao esporte paranaense começaram a ser preservados, incluindo troféus, fotos, medalhas e documentos. Uma doação significativa da família do jogador e dirigente esportivo Almir Nelson de Almeida, cujo nome é dado ao Ginásio do Tarumã, reforçou a importância da preservação e disseminação da memória das práticas esportivas do Paraná. Isso culminou na missão vital deste Centro de Memória: conservar o patrimônio esportivo do estado, tornando-o acessível a todos os seus cidadãos e visitantes.

Após um período de inatividade, por questões políticas da instituição, o Centro de Memória do Esporte Paranaense foi reaberto em 2018 com os esforços da funcionária Adriana Porto Seus, que programou uma exposição enaltecendo as atividades esportivas da Secretaria e em 2019, com a exposição "Os Craques da Bola". Na ocasião foram homenageados os ex-jogadores de futebol Aladim, Sicupira, Castro e Krüger (in memoriam, representado por sua esposa Iraci Krüger). No acervo, fotos e documentos da época que atuaram nos clubes paranaenses. Esta é a versão digital desta exposição. Esta reabertura marcou o renascimento do Centro de Memória que, agora, desempenha um papel essencial na promoção da história do esporte do Paraná, alinhando-se com o propósito do Centro de Memória do Departamento de Educação Física da UFPR em sua missão conjunta de preservação e divulgação do legado do curso paranaense.

A relação estreita entre o CEMEDEF-UFPR e o CMEP-SEES é um exemplo notável de sinergia na preservação histórica de uma determinada

região. Os dois Centros de Memória têm as suas raízes vinculadas à antiga Escola de Educação Física, pois o curso já foi localizado no ginásio do Tarumã. Atualmente o CMEP-SEES fica anexo à sede da Secretaria de Estado do Esporte, no bairro do Capão da Imbuia, em Curitiba. Além de uma sala para guarda de material no Ginásio do Tarumã, futuramente terá um espaço expositivo exatamente no local no qual se situavam as salas de aula da antiga Escola de Educação Física. Essa conexão histórica estabelece uma base sólida para a colaboração.

A modo de exemplo, estudantes do primeiro período do curso de Educação Física da UFPR (e outras instituições de ensino superior) vão constantemente realizar visitas mediadas e guiadas na sede do CMEP-SEES e, também, no Ginásio do Tarumã, com o objetivo de conhecer *in loco* a história/memória do esporte paranaense. É importante ressaltar que tanto o CEMEDEF-UFPR quanto o CMEP-SEES são projetos ligados formalmente a ações extensionistas do PET-EDF, ou seja, é por meio dos petianos que atuam em ambos os espaços de guarda da memória que a aproximação ocorre.

O CEMEDEF-UFPR tem a missão de catalogar, preservar e disponibilizar os dados da antiga Escola de Educação Física; enquanto o CMEP-SEES visa resgatar e preservar a história esportiva do Paraná como um todo. Esses propósitos compartilhados proporcionam uma base sólida para colaboração e troca de conhecimento.

Figura 1. Camiseta Exposição Os Craques da Bola.



Fonte: Acervo Secretaria de Estado do Esporte – 19/10/2019.

Legenda: A reabertura do CMEP-SEES em 2019, foi marcada pela exposição "Os Craques da Bola". Na ocasião, foram homenageados os ex-jogadores de futebol Aladim Sicupira, Castro e Kruger, com fotos, documentos e objetos que marcaram a época em que os jogadores atuavam em clubes paranaenses. A camiseta pertencia ao já falecido jogador Sicupira.

A colaboração entre o CEMEDEF-UFPR e o CMEP-SEES se traduz em projetos e iniciativas conjuntas que desempenham um papel relevante na preservação da história esportiva do Paraná. Um exemplo notável foi a criação de um Plano Museológico para o CMEP. Neste projeto, acadêmicos do PET-EDF desempenham um papel importante, trabalhando lado a lado com uma profissional especialista na área de acervos e preservação de bens culturais, Débora Maria Russo, que busca transformar esse plano em realidade. Além disso, a colaboração se estende a projetos de pesquisa e extensão que abrangem desde a catalogação de acervos até a organização de exposições e mostras itinerantes que celebram as realizações esportivas do Paraná.

Estas iniciativas desempenham um papel necessário na disseminação da memória esportiva local, tornando-a acessível a um público mais amplo. Como por exemplo, a exposição 70 anos da Federação Para-

naense de Tênis (FPT), contando a história do surgimento do tênis no Paraná, os principais registros da modalidade e o desenvolvimento do esporte no Estado. A exposição marca os 70 anos da federação.

Assim, a colaboração entre o CEMEDF-UFPR e o CMEP-SEES está intrinsecamente alinhada com os objetivos e atividades do PET-EDF, abrangendo os eixos de ensino, pesquisa e, sobretudo, extensão. O Plano Museológico mencionado anteriormente é um exemplo que ilustra como essa colaboração fortalece a extensão universitária, envolvendo os acadêmicos em um projeto prático e de grande impacto social. Além disso, a participação ativa dos acadêmicos na preservação da história esportiva do Paraná enriquece a sua experiência educacional, oferecendo oportunidades de aprendizado prático e pesquisa aplicada (como a própria escrita deste capítulo de livro). Essa colaboração é um testemunho do compromisso do PET-EDF com o desenvolvimento de seus membros e destes como contribuintes para a formação da comunidade paranaense, visto que, ao mesmo tempo em que as ações em parceria preservam um patrimônio esportivo valioso, também compartilham a riqueza da história esportiva do Paraná com as gerações presentes e futuras.

Plano Museológico

Os museus converteram-se, no decorrer de uma geração, em uma das instituições culturais mais prestigiadas e visitadas no mundo inteiro. A preocupação com as diferentes categorias de público, agora central, ilustra uma política de desenvolvimento cultural, enquanto a multiplicação das coleções tem alimentado uma redefinição dos patrimônios. A organização e o funcionamento de tais estabelecimentos, cada vez mais profissionais, correspondem a exigências políticas e sociais, assim como a inéditas condicionantes de ordem ética e comunicacional; em particular, os imperativos da mediação e da exposição implicam o surgimento de novos ofícios. A análise da instituição inscreve-se

na encruzilhada da antropologia da cultura, da sociologia do trabalho ou das organizações, além da história dos objetos.

Segundo o Plano Museológico (2022), para a elaboração deste Plano Museológico foi conduzido um abrangente diagnóstico situacional e institucional relativo ao CMEP-SEES no período de 25 de abril a 25 de maio de 2022. Esse diagnóstico enfocou aspectos cruciais relacionados a uma instituição museológica e cultural.

Inicialmente, utilizou-se a análise *SWOT*¹⁴ como instrumento de avaliação, destacando tanto os pontos positivos quanto os desafios específicos do CMEP-SEES. Os resultados desse diagnóstico revelaram uma série de fatores que ajuda a moldar o presente e o futuro do CMEP-SEES. Dentre os fatores internos identificados, destaca-se com força, a expansão constante do acervo do museu, impulsionada pelas atividades desportivas realizadas rotineiramente pela Secretaria de Estado do Esporte do Paraná. No âmbito externo, oportunidades importantes foram identificadas, incluindo a possibilidade de expandir o espaço físico e o acervo, bem como ampliar a divulgação virtual por meio da plataforma *Resource Space*¹⁵. No entanto, o CMEP-SEES também enfrenta ameaças, particularmente aquelas relacionadas a mudanças políticas que possam ignorar a importância da preservação da memória esportiva no Estado do Paraná. A análise *SWOT* foi seguida por uma reflexão mais aprofundada sobre as questões estratégicas que norteiam o CMEP-SEES. Essas questões fundamentais fornecem um panorama abrangente da instituição e orientam seu planejamento a curto e médio prazo.

¹⁴Análise *SWOT* é uma ferramenta de gestão que analisa Forças (Strengths), Fraquezas (Weaknesses), Oportunidades (Opportunities) e Ameaças (Threats) de uma organização. É amplamente usada para planejamento estratégico e tomada de decisões (David, 1998).

¹⁵*Resource Space* é uma plataforma de código aberto usada para gerenciar ativos digitais, permitindo o armazenamento, organização e compartilhamento eficiente de recursos como imagens, vídeos e documentos (Smith, 2020).

O CMEP-SEES tem como missão primordial registrar a trajetória e preservar a história da instituição mantenedora, a Paraná Esporte. Além disso, busca produzir novos conteúdos e disseminar princípios relacionados às diversas práticas esportivas, contribuindo para a disseminação dos valores da instituição e para a gestão do conhecimento esportivo. Essa missão envolve competências fundamentais, como cronologia, antropologia e sociologia, para preservar documentos, atender às pesquisas internas e externas e gerar serviços e produtos relacionados ao esporte. O CMEP visa atender a comunidade em geral, participando ativamente em eventos esportivos e disponibilizando seu acervo. Além disso, está integrado ao sistema de catalogação *Pergamum*¹⁶, usado por instituições públicas do Paraná.

Como já relatado, a instituição promove exposições físicas e virtuais para a comunidade esportiva, estudantes e público em geral, enriquecendo a compreensão da história esportiva do Paraná. Atualmente, o CMEP-SEES conta com uma estrutura organizacional enxuta, composta por uma coordenadora e estagiários nas áreas de Educação Física que desempenham um papel fundamental na operação do espaço museológico. Entretanto, o ideal é que, nos próximos anos abrangidos por este documento, o CMEP possa expandir a sua equipe técnica direta com a adição de pelo menos dois novos funcionários e a oportunidade de receber um maior número de estagiários também (Plano Museológico, 2022).

Desta maneira, segundo o Plano Museológico (2022), desde a sua fundação, na década de 1990, a instituição evoluiu significativamente, transformando documentos em fontes de conhecimento acessíveis ao público. Atualmente, seu foco está na expansão das instalações, na ampliação do acervo e na melhoria da guarda dos produtos e serviços relacionados

¹⁶É um processo de organização e indexação de acervos bibliográficos usado por várias instituições públicas no Paraná, incluindo bibliotecas e centros de memória. É uma metodologia que auxilia na criação de registros bibliográficos padronizados, permitindo o acesso eficiente a materiais e recursos educacionais.

ao esporte paranaense. Isso requer aquisição de equipamentos, expansão do espaço físico e aumento do quadro de funcionários. Embora o CMEP-SEES participe anualmente da Lei Orçamentária Anual, a verba ainda não foi liberada nos últimos três anos. A estratégia envolve sensibilizar os gestores por meio de ações comunitárias e elaboração de relatórios detalhados, a fim de incluir o Centro de Memória no orçamento anual e alocar recursos necessários.

O CMEP-SEES busca, outrossim, fortalecer o seu compromisso com a responsabilidade social e histórica, demonstrando o valor que atribui ao seu passado como um patrimônio a ser compartilhado. Entre os progressos já alcançados, reforça-se: a vinculação com o IBRAM, a elaboração do Plano Museológico, bem como o início da catalogação do acervo no sistema *Pergamum*. No entanto, ainda é necessário estabelecer um regimento interno que oficialize sua posição no organograma da Superintendência e estabelecer um órgão ou departamento diretamente fiscalizador (Plano Museológico, 2022).

Além do aspecto institucional, que envolve educação não formal, as instituições museológicas e centros culturais se baseiam em quatro pilares que fundamentam sua existência e orientam suas ações junto à sociedade: acervo, pesquisa, exposição e ação educativa ou cultural. O acervo do CMEP-SEES abrange uma variedade de itens que fazem parte de várias coleções. Esses itens incluem tipologias de bens patrimoniais móveis, como troféus, medalhas, placas, fotografias, negativos, slides, cartazes, adesivos comemorativos, uniformes de eventos esportivos e objetos diversos. Dada a diversidade de materiais no acervo, é fundamental considerar as especificidades de conservação preventiva necessárias para cada categoria. A conservação preventiva envolve ações destinadas a prevenir a degradação natural que ocorre ao longo do tempo e a degradação mecânica resultante de ações inadequadas (Plano Museológico, 2022).

No que diz respeito à pesquisa, o CMEP-SEES está aberto a pesquisadores de todos os tipos que desejem explorar os seus registros, documentos e testemunhos sobre a história do esporte paranaense. Os pesquisadores podem entrar em contato com a própria coordenação para obter orientações e acesso aos materiais disponíveis.

No entanto, a pesquisa realizada no CMEP-SEES não se limita a uma busca apenas pelos registros existentes. Como salienta Adams (2007), o desenvolvimento do problema e a utilização da literatura são passos fundamentais em qualquer investigação. Portanto, pesquisadores têm a oportunidade de desenvolver novas questões e aprofundar suas análises com base em uma sólida revisão bibliográfica. A documentação está em constante desenvolvimento e adequação, de acordo com as normas museológicas. O acervo inclui uma variedade de materiais, como vídeos VHS, DVD's, CD's, fitas cassete, livros, revistas, clippings e documentos sobre jogos promovidos pela Secretaria do Esporte, entre outros. Esses itens contêm informações históricas relevantes sobre o esporte no Paraná, contribuindo para a pesquisa em diversos campos, incluindo políticos, sociais e econômicos (Plano Museológico, 2022).

O CMEP-SEES realiza exposições físicas em suas instalações, bem como exposições itinerantes em outros locais. Também mantém exposições virtuais em seu site oficial. Exemplos de exposições realizadas até o momento incluem "Craques da Bola", realizada no Ginásio do Tarumã, e "Mostra Verão" em Praia de Leste. O CMEP-SEES está aberto a grupos de diversos públicos e as visitas devem ser agendadas com antecedência por telefone ou e-mail. Dependendo das necessidades do grupo, a Coordenação do CMEP pode oferecer visitas guiadas para apresentar a exposição e os objetos em exibição. Ele é uma instituição pública e sem fins lucrativos, aberta a todos os públicos e à sociedade em geral. No entanto, seu público-alvo inclui principalmente estudantes de cursos de Educação Física e pesquisadores na área do esporte.

O CMEP também busca atender à comunidade em geral e contribuir para a disseminação da história esportiva do Paraná. Embora a estrutura organizacional atual inclua um corpo técnico, grande parte das ações museológicas e do cotidiano do CMEP-SEES são coordenadas e realizadas diretamente pela Coordenação Geral, com o apoio do Gestor Fiscal. Esse diagnóstico situacional constitui uma base sólida para a elaboração de estratégias e ações futuras que visam fortalecer e desenvolver ainda mais o Centro de Memória do Esporte Paranaense, permitindo que ele cumpra sua missão de preservar e disseminar a rica história esportiva do Paraná. A colaboração e o apoio de toda a comunidade esportiva e cultural serão cruciais para o sucesso dessas iniciativas (Plano Museológico, 2022).

Com a elaboração deste Plano Museológico, foram definidas ações estratégicas para os próximos quatro anos, considerando as necessidades específicas do CMEP-SEES. Essas ações se baseiam em um diagnóstico detalhado e em diretrizes museológicas gerais. Os objetivos institucionais para o CMEP-SEES ao longo dos próximos anos incluem a abertura e receptividade para trabalhos museológicos relacionados ao esporte paranaense e à cultura regional. Além disso, pretende-se preservar a memória e o patrimônio esportivo e cultural sob sua guarda, bem como o próprio espaço físico do CMEP-SEES, que é considerado um valioso patrimônio arquitetônico. A instituição buscará fomentar a pesquisa e a produção de conhecimento relacionado às coleções que compõem seu acervo e espaço.

Outro objetivo fundamental é a difusão da dimensão artística e cultural de cada objeto preservado, promovendo oportunidades para a fruição e a experiência estética por meio de exposições. Para alcançar esses objetivos, foi estabelecida a meta de progredir semestralmente em pelo menos três áreas para cada pilar museológico, além das metas institucionais, ao longo dos próximos quatro anos. Essas áreas incluem

políticas institucionais, gestão de acervo, pesquisa, exposições, ações educativas e culturais, criação de uma Sociedade de Amigos e desenvolvimento de parcerias (Plano Museológico, 2022).

Dentro das políticas institucionais, há a necessidade de regularizar a situação legal do CMEP-SEES junto ao IBRAM, elaborar um estatuto jurídico e criar um regimento interno que defina objetivos, metas, valores, política institucional e procedimentos operacionais. Em relação ao acervo, serão estabelecidas políticas de gestão, padronização de catalogação e protocolos para aquisição, descarte e empréstimo de itens. Além disso, reconhecendo a importância do compartilhamento de conhecimento e recursos no âmbito das memórias esportivas e educacionais, o CMEP-SEES planeja estabelecer um intercâmbio colaborativo com o Centro de Memória da Educação Física da Universidade Federal do Paraná (CMEF-UFPR). Esse intercâmbio permitirá a troca de experiências, pesquisas e acervo, fortalecendo as conexões entre as instituições para enriquecer o cenário da memória esportiva e educacional no Paraná.

Essa abordagem estratégica de colaboração se alinha com a visão do autor Antônio Carlos Gil (2008), que em sua obra 'Métodos e Técnicas de Pesquisa Social', enfatiza a importância do diálogo e cooperação entre instituições na busca por objetivos e metas comuns. Também será implementado um plano de segurança, desinfestação e restrição de acesso, juntamente com a elaboração de um laudo técnico de estado de conservação. Para as pesquisas realizadas no CMEP, serão definidas políticas de acesso, incluindo horários, documentos exigidos e procedimentos. Além disso, um modelo padrão de autorização para pesquisa será estabelecido.

As exposições locais e itinerantes terão políticas específicas, assim como as ações educativas e culturais, que considerarão a missão institucional e calendários apropriados. Uma Sociedade de Amigos será criada para representar o CMEP juridicamente e auxiliar em projetos e mediações financeiras. Isso permitirá uma maior autonomia financeira e independência para a instituição (Plano Museológico, 2022).

Essas diretrizes e ações estratégicas permitirão que o CMEP-SEES se desenvolva e cumpra com a sua missão de preservar a memória esportiva do Paraná e contribuir para a pesquisa e divulgação deste importante legado histórico e cultural. O planejamento de implementação dessas ações será detalhado em um cronograma anual para os próximos quatro anos. Neste contexto, a gestão do acervo emerge como um dos pilares fundamentais para a adequação museológica do CMEP-SEES.

A preservação dos itens que compõem o acervo se torna uma prioridade, exigindo infraestrutura adequada para garantir a sua conservação a longo prazo. Para isso, são propostas a criação de reservas técnicas devidamente equipadas, considerando critérios rigorosos de conservação preventiva, como controle de temperatura, umidade relativa do ar e iluminação controlada. Paralelamente, o mobiliário museológico desempenha um papel crucial na gestão do acervo. Armários de metal, mapotecas, prateleiras e outros elementos de armazenamento são essenciais para o acondicionamento adequado dos objetos. Cada peça precisa ser etiquetada de forma precisa, permitindo um controle eficaz sobre sua localização e status (Plano Museológico, 2022).

Outro aspecto importante é o uso de materiais adequados para o acondicionamento, como papel glassine e plástico bolha. Uma prática recomendada é a escavação em placa de polietileno expandido para encaixar cada objeto de forma segura, garantindo sua proteção física. A elaboração de laudos técnicos de estado de conservação para cada item é um passo essencial, fornecendo um registro detalhado do estado atual das peças. Em paralelo, o CMEP-SEES deve realizar o arrolamento completo de cada item, produzir fichas técnicas, fotografia de alta resolução e registro no livro tombo. Este último é uma ferramenta tradicional, mas ainda valiosa, que precisa seguir padrões específicos, como numeração corrida e descrições objetivas. Além disso, a plataforma virtual Pergamum surge como uma solução moderna para a catalogação e gerenciamento do acervo, inte-

grando o CMEP aos demais órgãos estaduais. Essa transição para sistemas digitais oferece maior eficiência na gestão e acesso às informações (Plano Museológico, 2022).

Quanto à pesquisa, o acervo do CMEP, já dividido em coleções, requer investigações aprofundadas sobre a origem e história de cada item e coleção. Essa pesquisa pode ser conduzida paralelamente ao arrolamento e fornecerá uma riqueza de informações sobre o patrimônio esportivo do Paraná. No que diz respeito às exposições, é imprescindível criar salas adequadas para esses eventos. O planejamento anual detalhado, que deve considerar layout, mobiliário, iluminação e acessibilidade, garantirá exposições de alta qualidade que envolvam o público de maneira significativa.

O CMEP também deve considerar a elaboração de catálogos de coleções, folders informativos e até mesmo artigos científicos para enriquecer sua produção acadêmica. A relação próxima com escolas, universidades e outras instituições é fundamental para o sucesso dessas iniciativas (Plano Museológico, 2022). Dentre eles, o Programa de Educação Tutorial (PET), que pode ser uma estratégia valiosa para enriquecer ainda mais as atividades e iniciativas do CMEP.

O PET é conhecido por reunir grupos de estudantes universitários que buscam aprimorar suas habilidades acadêmicas, promover pesquisas e atividades de extensão. Integrar o PET às atividades do CMEP pode trazer benefícios significativos, como se projetos de pesquisa conjuntos, desenvolvimento de exposições, criação de material educacional e científico (catálogos, artigos acadêmicos) ou até mesmo eventos educacionais em parceria com escolas e universidades. Além disso, a proximidade com estudantes envolvidos no PET pode trazer uma perspectiva inovadora para o CMEP, enriquecendo suas atividades acadêmicas e culturais.

Finalmente, a criação de programas institucionais é um passo essencial para a sustentabilidade a longo prazo do CMEP-SEES. Esses pro-

gramas, que podem abranger pesquisa, ações educativas e culturais, devem ser cuidadosamente planejados, implementados e avaliados anualmente. Eles fornecerão diretrizes claras às atividades da instituição e garantirão que seu trabalho continue a ser relevante e impactante. Assim, ao seguir essas diretrizes e ações estratégicas, o CMEP-SEES se prepara para um futuro em que continuará a preservar a rica herança esportiva do estado e a enriquecer a vida cultural e educacional de sua comunidade (Plano Museológico, 2022).

Considerações finais

No decorrer deste capítulo, explorou-se a parceria entre o PET-EDF, por meio do CEMEDEF-UFPR, com o CMEP-SEES, por sinal, que revelou ser uma colaboração frutífera e significativa. Juntos, esses dois pilares da Educação Física e memória esportiva na região de Curitiba, no estado do Paraná, construíram um legado que transcende o presente, alcançando futuras gerações de estudantes e entusiastas. Essa aliança entre a formação acadêmica inovadora e a preservação cuidadosa da memória acadêmica e esportiva não só fortalece o compromisso com o conhecimento, mas também reforça a conexão vital entre a academia e a comunidade. À medida que este capítulo se desdobrou, viu-se como o PET-EDF da UFPR se destaca não apenas por sua abordagem multidisciplinar na Educação Física, mas também por sua dedicação à pesquisa, ao ensino e à extensão. Os estudantes envolvidos neste programa são, sem dúvida, os pilares do seu sucesso, trabalhando com afinco para ampliar as suas habilidades, compartilhar conhecimento e enriquecer suas próprias experiências e as daqueles a quem servem.

A preservação da memória e da história esportiva no Paraná é uma tarefa monumental, mas, como foi possível observar ao longo deste capítulo, é uma missão que está sendo cumprida com paixão e determinação. O CEMEDEF-UFPR e o CMEP-SEES desempenham papéis fundamentais nessa jornada. Ambos os centros compartilham uma conexão profunda

com a antiga Escola de Educação Física da UFPR, fortalecendo seu compromisso com a preservação e promoção da herança esportiva e cultural do estado. O CEMEDEF-UFPR, com a sua dedicação à catalogação e análise de dados históricos, e o CMEP-SEES, com seu compromisso de resgatar e tornar acessível a história esportiva do Paraná, formam uma parceria de colaboração com potencial extraordinário.

Projetos como o Plano Museológico e exposições itinerantes são exemplos claros de como essa parceria não apenas enriquece o cenário da memória esportiva, mas também oferece aos acadêmicos do PET-EDF uma oportunidade única de aprendizado prático e envolvimento em pesquisa aplicada. O PET-EDF, como elo unificador entre essas duas entidades, está cumprindo a sua missão de maneira excepcional, abrangendo os pilares de ensino, pesquisa e extensão. Além de formar futuros profissionais de Educação Física, está desempenhando um papel ativo na preservação da memória coletiva do estado. Essa parceria é um exemplo notável de como a universidade pode se envolver na comunidade, ao mesmo tempo em que protege um patrimônio esportivo inestimável para as gerações presentes e futuras.

O CMEP-SEES buscará estabelecer parcerias com diversas instituições, sejam públicas ou privadas, e desenvolverá estratégias de abordagem para diferentes tipos de parceiros. Essas diretrizes e ações permitirão que o CMEP-SEES se desenvolva e cumpra sua missão de preservar a memória esportiva do Paraná e contribuir para a pesquisa e divulgação deste importante legado histórico e cultural. O planejamento de implementação destas ações será detalhado em um cronograma anual para os próximos quatro anos.

Neste contexto, a gestão do acervo emerge como um dos pilares fundamentais para a adequação museológica do CMEP-SEES. A preservação dos itens que compõem o acervo se torna uma prioridade, exigindo infraestrutura adequada para garantir sua conservação a longo prazo. Para

isso, são propostas a criação de reservas técnicas devidamente equipadas. Nesse contexto, a gestão do acervo é fundamental para a museologia do CMEP-SEES. A preservação dos itens do acervo é uma prioridade que demanda infraestrutura adequada para garantir sua conservação a longo prazo. Para atender a essa necessidade, propõe-se a criação de reservas técnicas devidamente equipadas, garantindo que o patrimônio esportivo paranaense seja preservado e acessível às futuras gerações. Além disso, a atuação extensionista do PET é de grande importância no processo. O PET, por meio de seus projetos e ações, pode desempenhar um papel significativo na aproximação do CMEP com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Através de atividades de extensão, como exposições, eventos e publicações, o PET pode contribuir para disseminar o conhecimento e o valor do patrimônio esportivo paranaense, promovendo uma maior interação entre o CMEP-SEES e seu público.

Além disso, a atuação extensionista do PET é de grande importância para acadêmicos e professores envolvidos. O PET, por meio de seus projetos e ações, desempenhou (e ainda desempenha) um papel significativo na aproximação do CMEP-SEES com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Por meio de atividades de extensão, como exposições, eventos e publicações, o PET ajuda a contribuir com a disseminação do conhecimento e o valor do patrimônio esportivo paranaense, promovendo uma maior interação entre o CMEP-SEES e seu público.

REFERÊNCIAS

ADAMS, F. P. Desenvolvimento do problema e utilização da literatura. In: THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAVID, F. P. **Strategic Management: Concepts & Cases**. 7. ed. New Jersey, EUA: Prentice Hall Inc., 1998.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBRAM. **Subsídios para a Criação de Museus Municipais**, Ministério da Cultura/IBRAM, Brasília, 23 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/subsidios-para-criacao-de-museus-municipais/view>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Apresentação – PET. Brasília, [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/>>. Acesso em: 4 de set. de 2023.

MORO, V. L.; GODOY, L. **Centros de Memória em Educação Física, Esporte e Lazer**: Algumas Contribuições para o Debate. Curitiba. Rede Cedes, 2006.

OLIVEIRA JUNIOR, O. N. A técnica da escrita científica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 2201-2202, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbef/v37n2/0102-4744-rbef-37-02-2201.pdf>. Acesso em 25 Set. 2023.

PLANO MUSEOLÓGICO. Equipe do Centro de Memória do Esporte Paranaense (CMEP-SEES); Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 - Estatuto de Museus; Decreto 8.124, de 17 de outubro de 2013; Museologia: Danielly Dias Sandy – Museóloga responsável, registrada no Conselho Regional de Museologia (COREM), 5ª Região, 0117-II; Coordenação: Débora Maria Russo – Centro de Memória do Esporte Paranaense - CMEP; Orientação: Prof. Dr. Ivan Carlos Vicentin, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, 2022.

SMITH, J. **Resource Space**: An Open-Source Platform for Digital Asset Management. Editora Acadêmica, 2020.

VIDAL, D. G. O centro de memória da educação (USP): acervo documental e pesquisa em história da educação. In: Menezes, M. C. **Educação, Memória, História**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

VON SIMSON, O. **O Futuro da Memória**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

CAPÍTULO 4

AÇÕES EXTENSIONISTA DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSM SM/RS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Marlon Crestani Garcia

Antonio Guilherme Schmitz Filho

Laura Martins

Selena Caceres Rossi

História do PET Educação Física UFSM

O Programa de Educação Tutorial (PET), juntamente com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa Residência Pedagógica, figura como um dos três maiores Programas Institucionais que regem a frente universitária da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A UFSM conta, atualmente, com 19 grupos PET nas diferentes áreas, sendo o da Educação Física, foco deste trabalho, atuante na universidade desde 14 de dezembro de 2010.

Nestes 13 anos de existência, o PET Educação Física da UFSM contou com uma Tutora e dois Tutores, além de, aproximadamente, 74 bolsistas e não bolsistas, objetivando sempre, a complementação da formação acadêmica dos/as integrantes por meio de atividades extracurriculares.

O presente grupo conta, atualmente, com 12 bolsistas e seis não-bolsistas, totalizando dezoito integrantes. Os mesmos, estando na posição de petianos/as, devem cumprir alguns deveres que determinam a sua permanência no programa, assim como têm o direito de permanecerem

durante o período de sua graduação, sem restrição de tempo. Por outro lado, os/as Tutores/as têm o tempo máximo de três anos, podendo prorrogar esse tempo por igual período, como diz o parecer da Comissão de Avaliação do PET.

O funcionamento do grupo baseia-se no cumprimento de um planejamento anual composto por atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de ações de gestão que caracterizam o PET Educação Física da UFSM. Para o bom desenvolvimento destas atividades, cada uma delas conta com um/a Petiano/a coordenador/a e um/a vice-coordenador/a, que determina seu funcionamento, assim, e através desta liderança, os integrantes do grupo vão adquirindo uma vasta experiência, além de seu protagonismo, mediados pela tutoria do Professor responsável.

Este protagonismo, baseado na gestão interna, foi ganhando força a partir da chegada do novo Tutor, em 2020. O grupo foi ganhando autonomia dentro das suas atividades e das reuniões ordinárias coletivas. Além de participar da construção dos planejamentos anuais dos anos em questão, assumindo um papel importante de participação nas decisões das atividades de ensino, pesquisa, e principalmente, de extensão.

Ensino, pesquisa e extensão

As Universidades, assim como os Programas Institucionais, baseiam seu trabalho nos aspectos do ensino, da pesquisa e da extensão, visando a ampliação de conhecimentos para a formação acadêmica dos discentes, diversificando as formas de atuação e interação com as atividades. Brasil (2001) aborda a importância desta interdisciplinaridade entre as ações desenvolvidas pelo grupo em diferentes áreas de conhecimento.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é um imperativo expresso no artigo 207 da Constituição brasileira de 1988, o qual afirma que ‘as

universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão'. Afinal, qual a importância desse princípio da indissociabilidade para a concepção de universidade e para a produção do conhecimento no contexto universitário? Como se materializa a articulação entre ensino, pesquisa e extensão por meio das atividades docentes universitárias?

Podemos entender a extensão sendo a conexão das relações universitárias com a comunidade externa, sendo elas de forma educativa, social, cultural ou científica. De acordo com a Lei nº 9.394, de 1996 (Brasil, 1996), a educação superior deve promover ações que integrem e estimulem a participação da população, agindo de forma benéfica para o desenvolvimento da vida em sociedade.

As ações realizadas através da extensão desencadeiam uma série de aberturas, podendo ser diagnosticados problemas e características sociais, assim, posterior às atividades extensionistas, é capaz de pensar na elaboração de projetos qualificados para colaborar com o desenvolvimento pessoal e social do grupo em estudo. Severino (2017, p. 25) enfatiza que:

A extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade, uma vez que tais processos só se legitimam, inclusive adquirindo sua chancela ética, se expressarem envolvimento com os interesses objetivos da população como um todo.

Contribuindo com as colocações do autor, as ações extensionistas atuam de forma efetiva para o fomento da pesquisa científica, pois são através delas que conseguimos evidenciar os temas a serem relevantes aquela população, atribuindo conhecimento e desenvolvimento profissional dos

acadêmicos, o que vem de encontro com a tríade acadêmica, envolvendo os três eixos - ensino, pesquisa e extensão.

A UFSM caracteriza-se por ser uma instituição que trabalha diretamente com a extensão, fortalecendo, cada vez mais, o elo entre universidade e comunidade. A mesma conta com a missão de “articular os diversos conhecimentos por meio de ações extensionistas junto à população, gerando soluções inovadoras para o desenvolvimento regional sustentável”. Além de ter como princípios “pluralidade, respeito, transparência, sustentabilidade, equidade e justiça” (UFSM/CPD, 2023).

O órgão responsável pelas ações extensionista dentro da UFSM é a Pró-Reitoria de Extensão (PRE), que congrega “os dados das atividades da universidade na sociedade, para que a comunidade conheça de que forma a instituição contribui para o desenvolvimento regional e tenha acesso às ações desenvolvidas na sua cidade e/ou região” (UFSM/CPD, 2023, p. s/n).

São mais de 1.100 ações de extensão desenvolvidas pela UFSM em, aproximadamente, 150 cidades do Brasil, abarcando 11 estados, além do Distrito Federal, assim como 4 países da América Latina e da Europa. Sendo então, “mais de cinco milhões de pessoas beneficiadas diretamente por essas atividades, que integram o saber acadêmico e o universo popular, promovendo o intercâmbio de conhecimentos” (UFSM/CPD, 2023, p. s/n).

O PET Educação Física da UFSM trabalha diretamente com ações abarcando atividades de extensão voltadas para a comunidade de Santa Maria/RS e região. Com isso, traz-se aqui a problemática do texto: quais os aspectos extensionistas adquiriram protagonismo dentro do planejamento do PET Educação Física, no período de 2021 a 2023? E para responder o problema em questão, o objetivo deste relato de experiência é caracterizar o desenvolvimento extensionista junto ao PET Educação Física da UFSM. Assim, será possível visualizar a força que a extensão vem ganhando dentro dos planejamentos anuais do grupo.

Materiais e métodos

O presente estudo constitui-se de um relato de experiência (RE) baseado no PET Educação Física da UFSM, que se localiza na cidade de Santa Maria, na região central do estado do Rio Grande do Sul.

Este RE baseia-se na relação entre as atividades de extensão desenvolvidas pelo PET Educação Física dentro no período de 2021 a 2023, com o ingresso da atual Tutoria. Conforme Ludke e Cruz (2010, p. 90), o relato de experiência “representa um momento importante para a articulação dessa experiência e registro do processo e das interpretações para aprendizagem do grupo que a protagonizou”.

O presente estudo se qualifica e se quantifica no processo de análise realizado na documentação anual armazenada, buscando identificar os projetos de extensão em um período específico, durante e após a pandemia COVID-19, onde PET Educação Física esteve/está sob a mesma tutoria.

Sobre a perspectiva metodológica, Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 64), afirmam que:

O relato de experiência em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).

De forma benéfica, o RE vem ao encontro do eixo de extensão desenvolvido pelo grupo em questão, demonstrando os conhecimentos científicos advindos das atividades de extensão que auxiliam na formação acadêmica e no desenvolvimento da sociedade, contribuindo para o avanço da ciência, de dentro para fora da Universidade.

Para buscar as informações necessárias foram utilizados os docu-

mentos referentes aos planejamentos anuais das atividades do PET Educação Física de 2021, 2022 e 2023, ambos disponíveis na plataforma do Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial (SIGPET 2.0).

Primeiramente foi realizada a localização de cada um dos três documentos, feito o download e arquivando-os em uma pasta no computador. Após, foi realizada análise de cada um, destacando as atividades de extensão, assim, facilitando no momento da organização dos dados e descrição do presente texto.

Resultados

Atividades de extensão dos planejamentos

Como descrito anteriormente, a análise dos documentos foi realizada por meio de leitura e destaque das atividades extensionistas individualmente. Para melhor visualização, abaixo são apresentados três quadros, com as atividades de extensão organizadas por ano, de modo a facilitar a visualização.

A atividade 1, “Projeto Institucional Geoparque Quarta Colônia”, estabeleceu uma parceria entre o PET Educação Física e o Geoparque Quarta Colônia, vinculado à PRE/UFSM. As ações realizadas aconteceram de acordo com o Projeto Institucional e as suas diretrizes, observando os atributos existentes junto ao Plano de Desenvolvimento Institucional, no que diz respeito ao estímulo à autonomia e o desenvolvimento de atitudes empreendedoras, objetivando a atualização e a participação ativa do coletivo, entendendo realidades e avaliando eticamente problemas relevantes, com a respectiva solução para mudanças sociais significativas. Porém, como 2021 ainda foi um ano de reclusão social devido ao COVID-19, ocorreu um evento, com transmissão on-line, entre os/as Petianos/as e as coordenadoras do Projeto Institucional.

Quadro 1. Atividades de extensão do planejamento de 2021.

Quantidade	Nome da atividade
01	Projeto Institucional Geoparque Quarta Colônia
02	Atividades de Extensão Junto ao II Workshop de Prescrição de Exercícios Físicos
03	Gincana de Recepção dos Calouros da Educação Física
04	DESCUBRA UFSM
05	Atividades de Extensão junto ao Núcleo de Estudos em Medidas e Avaliação dos Exercícios Físicos e Saúde

Fonte: Elaborado pelos autores.

O “II Workshop de prescrição de exercícios físicos” também aconteceu remotamente. Para formatar a condição remota do evento, bem como o repositório junto ao FAROL/UFSM para acesso posterior ao material produzido, os/as Petianos/as contaram com o apoio do Laboratório de Análise dos Cenários Esportivos na Mídia (LACEM), localizado no CEFD/UFSM. O evento teve duração de três dias e contou com aproximadamente 500 acadêmicos/as de diversos cursos e localidades do Brasil.

A “Gincana de recepção dos calouros da Educação Física” aconteceu no início dos semestres letivos de 2021, de em março e agosto, respectivamente, primeiro e segundo semestre. Os/as Petianos planejaram e organizaram um acolhimento virtual, aos/às novos/as acadêmicos/as do CEFD, além de proporcionar uma integração entre eles/as.

Quadro 2. Atividades de extensão do planejamento de 2022.

Quantidade	Nome da atividade
01	Atividades de extensão dos petianos do PET Educação Física
02	Participação do grupo PET Educação Física nos projetos institucionais “Geoparques Quarta Colônia” e “Caçapava do Sul”
03	Atividades de extensão junto ao III Workshop do PET Educação Física
04	Participação do PET Educação Física no Descubra UFSM

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em 2022, retornando as ambientações presenciais, as atividades foram desenvolvidas em locais que não fossem através da tela do computador. Ou seja, novos desafios para o bom desenvolvimento dos projetos.

Nas “Atividades de extensão dos petianos do PET Educação Física”, os petianos/as buscaram professores/extensionistas junto aos cursos de licenciatura e bacharelado do CEFD/UFSM para participarem de programas ou projetos de extensão, tanto no aspecto individual ou em grupos extensionistas, em um programa, núcleo ou projeto ou em andamento registrado no Gabinete de Projetos (GAP)/CEFD. Ao final de cada semestre letivo, setembro e janeiro, o/a petiano/a teve de produzir, pelo menos, um trabalho/relatório de extensão para apresentar em seminários internos ou externos (encontros, congressos de extensão ou jornadas acadêmicas de cunho extensionista). Já para as atividades junto à grupos de pesquisa, laboratórios e núcleos do CEFD, o/a Petiano/a teve de apresentar um cronograma de atividades com o devido registro junto ao grupo e ao GAP/CEFD, especificando a carga horária de atividade, bem como as ações individuais e coletivas que foram desenvolvidas.

Na atividade “Participação do grupo PET Educação Física nos projetos institucionais Geoparques Quarta Colônia e Caçapava do Sul”, tivemos o acréscimo de mais uma cidade pertencente ao Geoparque, e com isso, a possibilidade de ações no novo local. Em outubro de 2022, os/as Petianos/as foram até a cidade de Caçapava do Sul/RS para realizar uma intervenção de atletismo para crianças da cidade. A mesma aconteceu em um dos locais turísticos, onde está localizada a pista de atletismo municipal, aproximando a prática de exercícios físicos junto aos monumentos do Geoparque.

Figura 1. Atividade no Geoparque Caçapava do Sul.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria – 05/10/2022.

Em “Atividades de extensão junto ao III Workshop do PET Educação Física, foram realizadas palestras e oficinas presenciais, sendo as palestras realizadas no período noturno e as oficinas práticas durante o período diurno. Os temas do evento abrangeram assuntos da escola e esportes adaptados para se trabalhar com os diversos grupos.

Figura 2. Noite de palestra do III Workshop do PET Educação Física.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria – 30/11/2022.

Quadro 3. Atividades de extensão do planejamento de 2023.

Quantidade	Nome da atividade
01	Participação do grupo PET Educação Física nos projetos institucionais Geoparques Quarta Colônia e Caçapava Do Sul
02	Participação do PET Educação Física no Descubra UFSM
03	Participação do grupo PET Educação Física no projeto UFSM Integra
04	Primeiro evento anual dos grupos PET UFSM e Segundo evento anual dos grupos PET UFSM junto a JAI

Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 3. Participação no Descubra UFSM 2023.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria – 29/09/2023.

Na “Participação do PET Educação Física no Descubra UFSM”, tivemos a contribuição do grupo na feira dos cursos da UFSM, que acontece uma vez ao ano no pavilhão de eventos da universidade. Na ocasião, os/as petianos/as participaram divulgando e apresentando os cursos de Educação Física Bacharelado e Licenciatura para estudantes das escolas municipais e estaduais da região.

Atividades integrativas

Desde o planejamento de 2022, uma das atividades de ensino também compõe as ações de extensão, a mesma intitula-se “Atividade de ensi-

no junto ao SESC Santa Maria/RS”. Dentre as ações que perpassam esta parceria, estão as colônias de férias, de verão e inverno, que aconteceram nas dependências do Serviço Social do Comércio (SESC) e que contaram com a contribuição dos/as petianos/as na elaboração, planejamento e execução dos eventos. Ao todo, o grupo participou de quatro colônias de férias, construindo planejamentos com atividades baseadas em brincadeiras e esportes.

Em 2022 e 2023, além das atividades consideradas extensionistas que já constavam no planejamento, o grupo ainda participou da realização de eventos que envolveram a comunidade - atividades integrativas. Uma delas foi o “DiversificaUNI”, voltada às pautas sensíveis do mês de junho, do orgulho LGBTQIAPN+. Mesmo considerada como atividade de ensino nos planejamentos de 2022 e 2023, a mesma contou com uma intervenção na UFSM por meio de debates e apresentações artísticas, onde o público pôde se fazer presente, assim, considera-se como extensão.

Figura 4. Participação na Colônia de Férias do SESC 2023.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria – 07/02/2023.

Figura 5. II DiversificaUNI 2023.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria – 28/06/2023.

Além dessa, dois outros eventos acabaram fazendo parte do ano de 2022 para o grupo: o “Festival de Miniatletismo da UFSM” e o “Festival Paralímpico Loterias Caixa NAAEEFA/UFSM”, ações estas que contaram com a participação da comunidade externa e a partir de 2024 farão parte do planejamento das ações do grupo PET Educação Física. No Festival de Miniatletismo, consolidou-se a parceria com a disciplina de “Atletismo II” do curso de Licenciatura em Educação Física do CEFD/UFSM, para então, o PET Educação Física auxiliar na construção e execução do festival. Nos dois anos, o evento contou com a presença de 300 crianças para vivenciar brincadeiras voltadas ao miniatletismo. No Festival Paralímpico, o PET Educação Física já contribuiu em três edições, uma em 2022 e duas em 2023. Nas três ocasiões, o grupo foi parceiro do Núcleo de Apoio e Estudos da Educação Física Adaptada (NAAEEFA) para a realização do evento que contou, em cada uma das edições, cerca de 200 crianças com e sem deficiência para vivenciarem quatro modalidades paraolímpicas - atletismo, vôlei sentado, basquete em cadeira de rodas e a bocha.

Figura 6. Participação no Festival Paralímpico Loterias Caixa NAEFEA/UFSM 2023.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria – 20/05/2023.

Relação das pessoas envolvidas (comunidade e organizadores)

As ações extensionistas, a partir das atividades dos planejamentos anuais do grupo, além das atividades integrativas citadas acima, acionam a mão de obra de todo o PET Educação Física. Os/as mesmos/as participam do planejamento, elaboração, organização e execução dos eventos, de maneira integral.

Em média, entre os três anos, houve a colaboração de 25 petianos/as e um tutor. Além da participação da comunidade, cerca de 8.000 pessoas foram beneficiadas com os eventos oriundos do planejamento do PET Educação Física/UFSM, fortalecendo o elo entre comunidade e universidade, articulando conhecimentos a partir de ações extensionistas.

Discussão

Relação de atividades de extensão por ano

Em média, dentre os três anos da nova tutoria, o PET Educação Física contou com quatro atividades consideradas totalmente de extensão,

além de poder considerar que a maioria das atividades planejadas têm ligação direta com a extensão. Além da relação com as atividades de ensino e pesquisa, as atividades de extensão possuem uma relação com a avaliação interna que é realizada pelo grupo, buscando obter avanços na qualidade dos próximos eventos, contribuindo de forma efetiva com o aperfeiçoamento das atividades que são desenvolvidas pelo grupo e a cada ano, alcançando maior público.

A interdisciplinaridade está presente nas atividades de extensão desenvolvidas pelo grupo PET Educação Física, sendo realizada em parceria com outros grupos PET da Universidade em eventos acadêmicos de outros cursos, fazendo com que além da integração, trocas de experiências entre discentes ocorram, agregando na sua formação acadêmica e profissional.

Aspectos do protagonismo extensionista do PET Educação Física

O PET Educação Física traz e conserva em seu planejamento, atividades extensionistas que repercutem através do CEFD/UFSM, importantes ações coletivas e sociais, fortalecendo o debate comunitário à manutenção de pautas que necessitam de continuidade e espaço acadêmico de permanência.

Ao dialogar com a comunidade regularmente, o PET Educação Física assume o protagonismo definitivo e utiliza a extensão universitária como um elemento articulador de reconhecimentos múltiplos e das múltiplas necessidades que a sociedade apresenta nas renovadas configurações geradas nas relações humanas. As atividades extensionistas mantidas pelo grupo reforçam a importância que a Educação Física assumiu (e assume) na vida das pessoas e traz aos integrantes do grupo importantes atributos à identidade individual e coletiva, que é a base do Programa de Educação Tutorial.

Considerações finais

Muitas pautas sociais ainda se encontram descobertas e precisam de apoio acadêmico efetivo. Portanto, os integrantes do PET Educação Física da UFSM reconhecem as lacunas ainda existentes e as necessidades que ainda se fazem serem solucionadas. Todavia, entende que a cada novo planejamento, o ciclo de abrangência extensionista é passível de renovação.

Concluir-se que com o aumento no número das atividades desenvolvidas pelo grupo (ensino, pesquisa e extensão), as atividades de extensão estão sendo realizadas com efetividade e um bom engajamento do grupo no desenvolvimento das mesmas. Além disso, há uma interdisciplinaridade entre os demais grupos e projetos que são desenvolvidos na universidade, promovendo integração e benefício para a comunidade externa. Para tanto, a atividade denominada de avaliação interna, fornece informações pertinentes para se repensar a efetividade e a abrangência social das pautas extensionistas, tanto no aspecto de entendimento interno do grupo, como no aspecto de relevância institucional.

Por fim, se compreende que a extensão universitária se materializa no seio da sociedade, a importância que as instituições de ensino superior desempenham na estruturação de uma educação cada vez mais inclusiva e atenta às diferentes transformações comunitárias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. **Programa Especial de Treinamento – PET**. Ministério da Educação: Brasília, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/pet01.pdf>>. Acesso em: 27 de out. de 2023.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 86-107, 2010. Disponível em: <<https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/20/18>>. Acesso em: 25 de out. de 2023.

MAPA DA EXTENSÃO UFSM 2021: **Conectando Universidade e Sociedade ao Desenvolvimento Sustentável**. Universidade Federal de Santa Maria, 2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/mapa>>. Acesso em: 12 de out. de 2023.

MUSSI, R. F. de F.; Flores, F. F.; Almeida, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

CAPÍTULO 5

UM DIA DIFERENTE: APRENDENDO E ESTIMULANDO A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTES

Nayara de Sousa Ferreira

Maria Clara Arantes Araújo

João Luiz Resende Nascimento

Guilherme Morais Puga

Introdução

Atualmente, é consolidado que o estímulo inicial à atividade física e à atividade esportiva durante a infância e a adolescência, bem como a sua manutenção durante a vida, é fundamental para o desenvolvimento físico, psicológico e social, além da manutenção dos parâmetros de saúde (Who, 2018). Apesar disso, os altos índices de sedentarismo não só em adultos, mas também em crianças e adolescentes, é considerado um problema de saúde pública mundial (Piola *et al.*, 2020; Barbosa Filho; Campos; Lopes, 2014). Alguns autores mostram que adolescentes com idade entre 13 e 15 anos cumprem menos de 50% dos níveis recomendados de prática de atividades físicas, sendo que, em meninas, esse índice pode chegar a menos de 35% (Hallal *et al.*, 2010).

Assim, programas que estimulam a atividade física e as práticas esportivas, principalmente na idade escolar em crianças e adolescentes, são fundamentais para o desenvolvimento de parâmetros de saúde que irão impactar no Sistema Único de Saúde (SUS) e políticas

públicas de saúde no país. Além disso, a prática de exercícios nessa faixa etária permite melhor desenvolvimento motor, psicológico e social.

A Educação Física na escola deveria instrumentalizar o aluno para usufruir de diferentes tipos de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (Darido, 2004). Porém, infelizmente, na realidade atual das escolas públicas e de muitas crianças e adolescentes de baixa renda, essas metas não são cumpridas devido à falta de incentivo, de estrutura física, de recursos humanos na escola, dentre outras limitações.

Nesse sentido, o projeto “Um Dia Diferente” foi criado em 2014 pelo Programa de Educação Tutorial – PET Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com a proposta de estimular a vivência de práticas esportivas não abordadas na educação física escolar, além de estimular a prática de atividades físicas e também apresentar as oportunidades ofertadas pela UFU, desde o ingresso até os programas e vivências que uma universidade pública pode oferecer. Em 2021, o projeto “Um dia Diferente” foi incorporado ao projeto “UFU na Escola”, criado pela gestão superior para apresentar, divulgar e aproximar os alunos de escolas públicas e particulares de Uberlândia e a comunidade externa.

Assim, os principais objetivos do projeto são: proporcionar a vivência de diferentes esportes e atividades que não são abordados normalmente na Educação Física escolar; estimular a prática de atividades físicas em crianças e adolescentes como forma de promoção da saúde e contribuição para o desenvolvimento motor, emocional, intelectual e social; e abrir as portas da UFU para os estudantes de escolas públicas e particulares, além da comunidade externa UFU.

Metodologia

O projeto “Um dia Diferente” foi criado em 2014 como uma atividade de extensão elaborada pelo Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Educação Física da UFU, atendendo alunos de escolas públicas e ONGs que auxiliam crianças e adolescentes de baixa renda com idades entre 8 e 17 anos. As atividades foram desenvolvidas duas vezes por ano, entre os anos de 2014 e 2019. A partir de 2020, quando iniciou a pandemia do COVID-19, e, consequentemente, houve a suspensão das atividades escolares presenciais, o projeto foi adaptado para ser realizado em casa, passando a ser denominado “Um dia diferente em casa”. Nessa nova fase, foi elaborada diversas cartilhas, manuais e publicações com orientações para a prática de atividades físicas em casa e fora do ambiente escolar, atendendo os mesmos objetivos do projeto inicial. Já a partir de 2022, as atividades presenciais foram retomadas com intervenções tanto nas escolas, quando no campus Educação Física da UFU. No final do ano de 2021 o projeto “Um dia diferente” foi incorporado ao projeto “UFU na Escola” da UFU, em que foram realizadas atividades conjuntas desses dois projetos.

Nas atividades presenciais, os alunos foram levados ao campus Educação Física da UFU, e as atividades possuíam duração aproximada de quatro horas. As atividades foram realizadas com no mínimo 15 e no máximo 40 alunos por dia. Durante esse período era apresentado o campus e o curso de Educação Física aos alunos e aos docentes/responsáveis que acompanhavam as turmas, e posteriormente iniciavam as atividades propostas do dia com duração aproximada de 2h. Após a finalização da atividade, era fornecido um lanche aos alunos e organizadores das atividades.

Além disso, nos encontros presenciais, a partir de 2022 com a união dos projetos, também foram realizadas diversas atividades dentro de algumas escolas públicas de Uberlândia. Durante as visitas nas escolas foram realizadas apresentações sobre as formas de ingresso, cursos, oportunidades durante os cursos de graduação e pós-graduação e atuação no mercado

de trabalho. Além disso, foram apresentados o curso de Educação Física e seus projetos, e o PET Educação Física/UFU.

Resultados e discussão

Desde sua criação, o projeto atendeu centenas de jovens com idades entre 8 e 17 anos, de diferentes escolas públicas e ONGs de Uberlândia. Foram realizadas atividades presenciais, sendo uma atividade em 2014, duas atividades em 2015, duas atividades em 2016, duas atividades em 2017, duas atividades em 2018 e uma atividade em 2019, totalizando dez atividades presenciais nesse período. Em 2020 e 2021, devido à pandemia e isolamento social, foram elaboradas cinco cartilhas ilustrativas (duas em 2020 e três em 2021) de maneira remota. As instituições atendidas até 2019 pelo projeto foram: 4º e 5º ano do ensino fundamental, 9º ano do ensino médio e EJA da Escola Estadual Amador Nunes; Comunidade da ONG Missão Huios de Uberlândia; Crianças e adolescentes da ONG ABC do Glória de Uberlândia. No total, entre 2014 e 2019, foram atendidos diretamente 220 alunos e professores e, indiretamente, 660 pessoas.

Os temas abordados nas atividades presenciais no campus Educação Física da UFU foram atividades aquáticas, frisbee, judô, ginástica artística, capoeira, atletismo, jogos e brincadeiras, tênis de campo, e esportes paraolímpicos (goalball, o basquete em cadeira de rodas, tênis de campo).

Em virtude da Pandemia de COVID-19 que ocorreu diagnosticada no Brasil a partir de março de 2020, levando a medidas sanitárias de isolamento social e a suspensão das atividades escolares presenciais, o projeto foi adaptado por meio da elaboração de cartilhas informativas para “Um dia diferente em casa”, e de materiais de divulgação em redes sociais a partir do conteúdo das cartilhas e palestras com especialistas sobre o assunto. Todos os conteúdos tiveram o objetivo de incentivar a quebra do comportamento sedentário e a atividade física (recreativas e esportivas) das crianças e suas famílias. Em 2022, houve atualização e aprimoramento das

cartilhas, as quais aplicamos e divulgamos tanto de maneira online, quanto presencial, nas visitas às escolas e nos dias em que os alunos visitaram o campus Educação Física da UFU.

Figura 1. Ilustrações das atividades desenvolvidas.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Uberlândia – 01/05/2017.

Legenda: A – Atividades aquáticas; B – Judo; C – Lanche dos participantes; D – Frisbee.

Ainda nesse sentido, os alunos do PET Educação Física executaram atividades online/remotas, como a produção de material audiovisual (divulgados no Instagram do PET), para proporcionar o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, de uma forma diferente do que é geralmente vivenciado nas salas de aula. A divulgação das mídias relacionadas às cartilhas ocorreu semanalmente ao longo do ano pelas redes sociais, sempre reforçando a importância da prática de atividade física e esportes pelas crianças e adolescentes.

Nas cartilhas foram abordadas atividades individuais e em família. As atividades individuais foram: saltos diversificados; não deixe cair o ba-

lão; acerte o alvo; saltar almofadas; hora de dançar; corrida de saco; toque no balão; dentro do alvo; eu danço assim; voando bem alto; escavação no gelo; trava-língua; e massinha caseira. As atividades em família foram: caça ao tesouro; pula corda; o mestre mandou; salto em distância; estátua; faça como eu faço; onde estou?; passa anel; esconde-esconde; guerra de bexiga com água; espreme esponja; qual é a música; jogo da velha; morto vivo; força; batata quente; piquenique com a família; e qual o significado.

Nas cartilhas sobre iniciação esportiva foram abordadas as atividades para pessoas sem deficiência (futebol, handebol, voleibol, basquetebol, esgrima, golfe e tênis de mesa) e com deficiência (futebol de 5 e futebol de 7, voleibol sentado, basquete em cadeira de rodas, goalball e bocha adaptada).

Neste período também foi elaborada uma cartilha sobre saúde mental, atividade física e nutrição, sendo voltada não apenas aos escolares, mas também ao público em geral de professores e familiares dos alunos. Nesta cartilha foram abordados temas como: depressão, transtorno de ansiedade, transtorno bipolar, TDAH, transtornos alimentares, síndrome de burnout, transtorno do espectro autista, doença de Parkinson, doença de Alzheimer e esquizofrenia. Todos esses temas sendo relacionados com a nutrição e a atividade física.

A figura 2 apresenta a capa das cinco cartilhas desenvolvidas que podem ser acessadas no site do PET Educação Física da UFU (www.pet.faei.ufu.br).

Vimos nessa atividade potencial para alcançar e aproximar muitas famílias durante o período de isolamento social. Desde o início buscamos criar um documento que fosse acessível, de fácil reprodução e que trouxesse um resultado positivo como nas edições anteriores. Finalizamos essa atividade satisfeitos e também surpresos com os resultados, já que não havíamos feito anteriormente coisa semelhante. Não tivemos contratempos que impediram a criação e o compartilhamento do material. O informativo sobre o material foi publicado nas redes sociais

(Instagram e Facebook) do PET Educação Física/UFU, e a cartilha se encontra disponível para download.

Figura 2. Capa das cartilhas desenvolvidas em 2020 e em 2021.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Uberlândia, 2020/2021.

Com a criação do projeto “UFU na escola” pela gestão superior, vimos nessa proposta de atividade um grande potencial para junção com o projeto “Um dia diferente”, de modo a alcançar mais crianças de nossa cidade. Assim, no ano de 2022, com o retorno das atividades presenciais unimos as duas atividades para se tornar algo com um impacto ainda maior. Foram realizadas parcerias com duas escolas públicas da cidade de Uberlândia, que estariam dispostas a receber visitas dos grupos PETs. Dessa forma, além do cumprimento dos objetivos do projeto, conseguimos ainda: apresentar as oportunidades e possibilidades que a UFU oferece à sociedade; apresentar cursos não conhecidos pelos alunos do Ensino Médio, propiciando uma maior assertividade na escolha do curso de graduação; apresentar os campi da UFU; estimular a prática de atividades físicas, seja em casa ou em qualquer lugar; e apresentar esportes não inseridos nas aulas de Educação Física escolares.

Com o retorno presencial pós pandemia e a junção dos projetos, em 2022 foram realizadas 11 atividades, sendo duas nas escolas, duas no campus Educação Física, seis nas escolas e uma no campus Educação Física da UFU. Neste período tivemos a participação de duas escolas de Uberlândia, Minas Gerais (Escola Estadual José Ignácio de Souza e Escola Estadual Mário Porto de Uberlândia) e uma de Mirassol, São Paulo (Escola Estadual Anísio José Moreira). No total, entre 2022 e 2023, foram atendidos diretamente 550 alunos e professores e, indiretamente, 1650 pessoas.

A figura 3 mostra algumas atividades realizadas a partir de 2022 nas escolas e no campus Educação Física da UFU.

Figura 3. Atividades realizadas a partir de 2022 após a junção dos projetos “Um dia diferente” e “UFU na escola.”



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Uberlândia – 01/05/2022.

Legenda: A e B: Visita à Escola E.E. José Ignácio de Souza, Uberlândia; B e C: Visita à E.E. Mário Porto, Uberlândia; E: Visita dos alunos da E.E. Mário Porto ao campus Educação Física - UFU.

Em 2023, tivemos a oportunidade de ver a concretização do resultado desse projeto, que vem sendo realizado pelo PET, em que uma ex-estudante da Escola Estadual Mário Porto se tornou discente do curso de Educação Física na UFU. Apesar de já conhecer o campus por ter treinado vôlei em ginásios do local, a estudante disse que as informações recebidas durante o projeto realizado pelo PET permitiram uma nova perspectiva sobre o local, o curso de Educação Física e a UFU. Nas palavras da mesma,

“Vocês mostraram o que era realmente o curso, tirou todos os mitos que se tem sobre educação física, mostrou a áreas de atuação e eu vi que me identificava mais do que imaginava”, relatou a estudante. Além disso, ela ressalta que ingressar na UFU, uma universidade pública, era “a oportunidade de fazer o que eu amo e sair na frente na graduação por estar fazendo na UFU”.

Diante disso, acreditamos que a experiência promovida pelo trabalho realizado atingiu resultados muito satisfatórios e recompensadores. O diálogo e a interação entre a universidade e a comunidade externa são fundamentais para o desenvolvimento de projetos como esses. Foram trabalhados nas atividades: comunicação interpessoal, espírito de equipe, otimismo, capacidade de criação e inovação, proatividade e iniciativa.

Os petianos adquiriram conhecimentos/habilidades, podendo confrontá-los com os conhecimentos da formação acadêmica e com práticas administrativas; vivenciaram ações que integram o ensino, a pesquisa e a extensão; conseguiram melhor percepção própria na inserção social de sua área de formação, ajudaram a solucionar de forma prática e ágil os problemas identificados, conseguiram desenvolver ações multi e interdisciplinares externas e internas à UFU e conheceram melhor a política de extensão. Houve um choque de realidade grande nos alunos da UFU participantes, pois muitos não conheciam a realidade de escolas públicas, em especial de periferia de

Uberlândia. Assim, isso possibilitou um conhecimento fundamental para a formação do futuro profissional de Educação Física, em especial aqueles que vão trabalhar dentro da escola.

Considerações finais

O projeto conseguiu atingir todos seus objetivos. Com o retorno das atividades presenciais e o lançamento oficial do projeto UFU na Escola, essa atividade está se tornando mais permanente e consolidada no PET Educação Física UFU. Em 2023, houve a ampliação de turmas e escolas a serem atendidas, dessa forma ocorreu a oportunidade de parceria com outras entidades, em especial de outros PETs dentro da UFU, mostrando ainda mais o mundo abrangente da nossa universidade.

Constatamos que muitos alunos sequer conheciam a UFU e os cursos que ela oferece, e que a busca por uma graduação na UFU era vista como algo, de certa forma, inatingível. Muitos desconheciam que a UFU é uma universidade pública e gratuita e que oferece bolsas e auxílios financeiro aos alunos. Verificamos também que os jovens do Ensino Médio são carentes de informações sobre a universidade, acerca das possibilidades de ingresso na UFU e, ainda, das oportunidades existentes no mercado de trabalho em Uberlândia. Em contrapartida, os alunos da UFU participantes do projeto também obtiveram ganhos e vários aprendizados, já que conseguiram vivenciar uma realidade externa à Universidade, dentro das escolas públicas.

Desde o início do projeto, um objetivo a ser alcançado é o de que crianças e adolescentes conheçam e compreendam a oportunidade de ingressarem na Universidade Federal de Uberlândia, e tornar esse caminho um potencial transformador social. Por fim, deixamos o depoimento da ex-estudante da Escola Estadual Mário Porto, agora discente do curso de Educação Física na UFU, que além de nos inspirar a continuar este trabalho no qual acreditamos intensamente, foi a representação do que é essa

troca entre a Universidade e a Sociedade materializada neste projeto. Ao perguntarmos se ela teria vontade de participar do grupo PET Educação Física da UFU, ela responde: “Sim, eu acredito ser uma oportunidade única de levar informação para a população, apresentar projetos com propostas inovadoras e principalmente fazer a diferença na vida de alguém”.

Atividades como essa são muito importantes para a formação de todos os envolvidos, tanto dos discentes e docentes da Universidade, como da comunidade externa. Os alunos do PET Educação Física da UFU participaram do projeto contando com o auxílio dos professores das escolas públicas em que atuamos. Isso proporcionou grandes aprendizados entre as partes: aos docentes do Ensino Médio envolvidos – aprendizados e vivência de novas técnicas de ensino-aprendizagem; aos acadêmicos da UFU – conhecimento de diferentes possibilidades de abordagens e conteúdos. Além disso, dentre outros ganhos podemos citar: a vivência de situações reais; o entendimento de demandas atuais da comunidade externa; o entendimento dos empecilhos vivenciados pelos professores; o conhecimento pelos discentes de componentes curriculares presentes nos cursos da universidade.

Podemos ainda listar alguns exemplos práticos desses aprendizados: pelos discentes – planejar e aplicar as atividades previstas pelo projeto, e ter que adaptá-las ou muda-las de acordo com a demanda dos alunos de cada turma; pelos docentes – aprender novos conteúdos e a relação entre a teoria e a prática nos assuntos abordados em sala de aula, e aplicados no projeto; pela comunidade externa – mostrar qual o real papel da Universidade bem como suas possibilidades e oportunidades dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, V. C.; CAMPOS, W.; LOPES, A. S. Epidemio-logy of physical inactivity, sedentary behaviors, and unhealthy eating habits among Brazilian adolescents: a systematic review. **Cien Saúde Coletiva**, Manguinhos, v. 14, n. 1, p. 173- 193, 2014.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

HALLAL, P. C.; KNUTH, A. G., CRUZ; D. K.; MENDES, M.I.; MALTA, D. C. Physical activity practice among Brazilian adolescents. **Cien Saúde Coletiva**, Manguinhos, v. 15, n. 2, p. 3035-3042, 2010.

PIOLA, T. S.; ARAÚJO, E. D.; PACÍFICO, A. B.; CAMARGO, E. M.; CAMPOS, W. Nível insuficiente de atividade física e elevado tempo de tela em adolescentes: impacto de fatores associados. **Cien Saúde Coletiva**, Manguinhos, v. 25, n. 7, p. 2.803-2.812, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Taking Action on Childhood Obesity**. Publication date: 2018. Reference number: WHO/NMH/PND/ECHO/18.1.

CAPÍTULO 6

ENSINO DE LUTAS PARA A CIDADANIA – UM PROJETO PET-FAEFID/UFJF

Lucas Emanuel de Oliveira Silva

Victor de Souza Souto Maior Lopes

Matheus da Silva Telles Gomes Brega

Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior

Introdução

A partir da demanda por um projeto que contemplasse o tripé que rege as universidades públicas, ensino, pesquisa e extensão, em 25 de setembro de 2009 nasce o Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora (PET-FAEFID/UFJF) (Brandão *et al.*, 2016). Desde então, diversas atividades vêm sendo realizadas objetivando qualificar a formação de licenciandos e bacheleiros em Educação Física, produzir ações de cunho científico e contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Assim, o PET-FAEFID atua em consonância com os princípios acadêmicos, democráticos e sociais que baseiam a educação superior brasileira. Atualmente, sob a luz de um planejamento anual construído coletivamente com a supervisão do tutor Carlos Fernando Cunha, o grupo desenvolve diferentes ações, dentre as quais, algumas mencionadas a seguir.

As atividades “Acompanhamento Pedagógico”, “Boas-vindas” e a “Oficina de Currículo Lattes” são voltadas para estudantes matriculados nos primeiros anos do curso e visam seu acolhimento, sua qualificação em disciplinas com histórico de reprovação e sua vinculação ao campo da pesquisa.

Os “Ciclos de palestras e oficinas temáticas”, com adesão elevada, têm alcançado um bom número de estudantes de todos os períodos, abordando especialmente temas que não são privilegiados no currículo formal do curso. Desenvolvemos atividades no campo das mídias sociais, através de nossos perfis em diversas redes, com o objetivo de divulgar e democratizar nossas ações e discussões. Essas atividades citadas e outras desenvolvidas no âmbito do PET-FAEFID buscam articular os campos da extensão, da pesquisa e do ensino, bem como contribuir para a qualificação da formação dos estudantes da FAEFID-UFJF.

No presente texto, aprofundaremos a discussão sobre uma temática que é desenvolvida pelo grupo a anos, a questão do ensino de lutas. A temática é abordada na ação “Capacitação pedagógica em lutas”, específica para os integrantes do PET-FAEFID e, especialmente, o “Ensino de lutas para a cidadania”, que é uma atividade de extensão que ensina judô para crianças e adolescentes matriculadas no Instituto Jesus (IJ). Trata-se de organização filantrópica, localizada em Juiz de Fora/MG, que visa dar suporte social a menores em vulnerabilidade socioeconômica. Tal projeto foi iniciado em 2012 (Brandão *et al.*, 2016), perdurando até hoje e alcançando destaque como uma ação que tem, sobretudo, o compromisso social como sua referência.

Sendo assim, este Relato de Experiência (RE) tem o objetivo de evidenciar a importância do Ensino de Lutas Para a Cidadania como uma atividade de extensão do PET-FAEFID/UFJF.

Metodologia

Essa pesquisa foi realizada sob a abordagem qualitativa-descritiva em formato de RE, a fim de evidenciar o contexto e as contribuições do projeto de extensão “Ensino de lutas para a cidadania” do PET-FAEFID/UFJF. Sobre essa modalidade de pesquisa, Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 65) citam que o RE

[...] é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.

Nesse sentido, essa modalidade de pesquisa permite a evidenciação de atividades científicas, formativas, tecnológicas e sociais desenvolvidas no amplo contexto do ensino superior público, o que contribui para o progresso, análise e avaliação de outras ações da mesma natureza. Além disso, tal trabalho também visa contribuir para a valorização das práticas de extensão desenvolvidas pelos PETs e pelas universidades públicas brasileiras.

Deste modo, o capítulo se encontra respaldado por vivências dos petianos do grupo PET-FAEFID/UFJF no planejamento anual, semanal e execução do projeto “Ensino de lutas para a cidadania” no período de 2020-2023, orientações de Mussi, Flores e Almeida (2021) e, por fim, no trabalho de Brandão *et al.* (2016).

Ensino de lutas para a cidadania

O projeto “Ensino de lutas para a cidadania”, como citado, nasceu em 2012, após uma demanda diagnosticada pelo PET-FAEFID no IJ, na qual as crianças e jovens atendidos pela instituição demonstraram interesse na aprendizagem de uma luta. Após isso, o grupo oficializou essa importante atividade em 2013, como registra Brandão *et al.* (2016, p. 20) ao citar que:

[...] o PET-FAEFID viu na abertura do Edital 10/2012, em apoio aos grupos PETs, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), agência de fomento ao desenvolvimento científico e tecnológico de Minas Gerais, a oportunidade de atender as demandas dos meninos do IJ. Este edital viabilizaria a obtenção de recursos para a implementação do projeto de ensino do judô no IJ. Assim, o grupo PET-FAEFID elaborou a proposta denominada “Ensino de Lutas para a Cidadania” e submeteu ao referido Edital. Este projeto foi avaliado pelos pareceristas da agência e aprovado em maio de 2013.

Após isso, o judô foi a modalidade de luta escolhida para encabeçar o projeto (Brandão *et al.*, 2016), pois possibilita o desenvolvimento motor, cognitivo, moral e social dos indivíduos, além de objetivar uma filosofia de vida com forte valor humano e solidário (Kano, 2008), coerente assim, com o compromisso social que deve abranger as ações dos grupos PETs.

Atualmente, o IJ atende 122 menores no contraturno escolar, com idades que variam entre 6 e 17 anos. A instituição oferta diversas atividades culturais, educacionais, esportivas e profissionalizantes, além de alimentação, como café da manhã, almoço e lanche da tarde. Dentre tais atividades, como citado, há o ensino do judô em parceria com o PET-FAEFID, para aproximadamente 35 meninos e meninas. As aulas ocorrem duas vezes na semana, com 60 minutos de duração, para quatro turmas diferentes, ministradas por 3 bolsistas e 1 ex-bolsista voluntário.

Nessa lógica, as aulas são sistematizadas semanalmente a partir de um planejamento anual, organizado coletivamente com o auxílio de um Sensei (mestre graduado na faixa preta do judô) que também é professor efetivo da FAEFID-UFJF. Ademais, em coerência com as demandas de uma sociedade globalizada e pós-moderna, buscamos nos basear nas contribuições teóricas da Educação Física Cultural, objetivando o ensino do judô alicerçado em princípios democráticos, inclusivos e multiculturais

(Neves; Neira, 2019). Assim, para além das vivências motoras que envolvem a luta, também tematizamos os significados culturais que emergem a partir dela, visando o desenvolvimento crítico e social dos alunos.

Sob essa ótica, almejamos aulas que proponham uma vivência ampla e significativa para as crianças e os adolescentes, com uma gama inacabada de possibilidades e (re)significações pedagógicas, culturais e sociais, a exemplo do que orienta Nascimento (2008, p. 43-46):

Temos como possíveis conteúdos de ensino: a) desempenhar papel de atacante e defensor; situar-se nos espaços; deslocar-se nos diversos planos, atacando e defendendo; coordenar seus deslocamentos; mudar de posição em função do adversário; b) desenvolver e disponibilizar ações motoras específicas (agarrar, reter, desequilibrar, imobilizar, esquivar-se, resistir, livrar-se) e essenciais em situação de ataque e defesa nas suas diversificações possíveis, combinando-as e encadeando-as inteligentemente com vistas aos fins desejados; c) apreciar as distâncias, o momento de intervenção e a retomada de curso nas suas ações, em função da reação de seu oponente e ou do resultado obtido; d) compreensão, apropriação e construção das regras e normas das atividades; e) analisar e compreender sobre a lógica intrínseca a cada modalidade de luta; f) adaptar, construir, (re) construir lutas a partir de suas lógicas, adaptando-as ao contexto da turma, da escola e da Educação Física [...] Os conteúdos podem ser assim visualizados: a) conhecimentos sobre o que estrutura as atividades: rituais, filosofias, códigos, símbolos, regras, organização; b) conhecimentos da dimensão técnico-tática: elementos técnicos básicos (bases/posturas, golpes de ataque, golpes de defesa), princípios táticos elementares (movimentações intencionais de caráter tático, contragolpes, fintas, apreciação das distâncias...); c) conhecimentos de caráter crítico: brigas x esportes de luta x artes marciais, a violência nas lutas, riscos dos esportes de luta, a presença da mulher nos esportes de

luta, a formação do mestre em artes marciais/lutas, a multiplicação dos estilos de lutas, lutas clandestinas, doping nas lutas, qualidade dos serviços prestados em academias de lutas, métodos de treinamento, artes marciais e a relação com o crime e a política.

Os impactos da pandemia

No ano de 2020, a pandemia de Covid-19 assolou todo o mundo (Brasil, 2020a), o que obrigou grande parte dos países a entrarem em quarentena para evitar a propagação do vírus SARS-CoV-2. Nesse contexto, assim como sobre toda comunidade global, as consequências de tal episódio foram impactantes nas atividades do PET-FAEFID. A despeito disso, a UFJF paralisou todas suas ações presenciais a partir de março de 2020 (Brasil, 2020b), fato normatizador reproduzido por nós, petianos. Com isso, o ensino de lutas também foi suspenso, assim como os serviços ofertados pelo IJ, interrompendo uma parceria exitosa desde o início do projeto.

Nessa lógica, no decorrer do ano de 2020 e grande parte de 2021, mantivemos nossas atividades de forma on-line, por meios de postagens informativas e reuniões remotas. No tocante ao ensino de lutas, realizamos capacitações e apresentações do projeto para novos petianos, pois dois processos seletivos foram realizados durante tal período. Tais ações tinham como objetivo manter as estruturas organizacionais de nossas tarefas, visando o iminente retorno presencial.

Entretanto, apesar de tais procedimentos, houve considerável desarticulação do projeto Ensino de Lutas, pois os petianos responsáveis pelo projeto foram saindo no decorrer do processo pandêmico, restando apenas um bolsista que teve um contato curto com a atividade de extensão. Dessa maneira, o retorno do projeto enfrentou grandes desafios até se reestruturar de modo significativo, assim como grande parte da sociedade pós-pandêmica.

Dentro desse contexto, a volta do projeto aconteceu mediante contato prévio com o IJ, que, sob nova coordenação, colaborou substancialmente para tal regresso, fornecendo subsídios essenciais, como máscaras e limpeza periódica do dojô (área de treino/aula de judô). Além disso, outras capacitações foram realizadas com grupo PET-FAEFID, a fim de nos prepararmos melhor. Assim, o nosso retorno ocorreu a partir de junho de 2022, com dois bolsistas que, sob a supervisão do tutor, assumiram duas turmas reduzidas e com histórico de pouco ou nenhum contato com a prática do judô.

O primeiro desafio posto foram as cicatrizes ocasionadas pela pandemia, sobretudo no Brasil, onde mais de 700 mil vidas foram perdidas para Covid-19 (Brasil, 2023). Os reflexos de tal tragédia, que foi potencializada pela postura negacionista do Governo Federal vigente na época, se fez marcante durante as primeiras aulas, nas quais os alunos se mostraram receosos em realizarem uma prática com forte contato físico. Nesse sentido, começamos apresentando a história, filosofia e fundamentos do judô, que não exigiam o contato corporal entre as crianças e os adolescentes. Ao mesmo tempo, amparados no currículo cultural da educação física, tentamos nos aproximar dos alunos considerando, nas aulas propostas, suas práticas sociais, como o gosto musical, compreensões sobre o conceito de luta, esporte, competição, e, principalmente, suas práticas corpóreas. Em acordo com Neves e Neira (2019) ao afirmarem que o reconhecimento da cultural corporal da comunidade permite a mobilização desses significados nas atividades de ensino. Dessa maneira, nesse retorno, ressignificamos o judô de modo que fosse coerente com a realidade sociocultural dos alunos e, processualmente, fomos tematizando os signos tradicionais da luta, valorizando também os signos compartilhados pelos novos lutadores.

Outro ponto impactante nesse contexto foi (é) a tentativa de construir, junto aos alunos, representações pacíficas relacionadas ao judô, a partir de problematizações e diálogos. Sobre isso, Neira e Souza (2022)

elucidam que os indivíduos do processo educativo colocam diversos significados em circulação enquanto vivenciam práticas corporais e que os processos de narrar, questionar, tensionar e disputar tais signos constituem maneiras de ler a prática corporal. Nessa lógica, propomos rodas de conversas em que debatemos a diferença entre luta e briga e os diferentes meios para resolução de conflitos. Outra ação constante foi/ é a reafirmação dos valores serenos relacionados ao judô, como o autocontrole, a cortesia, a amizade, o respeito e a cooperação (Kano, 2008).

Por fim, de modo processual e inacabado, o projeto foi se reestruturando, com um constante compartilhamento de significados entre as crianças e adolescentes do IJ, os bolsistas responsáveis pelo Ensino de Lutas e os outros integrantes do PET-FAEFID. No decorrer desse cenário, a quantidade de turmas e alunos participantes foi aumentando gradualmente até chegar aos números atuais, as capacitações dos petianos também continuam progredindo, assim como os saberes pedagógicos, sociais e afetivos relacionados ao ato de ensinar. Logo, as cicatrizes deixadas pela pandemia, maximizada pelo descaso governamental da época, são profundas, mas, ao mesmo tempo, o forte legado das universidades públicas brasileiras possibilitou o retorno presencial do PET-FAEFID e do seu projeto que tem, repetimos, o compromisso social como finalidade.

Capacitação Pedagógica

Uma etapa importante do projeto é atividade de capacitação dos petianos que participam do projeto “Ensino de lutas para a cidadania”. Apesar disso, tal ação é realizada uma vez no semestre por um Sensei ou por um petiano com mais experiência no ensino do judô. Durante esse momento, são abordados fundamentos práticos e teóricos do judô, como história, saudações e princípios morais e filosóficos da luta, amarração de faixa, rolamentos, amortecimentos de quedas, posições básicas, pegadas e golpes de projeção, imobilização e estrangulamento. Desse modo, sua função é proporcionar um melhor preparo e qualificação pedagógica para

novos e antigos petianos, visando assim, o ensino do judô da melhor forma possível.

Diante disso, essa etapa permite que novos petianos participem do ensino de lutas sem, necessariamente, precisarem de conhecimento ou vivência prévia do judô. Aliado a isso, os integrantes recentes acompanham as aulas durante algum tempo para adaptação e depois vão adquirindo autonomia e capacidade de ensinar o judô e tomarem frente das aulas. Logo, a capacitação pedagógica propõe qualificar não só os petianos, mas o projeto como um todo.

Exame de faixas

Paralelo a tudo isso, dentro do judô, um método de avaliação, recompensa e evolução da aprendizagem dos praticantes é o exame de faixas. Assim, no “Ensino de lutas para a cidadania”, essa etapa também se faz presente e tem um papel fundamental no que diz respeito à prática das crianças e dos adolescentes na luta, pois, além de um papel avaliativo na medida em que cada faixa exige, progressivamente, determinadas competências, esse exame também visa ser estimulador para a aprendizagem dos alunos e carrega grandes significados no tocante ao judô.

Nesse contexto, a realização do exame é feita periodicamente por um Sensei que vem até o projeto no IJ. Tal evento busca ser simbólico, no qual entregamos certificados e medalhas para todos os alunos que participam do projeto e graduamos cada um de acordo com sua evolução. Sob essa ótica, também é importante ressaltar que o exame propõe ir além da formalidade e do simbolismo da tradição do judô, sendo o resultado de tudo que é ensinado e absorvido pelos menores dentro e fora do dojô. Ademais, também visa os valores que prezam pelo respeito à vida humana, aos familiares e aos amigos, pela disciplina, pelo respeito e pela cooperação. Assim, a prática de tais princípios na vida e não somente no dojô, é significativamente enaltecida através do exame de faixas.

Portanto, o exame de faixas se trata de um momento que tem a finalidade de ser especial na vida de cada um de nós, petianos, e nas vidas das crianças e dos adolescentes participantes do ensino de lutas, visto que nesse dia podemos apresentar o trabalho que foi realizado com cada um deles e representar sua evolução e aprendizado dentro da arte marcial. A visível felicidade de cada aluno com seu desenvolvimento e dedicação nesse momento tão simbólico é algo impagável e incentivador para cada um que ensina o judô.

Resultados

Os resultados do ensino de lutas são coerentes com o tripé que orienta as ações dos PETs, evidenciando a capacidade virtuosa que tem esse projeto de extensão. Nessa lógica, no âmbito da pesquisa, alguns bolsistas realizaram/realizam seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) relacionados ao projeto. Além disso, também publicamos o artigo intitulado “Ensino de Lutas Para a Cidadania” (Brandão *et al.*, 2016), no qual relatamos todo o contexto do projeto.

Já no âmbito do ensino, é notória a qualificação do processo formativo dos bolsistas participantes e a ampliação do senso crítico e social. Exemplo disso é a atuação voluntária de um ex-petiano no projeto, sempre alegando as contribuições que o ensino de luta trouxe e traz para ele em sentido amplo. Também somos testemunhas desse enriquecimento formativo, por meio da nossa própria vivência nessa atividade de extensão, que é extremamente enriquecedora e gratificante. Desse modo, afirmamos, categoricamente, que o projeto “Ensino de lutas para a cidadania” é fundamental para nossa constituição enquanto sujeito social e futuro professor/a de educação física.

Por fim, no âmbito da extensão, os resultados não são passíveis de serem mensurados, mas sim observados em um processo contínuo, não linear e inacabado. Sob essa ótica, os alunos do projeto demonstram, a partir

de suas atitudes em aula, apreensão de certos significados relacionados ao judô, como a cooperação, a amizade e o respeito. Sobre isso, é considerável a diminuição das brigas dentro do IJ, segundo relatos da coordenação da instituição. Da mesma forma, também observarmos, nas aulas lecionadas, forte declínio de atitudes violentas, desrespeito e prática de bullying entre os menores. Ademais, para além do estímulo social, cognitivo e motor que o ensino de lutas propõe, há as ressignificações individuais que as crianças e os adolescentes realizam da prática corporal, sempre passíveis de transformações e (re)leituras.

Considerações finais

Evidencia-se, portanto, a importância social, formativa e científica do PET-FAEFID, por meio do seu projeto “Ensino de lutas para a cidadania”. Também é preciso ressaltar e defender o papel que as universidades públicas exercem no corpo social por meio de suas múltiplas ações, a exemplo das atividades de pesquisa, ensino e extensão. Consoante às considerações de Nunes e Silva (2011, p. 120) ao afirmarem que a relação entre o ensino superior público e os brasileiros é uma via de duas mãos e que esse tipo de instituição é “privilegiadamente (...) um locus para a produção e acumulação do conhecimento e a formação de cidadãos”. Logo, é imprescindível o fortalecimento, em todos os âmbitos, de práticas exitosas de extensão, a fim de que nossa sociedade possa caminhar para a efetivação de um país mais justo, multicultural e democrático.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, F. M.; LIMONGI, T. M.; FAYER, D. P.; PEREIRA, L. F.; MOURÃO, L. N. Ensino de Lutas para a Cidadania. **Revista Elo - Diálogos em Extensão**, Viçosa, v. 5, n. 3, p. 18-27, 2016.

BRASIL. Informes Semanais Covid-19. Ministério da Saúde. **Coronavírus**. [s.l.], 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-semanais-covid-19>>. Acesso em: 5 de out. de 2023.

BRASIL. Serviços e Informações do Brasil. Ministério da Saúde. **OMS classifica coronavírus como pandemia**. [s.l.], 2020a. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia>>. Acesso em: 5 de out. de 2023.

BRASIL. UFJF Notícias. Universidade Federal de Juiz de Fora (comp.). **UFJF suspende atividades presenciais nesta terça mantendo somente serviços essenciais**. [s.l.], 2020b. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2020/03/16/ufjf-suspende-atividades-presenciais-nesta-terca-mantendo-somente-servicos-essenciais/>>. Acesso em: 5 de out. de 2023.

KANO, J. **Energia mental e física**: escritos do fundador do judô. São Paulo: Pensamento, 2008.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>>. Acesso em: 25 de set. de 2023.

NASCIMENTO, P. R. B. Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. XX, n. 31, p. 36-49, 2008.

NEIRA, M. G.; SOUZA, R. A. P. de. A Educação Física cultural em tempos de isolamento social. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 01-16, 2022. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e89840>.

NEVES, M. R.; NEIRA, M. G. O currículo cultural de educação física: prin-

cípios, procedimentos didáticos e diferenciações. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 4, n. 3, p. 108-124, 2019.

NUNES, A. L. de P. F.; SILVA, M. B. da C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.

CAPÍTULO 7

ESCOLA DO MOVIMENTO EM MOVIMENTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Julia Bergamini Salgueiro

Mateus Silva Oliveira

Rogério Cruz de Oliveira

Introdução

Para Kunz (1994), o movimento humano é a forma de diálogo do ser humano com o mundo. Partindo do pressuposto que o esclarecimento e a emancipação são essenciais para a formação de sujeitos críticos, o autor compreende que os processos educativos com o movimento humano, no geral, e com o esporte, no específico, precisam ir além do trabalho dos conhecimentos técnicos e táticos (competência objetiva), alcançando as dimensões da interação (competência social) e da linguagem (competência comunicativa).

Embora o autor tenha concebido esse modelo na perspectiva do ensino do esporte na educação física escolar, acreditamos que os pressupostos teórico-metodológicos se aplicam em qualquer horizonte de ensino no qual a Educação Física (EF) esteja inserida. Nessa linha, temos acordo com Brandão (1995), para o qual ninguém escapa da educação, seja em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, estamos envolvidos com ela. Para o autor, todos os dias misturamos a vida com a educação, com uma ou com várias, não sendo específico da escola.

Nesse contexto, em alinhamento com Bracht (2000), para o qual o objeto de estudo da EF consiste no movimento humano e suas objetificações culturais na perspectiva da educação das pessoas, compreendemos que as intervenções da área da EF possuem natureza educativa. Na perspectiva de Freire (2002), a educação busca ampliar o horizonte de conhecimento das pessoas em íntima relação com a autonomia, não esquecendo, é claro, a cultura e o contexto no qual os/as alunos/as estão inseridos.

Para fins deste manuscrito, compreenderemos cultura na perspectiva de Geertz (1989), para o qual é uma teia de significados que o ser humano tece cotidianamente. Nesse sentido, tomaremos a educação como um processo de socialização da cultura. Isso significa que todo processo educativo é, antes de qualquer coisa, um processo cultural. No caso da EF, um processo de tematização e abordagem das práticas corporais¹⁷, que, para Lazzarotti Filho *et al.* (2010), são manifestações culturais que se expressam na dimensão corporal. Manifestações estas que podem ser sistematizadas no jogo/brincadeira, esporte, dança, luta, ginástica, dentre outras, com interface com a educação, esporte, lazer e/ou saúde.

No campo da saúde, a EF possui um diálogo potente e promissor, haja vista que a Política Nacional de Promoção da Saúde (Brasil, 2010) tem privilegiado as práticas corporais como forma de produção de cuidado na esteira dos processos educativos, com vistas à humanização, autonomia e empoderamento das pessoas. Numa perspectiva de saúde ampliada, por exemplo, a atividade física (aqui compreendida como sinônimo de prática corporal) é considerada um condicionante de saúde (Brasil, 2013), distante da relação causal “faça exercício e ganhe saúde”.

¹⁷No campo da EF escolar, há um debate acumulado sobre a tematização e abordagem dos conhecimentos da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992), cultura física (Betti, 1992), cultura de movimento (Kunz, 1994) e/ou cultura corporal de movimento (Betti, 1994). Entretanto, na mesma esteira de Daolio (2004), o que é significativo é o enlace com a cultura.

Frente ao exposto, compreende-se a pertinência da oferta de práticas corporais que possibilite às pessoas o ampliar de seu horizonte de conhecimento para além das dimensões técnicas, na compreensão do se movimentar (dialogar com o mundo a partir das vivências corporais), o que se traduz na esteira do Projeto de Extensão “Escola do Movimento” (EM) do Programa de Educação Tutorial Educação Física (PET-EF) da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, Santos-SP (UNIFESP-BS).

Os objetivos do referido projeto consistem em: Promover a vivência de práticas corporais e esportivas para a comunidade interna (docentes, discentes e técnicos/as) e seus familiares, bem como dos/as alunos/as da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UAPI) e Cursinho Popular Cardume (CARDUME) com vistas à promoção da saúde em interface com a educação, esporte e lazer, e; Contribuir com a construção de um tempo e espaço universitário fomentador de integração. Tanto à UAPI quanto o CARDUME são projetos de extensão consolidados na UNIFESP-BS, que, anualmente, abrem as portas da universidade à 200 pessoas da comunidade externa, por isso, a interlocução específica.

Sendo assim, o objetivo deste texto é refletir sobre a experiência do referido projeto a partir da ótica petiana (tutor e estudantes) ao longo do ano de 2023. Acreditamos que conhecer melhor os meandros desse projeto de extensão é potente no sentido de afirmar o papel/lugar das práticas corporais no âmbito universitário, bem como de suas múltiplas possibilidades. Além disso, cumpre com sua publicização, a qual estava prevista como atividade do PET-EF da UNIFESP-BS, justificando assim o presente texto.

Procedimentos metodológicos

O Projeto de extensão EM teve seu início em 2022. Em 2023, o planejamento do PET-EF previu ações da EM entre os meses de abril e dezembro, com carga horária de 160h no período. O início tardio se deve,

ainda, aos resquícios de adaptações da pandemia de COVID-19 na UNIFESP-BS, que impactou os calendários letivos entre 2020 e 2022.

A UNIFESP-BS possui estrutura física composta de cinco unidades acadêmicas (quatro próprias e uma cedida pela prefeitura do município) e duas locações para as atividades de ensino, pesquisa e extensão do curso de Educação Física: ginásio poliesportivo, salas de aula, almoxarifado e sala de apoio docente num colégio privado do município (distante 6km da unidade acadêmica central), e; a piscina de um clube privado. Especificamente, as ações da EM foram desenvolvidas na unidade acadêmica central e na quadra do colégio privado.

As atividades do projeto de extensão EM são desenvolvidas por meio de oficinas de práticas corporais, que, em 2023 (objeto desse texto), foram ofertadas da seguinte forma:

- Esportes coletivos: vivência das modalidades de futsal e voleibol. Vagas: 20 (3ª feira: 18h30 - 20h);
- Ginástica funcional (alunos/as da UAPI): Vagas: 40 (20 na 2ª feira: 15h00 – 16h00; 20 na 5ª feira: 11h00 – 12h00);
- Exercitando o Cuidado (alunos do CARDUME): Vagas: sem limite. Prescrição de exercícios físicos com o peso do próprio corpo feitos de forma remota com os/as interessados.

Com exceção dessa última, que não será objeto de análise do texto, pois ainda é incipiente, as outras oficinas já estão consolidadas na rotina universitária e possuem um público cativo.

No que se refere à Oficina de Esportes Coletivos, o público consiste em estudantes universitários da instituição (majoritariamente, homens e mulheres entre 17 e 22 anos). Os/as estudantes mais frequentes são aqueles/as dos cursos de Educação Física e Fisioterapia. Entretanto, não é raro a presença de dois ou mais professores do curso de Educação Física, bem

como amigos/as e/ou familiares dos/as estudantes e egressos da instituição. A oficina é desenvolvida numa quadra poliesportiva coberta e ministrada, atualmente, por 7 petianos/as, orientados/as pelo tutor. Os materiais utilizados são: bolas de voleibol e futebol; cones; rede e antena de voleibol; colchonetes; coletes; bolsa para armazenamento e transporte de material, e; cordas. Para essa oficina, os/as alunos/as não precisam fazer inscrição ou manifestar interesse, basta comparecer no dia da atividade. As ações são divulgadas semanalmente no Instagram do PET-EF e no grupo de WhatsApp criado com quem já participou, ao menos, uma vez. A inclusão no grupo é feita mediante autorização dos/as participantes. Ao longo de 2023, mais de 100 estudantes foram, ao menos, uma vez nas atividades e, o público varia entre 10 a 20 alunos a cada intervenção.

Já a Oficina de Ginástica Funcional atende um público de mulheres idosas acima dos 65 anos, com a participação esporádica de outras pessoas (comunidade interna e externa) de diferentes faixas-etárias, já que elas são incentivadas a trazerem outras pessoas do seu círculo, independentemente da idade. A oficina é desenvolvida no saguão da unidade central da instituição (espaço coberto - aberto nas laterais - situado logo na entrada do prédio) ou numa sala de aula (em dias de chuva e/ou frio) e ministrada, atualmente, por 6 petianos/as, orientados/as pelo tutor. Os materiais utilizados são: bolas de borracha; halteres de 1kg, 2kg e 3kg; caneleiras de 1 kg, 2kg e 3 kg; bolas de basquete, voleibol e futebol; colchonetes; esteiras de ioga; faixas elásticas de diversas intensidades, e; cordas. Para essa oficina, houve uma divulgação nas aulas da UAPI, bem como a manutenção dos/as alunos/as do ano anterior, totalizando 22 pessoas no início e nove mulheres no atual momento (final do ano letivo). Para essa oficina, houve uma divulgação nas aulas da UAPI, bem como a manutenção dos/as alunos/as do ano anterior, totalizando 22 pessoas no início e nove pessoas no final do ano letivo.

Para participação nas referidas oficinas, os/as alunos/as precisam responder o Questionário de Prontidão para Atividade Física (PAR-Q) e um

Termo de Responsabilidade para a prática de atividade física, em consonância com a Lei Estadual 16.724 (São Paulo, 2018). Entretanto, para os/as alunos/as da UAPI e para aqueles/as que responderem positivamente a qualquer questão do PAR-Q, o atesto médico é solicitado.

Tanto nos Esportes Coletivos quanto na Ginástica Funcional, a forma de trabalho consiste num rodízio de funções entre, a saber: condução da aula; apoio à aula; divulgação e registro da aula (fotos e vídeos para posterior publicação nas redes sociais), e; recepção dos/as alunos/as e registro de sua frequência. Há o estímulo que trabalhem em duplas nas funções, para que a troca seja estimulada e o trabalho com o público não seja sobrecarregado.

A avaliação das oficinas é feita de forma dialogada com os/as alunos/as. Em síntese, os/as petianos/as conduzem uma roda de conversa ao final de cada aula, instigando os/as alunos/as a se pronunciarem quanto à vivência daquele dia e se tem alguma sugestão. Existe ainda um formulário semestral enviado para os/as alunos, composto por quatro questões: 1 - Você está satisfeito/a com as aulas propostas até o momento? (escala de 1 a 5 que vai do “Pouco Satisfeito” a “Muito Satisfeito”); As aulas foram relevantes? (escala de 1 a 5 que vai do “Pouco Relevantes” a “Muito Relevantes”); Qual a sua avaliação quanto a conteúdo das atividades? (escala de 1 a 5 que vai do “Fraco” ao “Excelente”); As práticas atenderam suas expectativas? (escala de 1 a 5 que vai do “Abaixo do Esperado” a “Superou”). Além de uma questão aberta: “Por favor, fique à vontade para deixar algum comentário, sugestão, elogio ou crítica!”.

Assim, para fins deste texto, procederemos com a análise das reflexões empreendidas pelos autores (petianos/as e tutor) a partir das vivências na EM. Para tanto, recorreremos à: registros em arquivos eletrônicos coletivos (atas de reunião e planejamentos compartilhadas em nuvem ou e-mail e grupos de mídias sociais, a exemplo do Whatsapp); anotações individuais feitas em momentos de reunião e/ou na intervenção, e; registros de orientação individual e/ou coletiva.

Nesse sentido, embora não se trate de uma pesquisa em seu sentido estrito, o exercício aqui se assemelha à pesquisa descritiva, que, para Triviños (2008), possui foco no conhecer. Já para Thomas, Nelson e Silverman (2012), é um tipo de investigação que se ocupa com o status quo de um fato ou fenômeno. Nesse caso, a experiência do projeto de extensão EM do PET-EF da UNIFESP-BS. Para tanto, nos ancoraremos na abordagem qualitativa, que, para Minayo (2012), se atenta a descrever uma realidade que não pode ser quantificada.

Em relação aos aspectos éticos, não serão revelados dados específicos dos/as participantes das oficinas, bem como detalhamentos dos grupos de petianos/as envolvidos nas ações, se atendo apenas à intervenção de quem vivenciou (autores), como recomendado por Mussi, Flores e Almeida (2021) em relação a textos como esse.

Para tanto, passaremos ao relato das oficinas de Esportes Coletivos e Ginástica Funcional do projeto de extensão EM do PET-EF da UNIFESP-BS, sendo desenvolvidos em duas seções. Nestas, resultados e discussão serão desenvolvidos de forma conjunta. Além disso, procederemos com uma breve reflexão sobre a avaliação, aulas e trabalho em equipe com a posterior conclusão do manuscrito.

A oficina de Esportes Coletivos

Essa oficina é planejada com o intuito de ofertar um ambiente agradável e acolhedor para todos/as os/as participantes, os/as quais possam praticar as modalidades esportivas ofertadas (vôleibol e futsal), sem divisão de turmas por habilidade e/ou sexo. A ideia é que vivenciem juntos a experiência. Nessa ótica, não há um compromisso exclusivo com as regras institucionais/federativas das modalidades, a exemplo de Oliveira (2018), o qual relatou a experiência com outro projeto de extensão desenvolvido na mesma instituição entre 2011 e 2015. A finalidade é o de promover o bem-estar e a satisfação dos

praticantes, bem como o desenvolvimento do espírito comunitário e integração social, a qual comungamos com Oliveira (2018).

Nesse sentido, não há necessidade de um saber prévio da modalidade, apenas o desejo de participar. Por isso mesmo, além das dimensões técnico-táticas, as aulas são planejadas com o suporte do lúdico - essencial para o andamento do projeto -, pois proporciona um maior contato e interação entre os participantes, o que, consequentemente, acarreta numa maior socialização e o desenvolvimento de vínculo, sendo esses os resultados principais observados por nós até o momento.

Tais características nos permitem afirmar que o ambiente agregador tem potencial impacto na saúde do estudante universitário. Toledo, Oliveira e Padovani (2018) afirmaram que a rotina universitária é estressora e reflete negativamente na qualidade de vida dos estudantes, sendo possível observar uma redução de práticas de atividade física e de lazer. No nosso caso, além do/a aluno/a ter um espaço para esse envolvimento, o clima é amistoso e não apelativo ao esporte profissional, que, como já alertou Kunz (1994) e Oliveira (2001), é excludente e classificatório, devendo ser ressignificado. Uma de nossas principais metas em todas as atividades.

Entretanto, não se trata de tarefa fácil, já que os/as alunos/as participantes do projeto, chegam até essa oficina com a visão hegemônica do esporte, muita das vezes, querendo demonstrar o repertório já adquirido fora do contexto universitário. Tal aspecto é limitador das ações, pois não desejamos nem a exclusão destes, muito menos dos/as participantes com vivência limitada nas modalidades. A principal estratégia para superação do quadro é o diálogo mais estreito com os/as alunos/as, sendo comuns as seguintes recomendações: “Pessoal, menos! Vamos segurar um pouquinho!”, “Fulano, não pode fazer falta. Aqui não é pra isso! [no caso do futebol]”; “Ei, não precisa atacar assim, trabalha a bola, direciona

[no caso do voleibol]”. Embora as recomendações, em sua totalidade, tenham funcionado, há necessidade de manutenção de um diálogo constante, pois o tensionamento faz parte do cotidiano. Parafraseando Dao-lio (2010), é um processo sempre tenso, denso e lento.

Para Kunz (1994), uma educação que se pretenda emancipatória [que é o caso dessa oficina] tem como função libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica, e com isto todo o seu agir social, cultural e esportivo, que se desenvolve pela educação. Para o autor, isto implica que, para uma coerção auto imposta pelo sistema, é necessária uma nova forma de coerção, desta vez exercida pelos professores.

Em lugar de ensinar os esportes na Educação Física Escolar [em nosso caso, leia-se, contexto universitário] pelo simples desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, numa concepção crítico-emancipatória, deverá ser incluído conteúdos de caráter teórico-prático que, além de tornar o fenômeno esportivo mais transparente, permite aos alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidade. Isto implica que no ensino além do trabalho produtivo de treinar habilidade e técnicas [...] devem ser considerados dois outros aspectos [...] trata-se da interação social que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender, mas que deve ser tematizado enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativo e participativo. E quando este processo se desenvolve sob a orientação de uma didática comunicativa, o outro aspecto importante a ser considerado é a própria linguagem. Na Educação Física a tematização da linguagem, enquanto categoria de ensino ganha uma importância maior, pois não só a linguagem verbal ganha expressão, mas todo o ‘ser corporal’ do sujeito se torna linguagem, a linguagem do ‘se-movimentar’ enquanto diálogo com o mundo (p. 34-35).

Entretanto, compreendemos que ainda existe um longo caminho a percorrer para lidar com estes desafios, a começar pela superação de alguns limites estruturais:

- Distância de 6km da unidade acadêmica central: esse fato limita e/ou dificulta a participação, já que o/a aluno/a interessado precisa abdicar do jantar no Restaurante Universitário (que fica na unidade acadêmica central) para estar na oficina ou jantar e chegar atrasado. Embora a cidade de Santos-SP tenha uma malha ciclovária extensa e o trajeto seja plano, há um gasto de 20-25 minutos para esse deslocamento, haja vista o horário de pico de trânsito na cidade, inclusive o de bicicletas;
- Oferta restrita do contrato de locação: atualmente, existem apenas três dias disponíveis para as atividades noturnas (terças, quartas e quintas, entre 18h e 22h), o que impede a oferta de mais horários e modalidades, pois existem outras extensões em funcionamento em outros dias;
- Restrição do Projeto Político Pedagógico do campus: os cursos de graduação do Instituto de Saúde e Sociedade da UNIFESP-BS (Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia e Terapia Ocupacional) são integrais, com exceção do Serviço Social, que possui turmas no vespertino e noturno. Nesse sentido, há limitações na oferta de atividades diurnas, já que os/as petianos/as estão em período de aula e os/as potenciais participantes também. Além disso, o desenvolvimento de atividades do horário noturno impossibilita a participação de alunos/as do Serviço Social – noturno. Como alternativa a esse limite, o campus instituiu a área comum (2ª feira no período vespertino) para o desenvolvimento das ações de ensino, pesquisa e extensão. Ocorre que se trata de um período tão farto de atividades, já que a UNIFESP-BS é o campus com o maior número de projetos de extensão da instituição, que a grande maioria dos

estudantes de graduação, público-alvo dessa oficina, já estão envolvidos/as em outras atividades nesse dia e horário. Outro horário comum é a 5ª feira pela manhã, mas, aqui, a restrição é do tutor, já que se trata de uma área reservada às reuniões de colegiado (curso, departamento, congregação e conselho de campus). Até existem algumas ações de ensino, pesquisa e extensão em funcionamento, mas com muitas restrições. No caso do PET-EF¹⁸, inserimos nesse dia e horário a Ginástica Funcional, já que a sala do tutor e a estrutura para as reuniões, ficam no mesmo local de funcionamento da referida oficina.

A oficina de Ginástica Funcional

Essa oficina é planejada com o intuito de ofertar práticas corporais diversas às pessoas idosas que frequentam a UAPI, bem como seus/suas ex-alunos/as. No contexto da UNIFESP-BS, a UAPI é um dos projetos mais longevos e enriquecedores, possuindo até uma Associação de ex-alunos bem atuante. Em todos os semestres letivos, além das aulas que ocorrem todas as sextas-feiras à tarde (14h00 – 16h30), os/as alunos/as da UAPI também participam de atividades de ensino, pesquisa e extensão de diversos projetos, sendo a EM um deles.

Sabe-se que o envelhecimento traz aos indivíduos problemas musculoesqueléticos, perda de massa muscular, força muscular e capacidade funcional (Gomes *et al.*, 2017), fazendo com que tenham grande perda na qualidade de vida. Dessa maneira, procuramos implementar diferentes dinâmicas para a oficina, mas que todas, de alguma forma, possam ser efetivas para controlar e auxiliar nos problemas acima citados, visto que o exercício físico é capaz de fazê-lo (GOMES *et al.*, 2017). Além disso, Chodzko-Zajko *et al.* (2009) nos mostram que tanto os exercícios aeróbicos quanto os exercícios resistidos são importantes para este público.

Dessa maneira, trabalhamos com circuitos de exercícios físicos com ênfase na força muscular, na flexibilidade e no equilíbrio. Para tanto, além dos recursos materiais existentes, utilizamos o próprio peso corporal como elemento para a prescrição dos exercícios, bem como exercícios que estimulam o consumo de oxigênio, com e/ou sem deslocamento.

Com o passar de um pouco mais de seis meses de oficina em 2023, as alunas com frequência regular (75% acima) tem sido capaz de executar exercícios complexos, que envolvem duas ou três capacidades físicas, sem maiores limitações de movimento, o que foi bem comum no início das atividades. Nesse aspecto, elas têm se mostrado dispostas a fazer as atividades e isso, na nossa percepção, tem fomentado a própria continuidade, sendo comum a frequência na oficina em duas vezes na semana. Embora tenhamos ofertado vagas em duas turmas, estimulamos as alunas a vir nos dois dias e horários (segundas e quintas), haja vista que as vagas não foram preenchidas em sua totalidade.

Outro aspecto que observamos diz respeito ao envolvimento das alunas não só com as aulas, mas com os/as petianos/as, tutor e, mais ainda, com as outras colegas de turma. As relações interpessoais durante a aula são desenvolvidas num clima de respeito, compromisso e alegria com a atividade. As risadas estão sempre presentes e tornam a aula prazerosa para todas as partes envolvidas, fortalecendo o vínculo e ampliando os aspectos de sociabilidade para além de uma rotina de exercícios físicos. Além disso, são pessoas idosas que vêm de realidades completamente diferentes e com vivências e experiências totalmente diferentes umas das outras, mas que juntas conseguem se dar muito bem, além é claro, de terem uma troca muito rica com os/as petianos/as. Tal aspecto foge do clássico “Você aprende, a gente ensina” criticado por Meyer *et al.* (2006), quando explana sobre as intervenções tradicionais na área da saúde.

Entretanto, a sociabilidade e o fortalecimento de vínculo percebidos aqui não são exclusivos dessa oficina. No estudo de Fraga *et al.* (2013),

que estudou os significados da atividade física para um grupo de mulheres idosas residentes em Santos-SP - alunas de outro projeto de extensão da instituição no ano de 2013 (Bem Viver na Melhor Idade – BEMVIMI) -, esses aspectos também surgiram:

[...] o grupo era envolto por laços fortes de relacionamento, o que favoreceu a adesão e procura pela AF [atividade física]. Foi possível observar a prática do incentivo verbal por parte das senhoras, principalmente em direção àquelas que expressavam dificuldade e/ou desmotivação durante a realização das atividades físicas. Entretanto, por vezes, o incentivo se alongava demais, resultando na interrupção do exercício, como já comentado. É como se as idosas formassem uma grande rede, na qual todas se mostravam atentas à dinâmica. De certo modo, tal pertencimento traz consigo uma identidade ao grupo, isto é, para a participação nele, é necessário não somente fazer as atividades, mas também vivenciar toda a atmosfera de cuidado, amizade e compartilhar singulares (p. 64).

Em nosso caso, acrescentam-se conversas paralelas com os/as petianos/as e tutor durante a atividade, não sendo raro a interrupção de algum exercício para detalhar melhor algum assunto. Embora isso possa limitar, em algumas vezes, o fluxo da atividade desenvolvida, entendemos como uma demanda e buscamos praticar a escuta ativa, já que, segundo Grossmann e Cardoso (2006), ao discutirem o papel da narrativa em Medicina, os pacientes oferecem seus relatos de vida em troca de cuidado e, ao fazerem isso, procuram dar significado às suas próprias histórias. Assim, é obrigação da formação profissional capacitar os/as alunos/as para compreender a posição das pessoas, exigindo a habilidade de olhar, ouvir, sentir e interpretar (Grossmann; Cardoso, 2006). Trata-se de uma lição que, cotidianamente, procuramos colocar em prática nessa oficina. Importante ressaltar também ainda que as alunas da UAPI sempre foram extremamente receptivas e compreensivas, entendendo que as atividades também servem à aprendizagem dos/as petianos/as.

Entretanto, alguns aspectos são limitadores da oficina. O principal deles diz respeito à infraestrutura. O uso do saguão da instituição possui alguns limitadores: é um espaço multiuso e de convivência; há necessidade de adequação diária do local para a oferta das atividades (afastar de cadeiras, bancos, etc.), e; é propenso às instabilidades do clima, pois, apesar de coberto, é aberto nas laterais. Em dias de chuva e/ou frio, há necessidade de uso de uma sala de aula comum para o desenvolvimento, gerando mais adaptações.

Outro aspecto da infraestrutura diz respeito à falta de aparelhos de academia de ginástica, já que o uso da verba custeio do PET limita a aquisição e o curso de Educação Física da instituição possui poucos equipamentos dessa natureza e, mesmo assim, distribuídos em alguns laboratórios de pesquisa e graduação e com restrição de acesso e horário para uso. Embora as atividades da oficina se desenvolvam com êxito metodológico, nossa percepção é a de que a existência de um local apropriado (ambiente, climatização, equipamentos, etc.) melhoraria as condições de oferta da oficina, quiçá aumentaria o número de participantes.

Entretanto, em que pese as limitações, acredita-se que a abertura da universidade ao público externo, nesse caso, aos/as alunos/as da UAPI para uma oficina de Ginástica Funcional, potencializa a formação acadêmica dos/as petianos/as, ao mesmo tempo que devolve à sociedade os conhecimentos produzidos na universidade. Para Brêtas e Pereira (2007), a extensão interliga a universidade com as demandas da sociedade, contribuindo para sua transformação. No nosso caso em específico, as contribuições excedem a prática de exercício físico, já que colaboram, também, com as ações da própria UAPI, que consiste em trazer o público das pessoas idosas para a universidade, não só para aprender, mas para compartilhar suas experiências, o que enriquece o mundo acadêmico.

Por fim, ressaltamos que a oficina é potente como ação que caminha na contramão do etarismo. Para Araújo *et al.* (2023), é comum que as pes-

soas idosas sejam vistas como fracas, frágeis, não produtivas e dependentes, o que gera a necessidade de vigilância quanto aos estigmas decorrentes. Embora ainda seja comum a observância de alguns deslizos petianos na condução das aulas, como, por exemplo, o uso de diminutivos (“bracinho”, “perninha”, “vamos beber uma aguinha”), o trabalho é desenvolvido na esteira da autonomia e empoderamento, já apontados por Ceccim (2007), ao abordar alguns dos princípios de Paulo Freire em trabalhos educativos, a saber: parceria no processo de educação; a importância de saber ouvir, e; o fato de que não há nem sabedoria absoluta, nem ignorância absoluta, todos têm algo a aprender e algo a ensinar. Eis a nossa tarefa e o nosso desafio diário.

Avaliação, aulas e trabalho em equipe

Em que pesem as virtudes, limites e potencialidades das oficinas de práticas corporais da EM, compreendemos que ainda há um caminho a percorrer em torno do aspecto avaliativo como exemplo: sistematização dos dados oriundos das rodas de conversa com os/as alunos/as; elaboração de uma entrevista semiestruturada que permitisse captar outras variáveis (percepção da prática, significado de atividade física, possíveis impactos da oficina na vida cotidiana, etc.); aplicação de avaliação física com os/as participantes, e; ampliação das questões do questionário citado acima. Tais ações sinalizam um horizonte de relação do projeto de extensão EM com a pesquisa, que incluiria, assim, a elaboração de um projeto de pesquisa, o recrutamento de voluntários durante as oficinas, a escuta desses voluntários sobre sua participação fora do contexto das aulas ou da roda de conversa (que poderia nos revelar outras possibilidades extensionistas), dentre outras atividades, o que ainda não ocorre, mas estão no radar. E, claro, ampliar o diálogo com o Cursinho Popular Cardume para consolidarmos as ações, o que ainda não ocorreu.

Por outro lado, faz-se necessário destacar dois aspectos do trabalho pedagógico dos/as petianos/as envolvidos: segurança para ministrar aulas

e trabalho em equipe. Isso se dá, principalmente, pela organização da intervenção (condução da aula; apoio à aula; divulgação e registro da aula, e; recepção dos/as alunos/as e registro de sua frequência).

Quem conduz a aula fica preocupado somente com a parte pedagógica, sendo responsável pela elaboração do plano de aula - objetivo, conteúdo, método e avaliação, observando os pares dialéticos de Freitas (1995) - e sua execução. O plano de aula deve ser visto por todos/as (petianos/as e tutor), os quais podem sugerir modificações. A condução de aula conta com o auxílio de outro/a petiano/a, responsável por apoiar e apresentar ideias com a finalidade de melhorar e contribuir com a atividade proposta.

Os/As petianos/as que ficam na divulgação e registro precisam publicar um lembrete (Instagram e Whatsapp) da oficina. Além disso, ficam responsáveis por registrar (fotos e vídeos) a intervenção para posterior publicação da ação. Já os/as petianos/as que ficam na recepção dos/as alunos/as e registro de sua frequência, tem o propósito de acolher os/as novos/as, solicitar o preenchimento do PAR-Q, orientá-los/as quanto à natureza da atividade e perguntar se desejam participar de um grupo do Whatsapp da oficina, bem como registrar a frequência de todos/as naquele dia.

Em todo esse contexto, o tutor age como orientador das aulas propostas, além de observar e fornecer sugestões de como ministrá-las de modo que os objetivos sejam atingidos. Há de ressaltar também que o clima/ambiente de interação entre tutor e petianos/as é agradável e horizontal, o que contribui para uma formação profissional enriquecedora para ambos. Para Freire (2002), ensinar exige querer bem aos/as educandos/as. No caso do projeto de extensão EM, o querer bem é recíproco entre tutor, petianos/as e participantes.

Considerações finais

Ao refletir sobre a experiência do projeto de extensão EM do PET-EF da UNIFESP-BS a partir da ótica petiana (tutor e estudantes) ao longo

do ano de 2023, pode-se compreender que, embora existam limites de infraestrutura e oferta, é um projeto valorizado pela comunidade acadêmica e tem se consolidado como espaço de produção de cuidado em saúde. Tais fatos fortalecem nosso entendimento inicial de que a oferta de oficinas de práticas corporais constitui um importante espaço formativo para os/as estudantes petianos/as do PET-EF da UNIFESP-BS, que, engajados/as na ação sob a supervisão do tutor, propiciam o acesso às práticas corporais daqueles/as que frequentam o espaço da universidade. Além disso, acredita-se que haja fortalecimento dos laços entre universidade e comunidade, autonomia e emancipação das pessoas participantes frente às demandas contemporâneas do estilo de vida ativo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. O.; SOARES, I. M. S. C.; VALE, P. R. L. F.; SOUSA, A. R.; APARICIO, E. C.; CARVALHO, E. S. S. Ageísmo direcionado às pessoas idosas em serviços de saúde: uma revisão de escopo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 31, s/n, p. e4021, 2023.

BETTI, M. Valores e finalidades na educação física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Espírito Santo, v. 16, n.1, p. 14-21, 1994.

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Espírito Santo, v. 13, n. 2, p. 282-287, 1992.

BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de uma casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Espírito Santo, v. 22, n. 1, p. 53-63, 2000.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. Lei nº 12.864, de 24 de setembro de 2013 - Altera o caput do art. 3º da Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, incluindo a atividade física como fator determinante e condicionante da saúde. **Diário Oficial da União**. Brasília, 25 set. 2013.

BRASIL. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRÊTAS, J. R. S.; PEREIRA, S. R. Projeto de extensão universitária: um espaço para formação profissional e promoção da saúde. **Trabalho, educação e saúde**, Manguinhos, v. 5, n. 2, p. 317-327, 2007.

CECCIM, R. B. **Pacientes Impacientes**: Paulo Freire. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde. Brasília: Ministério da Saúde. 2007. p.32-45.

CHODZKO-ZAJKO, W.J.; PROCTOR, D.N.; SINGH, M.A.M.D.F.; MINSON,

C.T.; NIGG, C.R.; SALEM, G.J.; SKINNER, J.S. Exercise and Physical Activity for Older Adults. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, Indianápolis, v. 41, n. 7, p. 1510-1530, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **A educação física escolar como prática cultural**: tensões e riscos. In: DAOLIO, J. Educação física escolar: olhares a partir da cultura. Campinas: Autores Associados, 2010. p.5-18.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FRAGA, V.M., NOVELLI, M.M.P.C.; FERREIRA, S.E. OLIVEIRA, R.C. Significados de atividade física para mulheres idosas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, Espírito Santo, v. 15, n. 1, p. 59-68, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papirus, 1995.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOMES, M. J.; MARTINEZ, P.F.; PAGAN, L.U.; DAMATTO, R.L.; CEZAR, M.D.M.; LIMA, A.R.R.; OKOSHI, K.; OKOSHI, M.P.. Skeletal muscle aging: influence of oxidative stress and physical exercise. **Oncotarget**, Nova York, v. 8, n. 12, p. 20428-20440, 2017.

GROSSMAN, E.; CARDOSO, M. H. C. A. As narrativas em medicina: contribuições à prática clínica e ao ensino médico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 30, n. 1. p. 6-14, 2006.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LAZZAROTTI FILHO, A.; SILVA, A.M.; ANTUNES, P.C.; SILVA, A.P.S.;

LEITE, J.O. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, 2010.

MEYER, D. E. E.; MELLO, D. F.; VALADÃO, M. R.; AYRES, J. R. C. M. “Você aprende. A gente ensina?” Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Caderno de Saúde Pública**, Manguinhos, v. 22, n. 6, p. 1335-1342, 2006.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

OLIVEIRA, R. C. **Esporte, lazer e saúde em uma extensão universitária**. In: OLIVEIRA, N. R. C. Qualidade de vida, esporte e lazer no cotidiano do universitário. Campinas: Papirus, 2018. p. 113-124.

OLIVEIRA, S. A. **Reiventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

SÃO PAULO. Lei Estadual nº 16.724, de 22 de maio de 2018. São Paulo: Alesp, 2018.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TOLEDO, T. P.; OLIVEIRA, N. R. C.; PADOVANI, R. C. **Saúde e qualidade de vida de estudantes universitários**: o que dizem as pesquisas. In: OLIVEIRA, N. R. C. Qualidade de vida, esporte e lazer no cotidiano do universitário. Campinas: Papirus, 2018. p. 31-42.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 16.reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

CAPÍTULO 8

ENTRE GARGALHADAS, SALTOS E CAMBALHOTAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO CULTURARTE NA ESCOLA

Maria Isabela Dias Manoel

Rebeca De Paula Sperandio

Helena Altmann

Introdução

Nascido em 2021, o CulturArte é um projeto que visa o encontro da criança com a arte em suas diversas facetas. Atualmente, envolvemos as crianças num processo pedagógico-educativo de ensino com enfoque em práticas circenses, também do improviso e encenação por meio de jogos teatrais. Com intervenções na escola Estadual José Pedro de Oliveira, localizada no município de Campinas, interior de São Paulo, o projeto acontece duas vezes na semana: às quartas-feiras, nos unimos aos estudantes pertencentes a turma do primeiro ano, com alunos de 6 e 7 anos; às sextas-feiras, nossas atividades são para os alunos de segundo ano, crianças de 7 e 8 anos. As vivências acontecem majoritariamente na quadra do colégio, com duração de uma hora.

À vista disso, o objetivo desse capítulo é compartilhar e relatar o processo de criação do projeto e as vivências atuais, ensinando e abordando atividades circenses e o teatro com crianças do fundamental I de uma escola estadual do município de Campinas. Quanto a sua relevância, pretende contribuir com o processo de incorporação das propostas supraci-

tadas no contexto escolar, visto que, de acordo com Ribeiro *et al.* (2021), a arte em geral, e o Circo, em particular, precisam de maior atenção nos debates pedagógicos, o que requer esforços governamentais e também das próprias instituições educativas.

O circo pode oferecer aos estudantes um acesso à cultura artística, além da característica de desenvolvimento corporal (Fouchet, 2006). O ensino das práticas circenses desenvolve em quem as pratica o estímulo à apreciação artística, a criatividade e a expressão (Ribeiro *et al.*, 2021). Assim, integrar o ensino do circo na escola não apenas diversifica as opções de aprendizado, mas também oferece uma abordagem educacional holística, que nutre habilidades corporais, mentais e sociais importantes para a vida de estudantes praticantes.

Em concordância, Duprat (2007) apresenta que

O circo constitui-se como parte integrante da produção cultural e artística. Ao longo de diversos séculos, ele influenciou modos de produzir, modos de agir e modos de fazer arte, caracterizando-se como um fenômeno sócio-cultural. Apenas por este motivo, deveria ser necessária sua inclusão no âmbito educacional, mas se por inúmeros motivos isto ainda não ocorreu, cabe a nós, educadores, atentarmos para este conhecimento (Duprat, 2007, p. 50-51).

Materiais e métodos

Para a realização do projeto ao longo do semestre, assim como para o desenvolvimento do presente texto e, foi realizado o levantamento de pesquisas bibliográficas, visto que, segundo Gil (2002), tal método possui a vantagem de permitir ao pesquisador uma compreensão mais ampla dos fenômenos. Para Gomes e Amaral (2005), a pesquisa bibliográfica é um trabalho de investigação, na qual, ao elaborar uma questão central, o estudioso busca na literatura a conciliação entre seus próprios prognósticos e as resoluções das pesquisas encontradas.

Nesse sentido, o levantamento e compartilhamento de artigos e pesquisas que trabalham as diferentes áreas do conhecimento dentro do CulturArte (Educação Física, Artes Cênicas e Pedagogia) é imprescindível para a estruturação e atuação do projeto. Buscamos através da interdisciplinaridade do grupo, agregar tanto para a prática pedagógica dentro do projeto quanto no desenvolvimento dos estudantes e indivíduos. No início de cada semestre, estruturamos um planejamento detalhado, dividido em blocos de teatro, palhaçaria e práticas corporais, revisado semanalmente e adaptado conforme as demandas da sala de aula e da escola. Cada aula é registrada em um diário de bordo, função revezada por todos os integrantes do CulturArte, com o intuito de compreender as várias perspectivas dentro do processo pedagógico e visando a pluralidade da atuação dos petianos no projeto.

Durante o decorrer do projeto - conciliando a produção do diário de bordo com a escrita acadêmica - foi elaborado o relato de experiência, permitindo a articulação entre a atuação acadêmica/profissional com o progresso do saber científico. Dessa maneira, a produção acadêmica contribui na formação do sujeito, pois, ao conciliar com a atuação em sala de aula, agrega na transformação social da realidade (Córdula; Nascimento, 2018).

Com a intenção de enriquecer a investigação, Triviños (1987) defende que a entrevista semiestruturada se mostra como o método mais eficaz em articular o conhecimento entre entrevistador e entrevistado, dado que “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (Triviños, 1987, p. 146).

Consoante ao estudo, realizamos duas entrevistas semiestruturadas com as fundadoras do projeto: Rayan Gabriel Rodrigues da Silva e Rayana Silva Nunes dos Santos. Para nortear a conversa, utilizamos um roteiro

previamente elaborado, o qual contemplou questões essenciais para a escrita do capítulo, como o desenvolvimento inicial do projeto, principais empecilhos, maneira de atuação, planejamento geral de aulas e transição para o presencial durante o período pós pandemia, assim como o envolvimento pessoal de cada uma com o CulturArte.

O PET-FEF Unicamp

A universidade é uma instituição importante e que possui grande responsabilidade acerca da formação profissional e científica de estudantes em todo o mundo. Ela é um centro de especialização acadêmica que desempenha um papel fundamental na geração e disseminação do conhecimento, além de ser o local onde a pesquisa é conduzida, novas descobertas são feitas e o saber é aprimorado. Essas atividades promovem o avanço da ciência, tecnologia, cultura e humanidades, contribuindo para o progresso da sociedade. A universidade também é um espaço de debate e reflexão. Ela promove o pensamento crítico, a discussão de ideias e o desenvolvimento de habilidades de argumentação. Isso é essencial para uma sociedade democrática, pois ajuda a formar cidadãos informados e engajados.

Tartaruga (2010), afirma que “no contexto atual, em que o conhecimento e a sua geração são elementos fundamentais, renova-se o papel das universidades como instituições indutoras do progresso”. Para ele, a universidade é baseada no ensino, que é a sua principal função, advindo do conhecimento desenvolvido e armazenado nas Instituições de Ensino Superior (IES); e na pesquisa, um processo sistemático e investigativo que visa adquirir conhecimento. O autor também faz referência ao conceito de um “terceiro papel” das universidades, que envolve a priorização do conhecimento e o atendimento das necessidades das comunidades locais e regionais. Então, as respostas das IES às necessidades da região ocorrem por meio do ensino, pesquisa e serviço à comunidade (extensão). Essas três funções estão inter-relacionadas e desempenham um papel fundamental no desenvolvimento regional (Tartaruga, 2010).

Em suma, além do ensino e da pesquisa, as universidades possuem projetos de extensão em comunicação direta com a comunidade local, seja ela interna ou externa a ela. Quando pensamos em incentivos e melhorias para a graduação do nosso país, pode-se citar o Programa de Educação Tutorial (PET) que, de acordo com o Ministério da Educação, é composto por 842 grupos PET pelo Brasil, distribuídos em 121 Instituições de Ensino Superior. Vale ressaltar que o programa é subordinado à Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação.

O PET tem como base a integração da tríade ensino - pesquisa - extensão, tendo como objetivo a melhoria da graduação. Para isso, o Programa pretende envolver os seus integrantes num processo de formação integral, propiciando-lhes uma compreensão abrangente e aprofundada de sua área de estudos a partir do incentivo ao engajamento em atividades acadêmicas e extracurriculares (Tosta et al., 2006).

Tosta *et al.* (2006, online) acrescentam ainda que

O PET também fornece condições para a realização de atividades extracurriculares, procurando ampliar e aprofundar os objetivos da graduação através de compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais. As atividades dão a oportunidade de vivenciar experiências não presentes em estruturas curriculares convencionais, visando uma formação acadêmica global e colaborando para uma integração no mercado profissional e uma melhor qualificação como indivíduo e membro da sociedade. Desta forma, embora possa haver um currículo comum aos mesmos cursos no Brasil inteiro, a vivência com diferentes realidades e demandas sociais particulares de cada região permitem uma flexibilização do currículo.

Alguns trabalhos acadêmicos nos mostram as grandes contribuições do PET para a formação profissional de seus integrantes. Na literatura, podemos citar o trabalho de Cassiani, Ricci e Souza (1998). Segundo as

autoras, o programa contribuiu para o crescimento profissional e pessoal dos seus participantes por meio da promoção de atividades que levam à integração da formação acadêmica e da futura atividade profissional. Segundo Tosta *et al.* (2006), uma importante característica do grupo PET é o trabalho conjunto, visto que o grupo é formado por 12 estudantes bolsistas de graduação e que pode receber também até 6 estudantes voluntários de graduação. Todos os grupos possuem atividades de caráter coletivo, desenvolvendo nos alunos (bolsistas e voluntários) a habilidade de trabalhar em equipe, uma dentre as muitas características fundamentais para profissionais de diversas áreas.

Além do trabalho em equipe, o grupo PET da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) é abarcado pela interdisciplinaridade: o grupo é composto por estudantes da educação física, medicina, biologia, artes cênicas e pedagogia. Essa característica não está presente na maioria dos programas espalhados pelo Brasil, entretanto, foi uma escolha sábia do ex-tutor e fundador do grupo PET FEF Unicamp Prof. Dr. Ademir DeMarco. Após a criação do grupo em 2010 com 6 estudantes da Educação Física, o que explica o nome do grupo, DeMarco optou por acrescentar, em 2012, estudantes à nível de graduação de outros cursos da Unicamp. O sucesso dessa escolha permite ao grupo PET FEF Unicamp melhor ampliação de entendimentos, soluções mais criativas e possui uma abordagem holística, visto que a interdisciplinaridade permite abordar problemas levando em consideração não apenas aspectos isolados, mas também suas interconexões.

Ademais, pode-se encontrar no site do grupo¹⁹ as suas missões, visões e valores. Trazemos a seguir a descrição de cada uma delas:

- Missão: Nossa missão é diminuir a barreira entre a comunidade interna e externa da Unicamp, por meio de

¹⁹<https://www.petfef.com.br/>

projetos que contemplem todas as diversidades e promovam conhecimento através do ensino, pesquisa e extensão.

- Visão: Queremos ser reconhecidos pelo trabalho de qualidade e que nossas ações possam proporcionar experiências de conhecimento e alegria, em contato direto com a comunidade.
- Valores: Respeito a todas as vidas, ética e integridade, trabalho em equipe, responsabilidade e compromisso, dedicação e proatividade, interdisciplinaridade e democratização do ensino, pesquisa e extensão.

Muitas foram as conquistas e sucessos do grupo PET FEF Unicamp no passar dos tempos. Os anos de 2020 e 2022 foram anos complicados e que trouxeram mudanças significativas. Em 2020, com o início do isolamento social, o grupo teve que se organizar para lidar com o contexto em que estava inserido, apresentando certa dificuldade, visto que a totalidade de seus projetos eram de extensão e presenciais. Em contrapartida, 2021 foi um ano onde muitos projetos foram encabeçados e desenrolados, como é o caso do CulturArte, projeto que visa promover o encontro da criança com a arte, seja ela em desenho, pintura, construção lúdica, poema, canto ou dança. Toda expressão artística é válida. O estímulo dessa exploratória em conjunto com assuntos culturais, ajuda na construção de um indivíduo crítico, criativo e empático. Já em 2022, o grupo passou por um ano intenso de transição, trazendo seus projetos do remoto para o presencial.

Desde agosto de 2022, o grupo PET FEF Unicamp está sob a tutoria da docente Dra. Helena Altmann e possui 12 alunos bolsistas, sendo oito da Educação Física, dois da pedagogia, uma das artes cênicas, uma da biologia e uma estudante voluntária do curso de pedagogia. Entre os projetos, o grupo possui aqueles que são frequentes (semanais ou quinzenais), organizados fora da universidade em escolas públicas de Barão Geraldo, atuando com crianças do ensino fundamental I, como acontece com o projeto CulturArte, analisado e descrito nesse manuscrito, ou com adultos atuando no

Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e também com crianças e adolescentes, atuando com futebol infantil num bairro vulnerável na cidade de Campinas. Além desse tipo de projeto, o grupo realiza aqueles denominados pontuais (ou anuais).

História e histórico do CulturArte

Faz-se importante começarmos esse tópico dizendo que o projeto foi criado em 2021, ano no qual nenhuma de nós participávamos do CulturArte. Em decorrência disso, contatamos duas alunas de graduação da pedagogia que foram pioneiras na criação deste projeto: Rayana Nunes, que ingressou no PET em 2021 e saiu no mesmo ano, após sete meses; e Rayan Gabriel, que ingressou no grupo em 2020 e ficou até 2021. A partir das duas entrevistas realizadas foi possível tecer a linha histórica do projeto desde sua criação, num período inicialmente turbulento de adaptação de projetos já criados e criação de novos devido a pandemia do COVID-19. Neste sentido, foi descrito ao longo deste texto alguns “fragmentos” das falas das ex-PETianas, sendo destacados aqueles que julgamos mais importantes para o entendimento de como o projeto era realizado.

A arte possibilita à criança explorar sentidos, além de possibilitar o desenvolvimento mútuo, instigar a criatividade, alimentar o senso crítico e proporcionar a todos que dela gozam, uma leitura ampla do mundo e de si mesmo. Pensando nisso, o projeto CulturArte sempre teve como intuito relacionar esses dois temas, a arte e a diversidade cultural, a fim de apresentar às crianças diversas vertentes artísticas e as mais variadas formas de expressão. O surgimento da ideia é assim descrito por Rayana:

[...] Foi quando eu estava fazendo aquela entrevista para ver quem ia passar para o PET, teve uma dinâmica em grupo para criarmos um projeto. Eu já trabalhava em uma escola e fazia parte do integral, eu planejava aulas fora da grade curricular e sempre gostei muito de falar sobre coisas culturais, e eu acho que nas

escolas isso ainda é muito vago. E, quando eu pensei em artes... Eu gosto muito de música, eu canto, mas eu também gosto muito de desenhar, enfim, arte é muito amplo, né? E aí quando a gente juntou com o grupo, eu soltei essa ideia [...] que poderia ser algo cultural, pedagógico e que envolvesse vários tipos de arte, e então pensamos nesse nome, “Culturarte”, e a ideia era trabalhar cultura com as crianças por meio de qualquer manifestação artística, seja desenho, nós já fizemos brinquedo, dança, canto, então.. a ideia foi essa. Nós falamos na dinâmica do processo seletivo do grupo. E depois que passei, havia esse espaço, essa possibilidade de começar um projeto. Eu sugeri esse projeto e todos me incentivaram. (Rayana Nunes, 2023).

De acordo com elas, o projeto nasceu em um processo seletivo do grupo PET em 2021, na dinâmica dos grupos. A dinâmica é a segunda etapa do processo seletivo do grupo PET FEF Unicamp, realizada após a análise do currículo e documentos dos inscritos. Aqueles que foram selecionados devem comparecer à Faculdade de Educação Física da Unicamp nos dias e horários marcados. Anteriormente, na dinâmica de grupos era pedido que organizassem um projeto onde pudessem atuar dentro do programa. No processo seletivo no qual Rayana participou, seu grupo imaginou um projeto com características culturais, que desenvolvesse e estimulasse na criança toda e qualquer expressão artística. Naquela época, o projeto era descrito como:

Projeto semanal desenvolvido com crianças de 5 a 11 anos. O objetivo do CulturArte é promover o encontro da criança com a arte, seja ela em desenho, pintura, construção lúdica, poema, canto ou dança, toda expressão artística é válida. O estímulo dessa exploratória em conjunto com assuntos culturais, ajuda na construção de um indivíduo crítico, criativo e empático, visando ser algo empolgante para a semana da criança em meio a quarentena (Site do PET FEF Unicamp, 2021).

Conforme as falas das entrevistadas, pudemos destacar informações importantes, tais como a frequência do projeto, seus planejamentos e captação das crianças participantes. Em relação ao primeiro tópico, o projeto acontecia de maneira on-line, com encontros semanais via Google Meet, plataforma e serviço de comunicação visual desenvolvido pela Google. As crianças que participavam deveriam ter entre 5 e 11 anos. A partir disso, eram divididas em dois grupos de acordo com a sua faixa etária: os mais novos, faziam atividades manuais um pouco menos complexas; e os mais velhos, que tinham menos acompanhamento dos pais e já conseguiam fazer sozinhas a maioria das atividades propostas.

No que se refere ao segundo tópico, nos foi apresentado que o planejamento semestral era feito em conjunto, a partir de meses temáticos, e o planejamento semanal era organizado de maneira que cada um ficasse responsável por uma semana específica. Dentro disso, aquele que estivesse responsável por aquela semana deveria criar uma aula baseada em algo cultural, seguindo o tema daquele mês.

Tínhamos um grupo de WhatsApp, o projeto era formado por umas 3 ou 4 pessoas, e íamos revezando em relação ao planejamento de aula, cada semana uma pessoa era responsável por esse planejamento de aula. Discutíamos no grupo brevemente sobre, ali surgiam ideias e sugestões. Uma pessoa vinha com um tema e a gente ajudava. Geralmente entravam duas pessoas por chamada, mas poderia entrar mais para assistir. Uma direcionava a aula e a outra ficava ajudando, como auxiliar e apoio. Tinha um “cabeça”, um professor. Existiam aqueles que não se sentiam à vontade ainda de tomar uma aula para si, de atuar de frente. Então dentro do grupo revezava mais eu e outra pessoa [...]. mas a galera sempre ajudava bastante, opinaram bastante (Rayana Nunes, 2023).

Quando indagada sobre o funcionamento desse planejamento entre os proponentes, a entrevistada acrescenta:

Funcionava bem. Nós pensávamos no mês, nós planejamos juntos, mas cada um dava uma aula. Por exemplo, junho era o mês junino, então separamos cada semana para falar sobre um tema de festa junina, como a origem da festa junina, os povos, como surgiu, a importância do milho, da colheita. Então um falava sobre a música, outro sobre a comida, outro sobre os povos. E aí foram 4 aulas sobre isso. O mês tinha um tema e planejamos cada aula de um jeito, conversando entre nós, com uma pessoa puxando (Rayana Nunes, 2023).

Em relação às dificuldades encontradas na realização e desenvolvimento do projeto, as entrevistadas apontam questões relacionadas ao isolamento social da época, como o não poder ajudar na montagem de algo presencialmente, seja na colagem de um material ou para recortes.

O empecilho principal foi esse. O remoto tinha suas questões, e por ser um projeto muito novo, a gente não se conhecia pessoalmente, não sabíamos como cada um trabalhava. Então, esse começar de forma remota foi uma grande questão para a gente (Rayan Gabriel, 2023).

Também, ressaltam os problemas de conexão de internet, que muitas vezes falhavam, acontecimentos que estavam fora do alcance dos PETianos. Outro ponto levantado como dificuldade foi a captação de crianças para o projeto

Outra dificuldade foi conseguir chegar nessas crianças. Então a gente foi atrás, tinha a lista do Corrindo²⁰, com um monte de contato de pais de criança. E são pessoas que já conheciam o PET. Também fomos atrás de escolas, [...] mandamos um textinho apresentando o projeto e pedimos a divulgação para os pais e crianças.

²⁰ Evento organizado anualmente pelo grupo no Dia das Crianças, em que são propostas atividades de Corrida, mini-atletismo e outras na pista de atletismo da FEF (Altmann, 2022).

[...] Alguns pais também responderam um formulário online que fizemos e deixamos aberto por um tempo, com vagas limitadas, né? Porque queríamos começar com um grupo pequeno, ainda mais por ser online, por ser coisa nova. A partir daqueles que responderam primeiro, montamos um grupo no WhatsApp com os pais e aí separamos as turmas (Rayana Nunes, 2023).

Em suma, no primeiro encontro do mês era apresentado o tema cultural proposto, como o folclore brasileiro. Nisso, os petianos envolvidos nesse projeto traziam uma conversa sobre o assunto do mês e histórias eram contadas, pensando numa didática leve, descontraída e precisa. Após essa abertura, deixavam livre para que os alunos pensassem e escolhessem alguma vertente artística que relacione com o tema. Nos dois encontros seguintes, várias possibilidades poderiam ser abordadas, sendo o papel do petiano a orientação e a do aluno a execução para uma arte bem-apresentada. Cada encontro era composto, portanto, de uma conversa acerca da temática abordada, seguida de atividades artísticas práticas em um exercício de consolidação dos elementos trabalhados. No último encontro do mês, havia um sarau com as apresentações finais de todos os alunos, um evento focado no tema apresentado e no protagonismo das crianças. Um exemplo da condução do projeto está no depoimento abaixo:

[...] Em novembro de 2021, na semana do feriado de finados, trabalhamos o Dia de Los Muertos, pois essa temática fúnebre, normalmente, fica muito aberta dentro da escola. E como trabalhar a morte com as crianças? Nós decidimos trazer a perspectiva do filme “Viva: A vida é uma festa”, da Disney, fizemos máscaras mexicanas com as crianças, e um vaso de flores. Pedimos pra galera pensar naquela pessoa querida que tinha partido, com o intuito de fazer uma conexão e foi um encontro muito lindo, sabe? Porque compreender e discutir a morte nunca foi algo fácil, e para eles compreenderem isso estando numa pandemia, onde muita gente tinha falecido... Foi uma grande experiência (Rayan, 2023).

Figura 1. Encontro do projeto via Google Meet, 2021.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Unicamp – 22/10/2021.

Figura 2. Encontro do projeto via Google Meet, 2021.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Unicamp – 22/10/2021.

Período de transição

No final de 2021 e ao longo de 2022, os antigos organizadores deixaram o grupo PET e consequentemente esse projeto. Entretanto, outros petianos foram abraçando essa ideia e o projeto ganhou um novo formato e distintas características, mesmo que o objetivo geral permanecesse igual: o encontro da criança com a arte. O último encontro do projeto em 2021 deixou nos responsáveis e nas crianças a esperança de um CulturArte no presencial. Em contrapartida, encontrar o espaço adequado para a realização das intervenções se mostrou mais complicado do que imaginávamos. Com a volta para o presencial, muitas questões psicológicas e de adaptações assolavam os integrantes do grupo, além da troca de tutoria do programa. O ano de 2022 foi um ano de adaptações e buscas.

Quando consolidado no segundo semestre, os atuais proponentes do projeto passaram a buscar locais para a atuação, pensando em escolas da rede pública da cidade de Campinas e, a priori, que estivessem localizadas próximas à Universidade Estadual de Campinas. Foi assim que localizamos a Escola Estadual José Pedro de Oliveira. O primeiro contato foi da nossa tutora, Helena Altmann, com a coordenação do colégio, representada pela Ana Paula, que sempre se mostrou muito aberta e contente com a iniciativa. Assim, combinamos o início das intervenções em 2023, juntamente do começo do primeiro bimestre dos pequenos. Naquele semestre, escolhemos atuar com apenas uma turma, o 4º ano, com cerca de 22 crianças.

As perspectivas atuais do projeto “CulturArte”

Quanto mais ricas forem as experiências sócio-históricas dos alunos, maiores serão as suas capacidades de se apropriar e reelaborar essas experiências de forma criadora. [...] A imaginação deve ser potencializada na infância, a fim de desenvolver a capacidade criativa e a subjetividade humana. Fundamentados nessa teoria, o trabalho pedagógico pode favorecer esse desenvolvimento na infância (Almeida; Martineli, 2017).

Sob essa lógica, Hooks (2013), discorre sobre como o entusiasmo tem papel imperioso no ensino dentro da sala de aula, a capacidade de produzir um aprendizado empolgante é “profundamente afetada” pelo reconhecimento e valorização da presença de todos envolvidos, seja estudante ou docente. Por isso, por meio de práticas pedagógicas, é necessário engajar o aprendiz e considerar sua contribuição como recurso que promove a capacidade de criar uma comunidade aberta de aprendizado. A introdução das práticas corporais e circenses aos alunos faz esse papel, ao mostrar que mais do que espectador, a criança é parte crucial da escola, do circo e do mundo.

Em vista disso, Schlichting e Martins (2022), trazem à tona o cerne da discussão levantada pelo CulturArte desde sua transição para a escola pública e atuação através da prática circense:

O circo pode ser uma arte desmembrada e fora das lonas, podemos encontrar todos os artistas atuando em diferentes espaços. Sendo assim, devemos remeter a memória da criança para o lugar de onde esses artistas provêm, que é o circo, evidenciando que podemos encontrar um pouquinho do circo no cotidiano em que vivemos. A intenção é aproximar o circo e lúdico para então promover facilidades no processo de desenvolvimento da criança em seu cotidiano dentro de sala, com um tema de fácil envolvimento e com inúmeras possibilidades de aplicações. Dessa forma, o professor pode utilizar o tema bem como atividades relacionadas ao circo para abordar a arte e favorecer de forma positiva o processo de ensino-aprendizagem (Schlichting; Martins, 2022, p. 25-26).

Como supracitado e também desenvolvido por Simon e Kunz (2014), a experiência escolar é responsável pelo progresso do potencial de criação e imaginação do indivíduo, é papel do professor tomar consciência dos processos de aprendizado múltiplos dentro da sala de aula e disponibilizar as ferramentas necessárias para o desenvolvimento deste. Diante disso,

o CulturArte explora como a arte nos atravessa e permite uma reinterpretação da realidade, onde o lúdico entra em encontro com as experiências pessoais e cria possibilidades de aprendizagem e expansão da subjetividade da criança. O objetivo do projeto nasceu a partir dessa característica libertadora da arte, da necessidade latente de retomá-la e enfatizá-la como ação imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem (Santos, 2022). Apesar de hoje ter um caráter diferente do que foi trabalhado em 2021, o alicerce do projeto se mantém na importância de propiciar o encontro do aluno com diferentes culturas e maneiras de se produzir arte.

Assim, no primeiro semestre de 2023, trabalhamos predominantemente com práticas corporais circenses e teatrais, dado envolvimento majoritário de petianos do curso de artes cênicas e educação física, vimos a possibilidade de trabalhar a interdisciplinaridade que o circo proporciona, promovendo esse encontro com a arte através da promoção da cultura corporal do movimento (Bortoleto, 2011).

As intervenções aconteciam às quintas-feiras, com duração de 45 minutos e a turma escolhida foi o 4ºB, que na época tinha cerca de 22 crianças. O planejamento semestral foi montado no início do ano e encaminhado para a coordenação do colégio, que o aprovou. Na época, pensamos em organizar o projeto em três blocos diferentes, focando nas áreas que interessavam os proponentes naquele momento: um bloco de aulas sobre teatro, outro sobre circo e o último focado em atividades manuais e artísticas. Devido a fatores externos, como reuniões do colégio que acabaram acontecendo no mesmo dia do projeto, três aulas que haviam sido planejadas no início do semestre não se concretizaram, isso significou o não acontecimento do último bloco, tornando o primeiro semestre focado apenas no teatro e atividades circenses. Para organização das aulas, fazíamos reuniões semanais de planejamento e retornos.

As primeiras quatro aulas estavam imersas no bloco do teatro. Dentro do planejamento, organizamos aulas com jogos coletivos e brin-

cadeiras que incentivaram e estimularam nos pequenos a criatividade, encenação e o improviso. Também, no último encontro desse bloco, organizamos um “camarim artístico”, onde foram levadas fantasias, pedaços de TNT (que foram transformados e customizados pelas crianças) e tinta para pintura facial. No final desse encontro, as crianças assistiram a uma peça de teatro infanto-juvenil organizada por uma das proponentes do projeto, aluna de artes cênicas na Unicamp, e outro convidado.

As cinco aulas seguintes foram focadas no circo. No planejamento, dividimos as aulas em: manipulação de objetivos, com objetivo de introduzir os malabares às crianças, com foco nos malabares com bolas; equilíbrio de objetos, onde elas puderam vivenciar alguns aparelhos circenses, como o prato chinês e o diabolô; e acrobacias individuais e coletivas, com a experimentação de rolamentos, roda e parada de cabeça.

A última aula desse bloco e do projeto foi uma excursão das crianças ao Laboratório Integrado de Ginástica e Circo da Faculdade de Educação Física da Unicamp, numa aula com duração de 1h30m. Lá as crianças puderam vivenciar os aéreos, especificamente o tecido acrobático, o trampolim e o minitrampolim.

Nesse sentido, a utilização do circo como ferramenta pedagógica permite a contemplação dos cinco campos de experiência estruturados pela Base Nacional Curricular Comum: a interação com o outro, a exploração do mundo, a expressão, a comunicação e a imaginação. O circo possibilita o engajamento de estudantes, por ser uma prática cultural-artística muito cara pelas crianças.

Sob essa lógica, Hooks (2013), discorre sobre como o entusiasmo tem papel imperioso no ensino dentro da sala de aula, a capacidade de produzir um aprendizado empolgante é “profundamente afetada” pelo reconhecimento e valorização da presença de todos envolvidos, seja estudante ou docente. Por isso, por meio de práticas pedagógicas, é necessário enga-

jar o aprendiz e considerar sua contribuição como recurso que promove a capacidade de criar uma comunidade aberta de aprendizado. A introdução das práticas corporais e circenses aos alunos faz esse papel, ao mostrar que mais do que espectador, a criança é parte crucial da escola, do circo e do mundo.

Em vista disso, Schlichting e Martins (2022), trazem à tona o cerne da discussão levantada pelo CulturArte desde sua transição para a escola pública e atuação através da prática circense:

O circo pode ser uma arte desmembrada e fora das lona, podemos encontrar todos os artistas atuando em diferentes espaços. Sendo assim, devemos remeter a memória da criança para o lugar de onde esses artistas provêm, que é o circo, evidenciando que podemos encontrar um pouquinho do circo no cotidiano em que vivemos. A intenção é aproximar o circo e lúdico para então promover facilidades no processo de desenvolvimento da criança em seu cotidiano dentro de sala, com um tema de fácil envolvimento e com inúmeras possibilidades de aplicações. Dessa forma, o professor pode utilizar o tema bem como atividades relacionadas ao circo para abordar a arte e favorecer de forma positiva o processo de ensino-aprendizagem (Schlichting; Martins, 2022, p. 25-26).

No segundo semestre, seguimos a organização do planejamento semelhante ao período anterior, acrescentando a criação dos aparelhos, incentivando as crianças a criarem e construírem com as próprias mãos. Na tabela 1, são descritos os temas desenvolvidos, seguido de dois registros fotográficos de encontros.

Tabela 1. Planejamento semestral da Turma 2 (2º ano).

Aula	Tema
1	Introdução ao projeto + apresentações do circo-teatro (cena curta, acrobacias, malabares e palhaço)
2	Cenas
3	Palhaçaria
	Feriado prolongado
4	Acrobacias individuais e em grupo
5	Confecção de cartazes - combinados
	Não terá aula
	Feriado prolongado
	Greve geral dos estudantes
6	Swing Pool (balangandã)
	Feriado prolongado
7	Aparelhos de equilíbrio do circo (diabolô, prato e bolinhas de malabares)
8	Confecção do pé na lata e vivência do pé na lata + perna de pau
9	Equilíbrio sobre objetos: slackline e rola-rola
10	Excursão para o LabFEF
11	Apresentação e espetáculo final

Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 3. Encontro com a turma 1 no dia 30 de agosto de 2023, quando foi abordada a palhaçaria.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Unicamp – 01/09/2023.

Figura 4. Encontro com a turma 2 no dia 01 de setembro de 2023, quando foi abordada a palhaçaria.



Fonte: Acervo do Grupo PET Educação Física/Universidade Federal de Unicamp – 01/09/2023.

Considerações finais

A inclusão da arte na escola como parte intrínseca do processo pedagógico é um assunto que, apesar do gradual avanço de sua discussão, está longe de ser trabalhado com o enfoque merecido. Mesmo com os obstáculos que acometeram o projeto, trabalhar as práticas circenses e teatrais no contexto da escola pública permitiu a formação de uma comunidade de aprendizado engajada e comprometida com o desenvolvimento intelectual-cultural e artístico do indivíduo (professor ou estudante) e do grupo como um todo.

É indubitável que o CulturArte é um projeto muito estimado por todos que nele participam. A partir dele foi possível trabalhar questões importantes para o desenvolvimento plural e saudável das crianças no espaço escolar, que poderão ser o ponto de partida para a criação de novas narrati-

vas dentro da vida de cada criança. Ademais, proporcionou aos integrantes do PET-FEF um cenário de crescimento pessoal e acadêmico, facilitando ainda a integração e fortalecimento de laços entre o grupo.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Quando a universidade pública celebra a infância com esporte: Corrindo, 2022. **Faculdade de Educação Física**, 14 de out. de 2022. Disponível em: <<https://www.fef.unicamp.br/fef/noticias/2022/10/corrindo-2022>>. Acesso em: 16 de nov. de 2023.

ADRIANA, T. M. Contribuições da concepção vigotskiana de arte para o ensino da cultura corporal. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 523-531, 2017.

ALMEIDA, T. A. P.; MARTINELI, E. M. Contribuições da concepção vigotskiana de arte para o ensino da cultura corporal. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 523-531, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EL_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 15 de out. de 2023.

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de formação RBCE**, Espírito Santo, v. 2, n. 2, p. 43-55, 2011.

CASSIANI, S. H. D. B.; RICCI, W. Z.; SOUZA, C. R. de. A experiência do programa especial de treinamento na educação de estudantes de graduação em enfermagem. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 63-69, 1998.

CÓRDULA, E. B. L.; NASCIMENTO, G. C. C. A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1-10, 2018.

DUPRAT, R. M. Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar. 2007. **Dissertação de Mestrado**. Mestrado em Educação Física e Sociedade – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2007.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física escolar: pedagogia e

didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Espírito Santo, v. 28, n. 2, p. 171-189, 2007.

FOUCHET, A. **Las artes del circo**: una aventura pedagógica. Buenos Aires: Editora Stadium, 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GIL, A. C. **Como delinear uma pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, C. L.; AMARAL, M. T. M. **Estudos Avançados do Lazer**: metodologia da pesquisa aplicada ao lazer. Brasília: SESI/DN, 2005.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Ed. São Paulo, 2013.

ONTAÑON, T.; DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação física e as atividades circenses: “O estado da arte”. **Movimento**, Espírito Santo, v. 18, n. 2, p. 149-168, 2012.

SANTOS, W. P. **Arteducação emancipatória: o ensino de artes como forma de liberdade do sujeito sob uma perspectiva Freireana. Trabalho de Conclusão de Curso**. Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, 2022.

PROJETO CULTURARTE. **PET FEF Unicamp**, Campinas, 10 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://www.petfef.com.br/projetos/culturarte>>. Acesso em: 15 de out. de 2023.

RIBEIRO, C. da S.; CARDANI, L. T.; RODRIGUES, G. S.; BORTOLETO, M. A. C. O “não lugar” do circo na escola. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 34, n. 1, p. 246-263, 2021. <https://doi.org/10.21814/rpe.16128>

RODRIGUES, G. S.; BORTOLETO, M. A. C.; LOPES, D. de C. Circo na escola: educação e arte na Educação Básica. Urdimento: **Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 46, p. 1-27, 2023.

SCHLICHTING, L.; CHRISTOFER M. M. Circo na educação infantil: o pa-

pel da arte circense como método lúdico para o desenvolvimento e aprendizagem. **Cadernos Acadêmicos Unina**, Curitiba, v. 2, n. 1, 2022. <https://doi.org/10.51399/cau.v2i1.125>

TARTARUGA, I. G. P. **As inovações nos territórios e o papel das universidades**: notas preliminares para o desenvolvimento territorial no Estado do Rio Grande do Sul. Publicado em: Textos para Discussão FEE nº 81 (setembro de 2010): Porto Alegre, 2010. p. 2-23.

TOSTA, R. M. et al. Programa de educação tutorial (PET): uma alternativa para a melhoria da graduação. **Psicol. Am. Lat.**, São Paulo, n. 8, 2006.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

CAPÍTULO 9

FORTALECENDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PET EDUCAÇÃO FÍSICA E LAZER-UFMG

Axsel Flavio Quiel

Flávio Marques Vieira

Flávia da Cruz Santos

Introdução

Desde 1931, quando foi instituído o regime universitário brasileiro, através do Estatuto da Universidade (Brasil, 1931), a extensão universitária vem sendo prevista nas legislações que dizem respeito ao ensino superior, de diferentes modos. A concepção explicitamente utilitarista e assistencialista da extensão universitária, presente no estatuto de 1931, se manteve nas legislações subsequentes (Brasil, 1967; Brasil, 1966; Brasil, 1961).

Um avanço se deu com a Reforma Universitária de 1968 (Brasil, 1968), que passou a compreender a extensão como possibilidade de trocas entre a universidade e a comunidade, no entanto, ela continuou restrita à oferta de cursos, como já era no estatuto de 1931. Toda essa legislação foi construída durante governos autoritários, que objetivavam “aumentar o controle sobre as várias atividades universitárias” (Cunha, 2007, p. 275).

Apesar de toda a repressão do período de ditadura civil-militar (1964-1985), houve intensa contestação por parte dos estudantes e professores, que pressionaram e conquistaram todos os avanços da reforma universitária de 1968 – como a instituição da carreira do magistério superior, por meio da dedicação exclusiva, a articulação entre ensino e pesqui-

sa, a autonomia universitária, a liberdade do “livre pensar”, e a participação estudantil nos órgãos colegiados –, além do avanço referente à extensão universitária, já mencionado.

A promulgação da Constituição Federal (CF) de 1988, foi o marco legal do fim do sistema ditatorial civil-militar, e pôs fim às determinações legais – que eram, na verdade, ilegais – estabelecidas pela ditadura e que impunham restrições à cidadania brasileira. No que tange às universidades, ela afirmou a “autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial”, e estabeleceu o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, bem como a isonomia entre esses três pilares que constituem a tríade universitária, o que se constitui em uma novidade em relação às legislações anteriores.

Duas legislações infraconstitucionais, previstas na CF de 1988, empreenderam avanços em relação à extensão universitária. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1996 (Brasil, 1996), determinou os objetivos da extensão universitária (artigo 3, incisos VII e VIII), e previu a possibilidade de apoio financeiro do poder público à extensão, inclusive através de bolsas de estudo (artigo 77, § 2º). E o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2001), que reafirmou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e estabeleceu como meta, até então inédita, para o ensino superior “assegurar que, no mínimo, 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no País será reservado para a atuação dos alunos em ações extensionistas.” Tal meta, no entanto, não foi cumprida, nos dez anos estabelecidos pelo plano.

Em 2014, quando um novo Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014) foi promulgado, tal meta foi novamente colocada, mas dessa vez de forma mais precisa e diretiva, com a indicação dos modos de fazê-lo: “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinên-

cia social;" (grifo nosso). A partir dessa previsão, diversas universidades iniciaram o processo de curricularização das atividades de extensão.

Tal previsão foi regulamentada pelo Conselho Nacional de Educação em 2018, através da Portaria MEC nº 1.350/2018 (Brasil, 2018) que culminou na Resolução CNE nº 7/2018, que estabeleceu as Diretrizes para a extensão na Educação Superior Brasileira. Tal documento inova, ao apresentar uma definição de extensão universitária e seus princípios norteadores:

atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018, art. 3º, p. 1-2).

A resolução ainda indica que são consideradas atividades de extensão, aquelas ações que envolvam diretamente as comunidades externas às universidades, e que estejam vinculadas à formação do estudante (Brasil, 2018, p. 2). Por todos esses avanços, definições e princípios norteadores, a Resolução CNE nº 7/2018 é tida como o marco regulatório da extensão, ao qual as universidades têm procurado se adequar. O prazo para tal, era o final do ano de 2022, as universidades que ainda não conseguiram fazê-lo estão em processo.

A inclusão da extensão na carga horária dos cursos de graduação, chamada de curricularização da extensão, é a implementação do princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, determinada pela Constituição Federal de 1988. A extensão, desse modo, é tida como uma das dimensões formativas do ensino superior, que se baseia na troca de conhecimentos com a sociedade. Ela permite que o estudante esteja inserido e perceba os modos de produção do conhecimento, e os impactos sociais que

ele pode gerar. O estudante aprende os conhecimentos produzidos através da pesquisa no ensino, e os vê ganhar materialidade na extensão, o que confere a esses conhecimentos um sentido social que também os permite serem questionados, problematizados.

O Programa de Educação Tutorial (PET) do Ministério da Educação é uma política pública de educação superior, profundamente comprometida com essa articulação ensino-pesquisa-extensão, que é um de seus princípios (Brasil, 2010). O PET se refere a uma proposta pedagógica para a universidade, que permite uma formação global tanto para os alunos bolsistas e não-bolsistas, quanto para todo o corpo discente do curso de graduação ao qual está vinculado, pois as ações do programa se dão em articulação com o curso e reverberam no mesmo, contribuindo para a sua qualificação.

Deste modo, o PET se constitui em importante inspiração para a curricularização da extensão. Ao propor que o aluno aprenda fazendo e refletindo sobre (Brasil, 2006, p. 8), o programa evidencia a importância da experiência na formação universitária. Experiência essa, que permite a consolidação dos discursos, e a formação mais ampla dos alunos, para além da teoria (Melo, 2002). Portanto, é um processo de reflexão-ação-reflexão que tem balizado a perspectiva de atuação do programa.

O PET Educação Física e Lazer, criado em 2003, tem atuado de modo a garantir a formação não apenas de sua equipe, e dos alunos do curso de Educação Física a que está vinculado, mas também da comunidade acadêmica da UFMG, de modo mais amplo. Isso tem se dado através do desenvolvimento de ações de extensão como o “Tô de boa, tô no campus”, “Tarde de Jogos”, “PETokê” e “Colônias de Férias no Campus”, que desde 2009 têm atendido público crescente ao longo dos anos, chegando nas edições imediatamente anteriores à pandemia de COVID-19, a atender 240 pessoas por edição.

Além de tais projetos, idealizados e realizados pelo PET Educação Física e Lazer, ao longo dos anos, há também ações que realizamos de modo

eventual, em parceria ou não, mas a convite de outros projetos, programas, unidades ou pró-reitorias da universidade. As demandas por ações de lazer e cultura são enormes, e nos sentimos honrados por estabelecer tantas e tão profícuas parcerias.

No entanto, nos ateremos nesse capítulo, à duas das ações idealizadas e realizadas pelo PET Educação Física e Lazer, enfatizando seus aspectos educativos e suas contribuições à formação dos estudantes e do público envolvido: a Colônia de Férias no Campus e a Tarde de Jogos.

A extensão no PET Educação Física e Lazer como dimensão formativa do ensino superior

A Colônia de Férias no Campus (CFC), desenvolvida desde 2009, é uma ação de extensão universitária gratuita, que tem como público os filhos dos servidores, professores, alunos e funcionários terceirizados da universidade. Ela procura romper com o paradigma histórico que surgiu com as primeiras colônias de férias realizadas no Brasil, as quais se constituíam apenas como um lugar onde crianças ficavam para a ocupação do tempo, para terem contato com a natureza e para aprenderem modalidades esportivas (Steinhilber, 1995; Contursi, 1983). A perspectiva de lazer com a qual operavam, portanto, era funcionalista (Marcellino, 2004).

Diferentemente, a Colônia de Férias no Campus trabalha em uma perspectiva educativa e de formação, não apenas para os seus participantes, mas também para os seus monitores. A educação para o lazer, levando em conta seu duplo aspecto educativo (Marcellino, 2004), a educação estética, a partir da ampliação do repertório cultural e do trabalho das percepções (Melo, 2002) são princípios orientadores da ação. Também são enfocados o divertimento e o descanso, tanto quanto o desenvolvimento social e individual (Dumazedier, 1979).

Após a realização de algumas edições da colônia, seguindo o princípio da reflexão-ação-reflexão, o PET Educação Física e Lazer avaliou que

para o melhor alcance de seus objetivos, e para a efetivação do trabalho na perspectiva acima descrita, algumas mudanças eram necessárias. A partir da realização de estudos e reflexões, foi construída a compreensão de que a proposta pedagógica da colônia de férias temática (Silva, 2008) contribuiria para a qualificação do projeto de extensão.

As temáticas escolhidas precisam trabalhar com aspectos associados ao cotidiano dos participantes, elas “não podem ser “coisas”, objetivos que estejam desconectados do contexto, da realidade das crianças que participam da programação, arriscando-se assim a se constituírem como programações ingênuas e vazias” (Silva, 2008, p. 61).

Nesse sentido, a vigésima edição da CFC, desenvolvida em janeiro de 2023, teve como tema “E se eu pudesse?”, tendo em vista que essa seria a primeira edição após a pandemia de COVID-19, período no qual as crianças e os adolescentes ficaram reclusas em suas residências, com suas possibilidades culturais e de sociabilidade reduzidas. O tema proposto foi um convite à imaginação, à reflexão e à concretização de desejos. A partir desse tema, as turmas, organizadas em conformidade com a idade dos participantes, produziram seus subtemas: “E se eu pudesse ter superpoderes?”, “E se eu pudesse dar a volta ao mundo dos desenhos animados?”, “E se eu pudesse desbravar o mundo?”, “E se eu pudesse ver o mundo através das lentes?”, “E se eu pudesse viver em um jogo?”.

A definição do tema, bem como dos subtemas, exigiu que a equipe organizadora da ação refletisse sobre os aspectos culturais, sociais e políticos do contexto em que estavam inseridos, para assim, proporem temas que fizessem sentido para as crianças e os adolescentes e estivessem articulados ao momento vivido. Portanto, a formação dos estudantes envolvidos começa muito antes de a CFC ter início, e envolve diversos conhecimentos e saberes, além dos já mencionados acima, como a criatividade, a gestão do lazer, no que se refere ao planejamento, desenvolvimento e avaliação da ação e a animação cultural, como perspectiva de atuação.

A organização e o desenvolvimento de uma colônia de férias na perspectiva aqui apresentada, se constitui em tarefa complexa, que exige formação de qualidade da equipe envolvida. Os bolsistas e não bolsistas do PET vivenciam uma formação continuada, ao longo de toda a sua vinculação ao grupo, através de estudos e da atuação em projetos como a “Tarde de Jogos” e o “Tô de boa, tô no campus”.

Todo o trabalho de organização da colônia, que antecede sua realização, e que inclui orçamento, estudo de viabilidade, estabelecimento de parcerias, realização das inscrições, divulgação do evento, negociações com empresas fornecedoras e com diferentes instâncias da universidade, foi desenvolvido pela equipe do PET, o que levou a produção de saberes por parte dos estudantes quanto aos processos burocráticos, logísticos e orçamentários.

Para a realização da colônia, são selecionados monitores para compor a equipe, juntamente com o PET. Podem concorrer estudantes de qualquer curso de graduação da universidade, pois trabalhamos em uma perspectiva interdisciplinar. Tais monitores e toda a equipe, passam por um curso de formação para a atuação na colônia. O planejamento e o desenvolvimento de tal curso, também são realizados pela equipe do PET. Os temas que compõem essa formação incluem a perspectiva de lazer e de colônia de férias com as quais o PET opera, a animação cultural como perspectiva de atuação no campo do lazer, o brincar e a infância, pessoas com deficiência e com transtornos, e a inclusão.

Na CFC, os monitores não recebem um planejamento pronto, e apenas o executam. Diferente disso, o planejamento é construído pela equipe de cada turma com orientação da professora tutora, pensando no contexto sociocultural dos participantes da colônia. Durante a execução do planejamento, realizamos os ajustes e as modificações necessárias para que nossos objetivos sejam alcançados, bem como para que os participantes contribuam nesse processo. Até mesmo os objetivos podem ser modificados, na relação com os participantes da colônia.

Tanto nas questões pedagógicas, didáticas e de mediação, quanto nas questões burocráticas e técnicas, trabalhamos com o princípio da flexibilidade, que é mobilizado a partir das nossas sensibilidades e percepções do(s) outro(s) e das diferentes situações vividas. Lidamos com imprevisibilidades, e a partir desses princípios podemos superá-las.

Portanto, o projeto de extensão CFC tem se constituído ao longo dos últimos dez anos, em instância formadora de alunos de diferentes cursos de graduação da universidade, oportunizando o desenvolvimento de saberes e habilidades, sobre o planejamento, a execução, a avaliação, as relações lazer-educação e a animação cultural como perspectiva de atuação no campo do lazer.

Além desses saberes, já previstos na realização de uma ação de lazer, a CFC tem possibilitado, tanto aos participantes quanto aos monitores, a construção de diferentes conhecimentos: respeito e cuidados com o meio ambiente, compreensão sobre as particularidades das crianças e dos adolescentes, a importância da convivência com a diversidade, a inclusão, o cinema, o audiovisual, preparação de um espaço para a vivência de lazer, mediação de conflitos, a compreensão do papel do animador cultural, a importância da flexibilidade de um planejamento, entre outros.

Deste modo, a CFC tem sido capaz de tocar os participantes e a equipe responsável por sua realização, se constituindo, assim, em uma experiência formadora-transformadora (Bondia, 2002).

Já o projeto de extensão “Tarde de Jogos”, que existe há seis anos aproximadamente, se constitui na oferta de oficinas de jogos de tabuleiros e de cartas para a comunidade universitária. Atualmente a ação ocorre duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras, durante todo o semestre letivo. Seus participantes, majoritariamente, têm sido os alunos da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), à qual o PET Educação Física e Lazer está vinculado, ainda que alunos de outros

curso e unidades acadêmicas também compareçam, sobretudo quando eles cursam disciplinas na unidade.

O projeto é desenvolvido a partir da compreensão de que o jogo é um fenômeno cultural, e de que a ludicidade é uma porção essencial da cultura, através da qual as civilizações se desenvolveram (Huizinga, 2000). A perspectiva de Brougère (1998), de que a cultura lúdica está amplamente ligada à criatividade e ao imaginário das pessoas, uma vez que os jogos nos demandam ressignificar objetos e ações, vivenciar situações de “faz de contas” e, assim, produzir uma realidade diferente daquela da vida cotidiana, orienta o projeto e é uma das justificativas para o seu desenvolvimento, pois, o cotidiano acadêmico, regido pelas noções de rendimento e produtividade, muitas vezes dificulta, ou mesmo impede, a vivência de experiências criativas.

Deste modo, é possível perceber que a “Tarde de Jogos” está conectada à política cultural da UFMG, explicitada em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que tem como objetivo “Promover a cultura como elemento que estabelece conexões, dá sentido e fomenta interligações contínuas nas ações da Universidade destinadas a promover e disseminar o espírito crítico, emancipatório e humanista.”

A dimensão social dos jogos, ligada à sua significação, ou seja, à cultura que lhe dá sentido, e aos aprendizados necessários para deles participar (Brougère, 1998), também são ideias que justificam nossa atuação. Os jogos permitem o compartilhamento de uma cultura comum, o que pressupõe interação e sociabilidade. Caillois (1990) também entende que a socialização se faz necessária para participar de um jogo, pois a cultura lúdica precisa ser aprendida ao mesmo tempo em que é produzida por aqueles que brincam.

Pensamos os jogos como patrimônio cultural da humanidade, como conhecimentos, plenos de história e dignos de serem aprendidos e

ensinados (Debortoli, 2002). Ao promovermos os jogos analógicos, pouco conhecidos e vivenciados pela juventude do nosso tempo, estamos contribuindo para a perpetuação e constante construção desse patrimônio cultural da humanidade, constituído pela cultura lúdica.

Partindo desses pressupostos, o projeto tem como objetivos possibilitar a vivência da cultura lúdica no ambiente universitário, educar para o lazer, proporcionar a interação e a convivência, favorecendo, assim, a sociabilidade, e contribuir para a formação cultural dos participantes. Além disso, é também nosso objetivo ter o projeto como base empírica para a realização de pesquisas, o que já tem se concretizado (Souza, 2019).

A frequência de desenvolvimento do projeto, permitiu que ele se inserisse na rotina da EEFFTO, pois, a “Tarde de Jogos” não é uma ação sazonal ou eventual, mas ao contrário, é um projeto que possui regularidade e constância, permitindo, assim, que os estudantes desfrutem de momentos lúdicos no seu cotidiano. Além de ser um pressuposto para a garantia do direito ao lazer, a regularidade e a constância da realização da ação, permitem a concretização da educação para o lazer, da educação da sensibilidade e a construção de hábitos mais perenes (Bourdieu, 2003).

Depoimentos de participantes do projeto e dos bolsistas que o executam, evidenciam a construção de um sentimento de pertencimento à universidade por parte dos estudantes. Eles apontam que a partir dessa participação, estabeleceram novas conexões com a universidade, que deram maior sentido à sua presença na instituição. Além disso, a participação no projeto permitiu que eles conhecessem a atuação da universidade na extensão e na pesquisa, e passaram a se envolver com elas. Relatam a construção de amizades, e a ampliação do círculo de convivência.

Os jogos possuem enorme potencial socializador (Caillois, 1958) e, na perspectiva da importância da ação no contexto universitário, acreditamos ser fator fundamental para auxiliar os alunos a se sentirem parte

da universidade. Podemos observar, por diversas vezes, pessoas se conhecendo e amizades se formando através da participação na ação. A “Tarde de Jogos” auxilia os alunos a se sentirem parte da universidade, e a ocupar seus espaços.

Além de os jogos possuírem o potencial de estimular a criatividade e o imaginário das pessoas (Brougère, 1998), como já apontamos, o fato de eles estarem inseridos em um projeto de extensão universitária que tem como escopo o lazer, agrega a eles outros potenciais. Eles têm permitido que os participantes se divirtam, descansem e se desenvolvam (Dumazedier, 1976).

A partir da compreensão da rotina de atividades dos universitários, é que o horário de desenvolvimento da ação foi definido, de modo a permitir um descanso entre os turnos da manhã e da tarde. Grande parte de nossos participantes, busca a “Tarde de Jogos” com o intuito de descansar entre uma responsabilidade acadêmica e outra.

A diversão pode ser facilmente observada, através do comportamento dos participantes no momento em que a ação acontece. Interações espontâneas, gargalhadas, descontração, trabalho em equipe e a construção de vínculos são manifestações comuns durante a realização do projeto.

A “Tarde de Jogos” contribui com o desenvolvimento de seus participantes na perspectiva da formação cultural, uma vez que possibilita a vivência de jogos de tabuleiros e cartas que, na maior parte das vezes, eles não conheciam, ampliando assim, seu repertório cultural. É comum presenciarmos participantes tendo suas primeiras experiências com um jogo durante a “Tarde de Jogos”, e já procurar incorporá-lo em sua vida fora do ambiente universitário. Além disso, a criatividade dos participantes é estimulada, e todo um mundo simbólico é construído.

O projeto tem se constituído em uma vivência de lazer no cotidiano acadêmico. Tem contribuído para a percepção, por parte de seus

participantes, do importante lugar do lazer em suas vidas, o que evidencia que a educação para o lazer tem se concretizado. A “Tarde de Jogos” ainda possibilita que seus participantes descansem, se divirtam, realizem trocas culturais, estimulem a imaginação e a criatividade, estabeleçam laços de amizade, contribuindo assim, para uma formação humanista e crítica. Formação essa, que os estimula a questionar a atual ordem das coisas, e pensar em outras formas de ser sociedade, que valorizem a ludicidade e o encontro com o outro.

Considerações finais

A extensão, paulatinamente, foi ocupando lugar de importância na universidade pública brasileira e na formação de seus alunos. Foi o entendimento de que ela se constitui em uma das dimensões formativas do ensino superior, que se baseia na troca de conhecimentos com a sociedade e na materialização dos conhecimentos produzidos pela pesquisa, em um processo de reflexão-ação-reflexão, que culminou em sua curricularização.

Antecipadamente a esse processo, o PET já possuía como princípio a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, dando a ele materialidade e possibilitando uma formação socialmente referendada. O programa possui uma trajetória de atuação nessa perspectiva, se constituindo, assim, em inspiração para a curricularização da extensão.

O grupo PET Educação Física e Lazer tem vasta experiência com o desenvolvimento de projetos de extensão. Alguns deles, como a “Colônia de Férias no Campus” e a “Tarde de Jogos”, acontecem há vários anos, dando materialidade e permitindo o questionamento da produção do conhecimento no campo dos estudos do lazer e da Educação Física, o que tem possibilitado uma formação mais ampla aos alunos, para além da teoria.

REFERÊNCIAS

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=es&nr-m=iso>. Acesso em: 23 de abr. de 2023.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O amor pela arte**: museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Zouk, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2023.

BRASIL. **Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931**. Dispõe que o ensino superior no Brasil [...]. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966**. Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-53-18-novembro-1966-373396-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 252, de fevereiro de 1967**. Estabelece normas complementares ao Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0252.htm>. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001.** Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Parecer nº 608, de 3 de outubro de 2018.** Parecer homologado pela Portaria nº 1.350, publicada no D.O.U. de 17/12/2018, Seção 1, p. 34. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102551-pces608-18/file>>. Acesso em: 26 de dez. de 2019.

BRASIL. **Portaria MEC nº 976, de 27 de julho de 2010.** Diário Oficial da União, Brasília: 28 de julho de 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6647-portaria-mec-976-27-07-2010&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Programa de Educação Tutorial** - Manual de Orientações Básicas, Brasília: 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=338-manualorientabasicas&category_slug=pet-programa-de-educacao-tutorial&Itemid=30192. Acesso em: 26 de out. de 2023.

BRASIL. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

BROUGÈRE, G. A Criança e a Cultura Lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116. 1998.

CAILLOIS, R. **Os Jogos e os Homens**. Tradução: José Garcez Palha. 1. ed. Lisboa, Cotovia, 1990.

CONTURSI, E. B. Curso de Colônia de Férias. **Revista Sprint**, Rio de Janeiro, p. 33-40, 1983.

CUNHA, L. A. **A universidade temporã**: o ensino superior, da Colônia à Era Vargas. 3. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 2007.

DEBORTOLI, J. A. **As crianças e a brincadeira**. In: CARVALHO; SALLES; GUIMARÃES (orgs.). Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Tradução: João Paulo Monteiro. 4. ed. São Paulo, Perspectiva S.A., 2000.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. 11.ed. Campinas: Papirus, 2004.

MELO, V. A. Educação estética e animação cultural - reflexões. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, 5, n. 1, p. 101-113, 2002. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2002.1437>

SILVA, D. **Colônia de Férias Temática**: fundamentando a ação a partir das contribuições de Paulo Freire: Piracicaba, 2008.

SOUZA, T. Sentidos do brincar no contexto formativo da UFMG: um relato da experiência de participação de estudantes universitários no projeto “Tarde de Jogos”. **Monografia** (Graduação em Educação Física) – EEEFTO, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 38, 2019.

STEINHILBER, J. **Colônia de Férias – organização e administração**. Rio de Janeiro, Editora Sprint, 1995.

CAPÍTULO 10

COLÔNIA DE FÉRIAS TEMÁTICA E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO LAZER INFANTIL: EXPERIÊNCIAS DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFMS

André Augusto Brites Martins

Giovana Mestriner

Junior Vagner Pereira da Silva

Introdução

O lazer consiste em atividades realizadas após as obrigações diárias (trabalhistas, familiares, sociais e religiosas), podendo ser compreendido a luz dos aspectos tempo (considerado um momento dedicado a experiências realizadas na disponibilidade de tempo após obrigações) e atitude (decisão por fazer algo, de modo a usufruir do prazer em realizar a atividade escolhida, mesmo a opção seja não fazer nada) (Marcellino, 2002). Dentre as diversas motivações que podem levar as pessoas a ocuparem seu tempo disponível com o lazer, se encontram aquelas relacionados aos conteúdos culturais - físicos, artísticos, intelectuais, manuais, sociais (Dumazedier, 1979) e turístico (Camargo, 1986), que motivam e despertam o interesse individual ou coletivo.

O contato com esportes, exercícios físicos e/ou experiências relacionadas a cultura corporal do movimento (ginásticas, danças, lutas, jogos motores, dentre outras) materializam o interesse pelo conteúdo físico-esportivo (Silva; Sampaio, 2011), sendo o mais procurado pela população com vistas ao bem-estar e promoção da saúde (Melo; Alves Júnior, 2003),

em que pese seja notório o fato de que, embora seja o mais presente na vida cotidiana das pessoas, nem todas desfrutam do acesso ao mesmo.

O conteúdo artístico é representado pela ocupação do tempo disponível com experiências fictícias e estéticas, em que há predominância do imaginário sobre o real (Silva; Sampaio, 2011), como as artes e os espetáculos, buscando beleza e encantamento (Marcellino, 2007), tipo de experiências que por vezes não se encontram disponíveis para parte considerável da população, dado ao seu desenvolvimento histórico a partir a lógica imperialista do século XVIII, em que se encontrava disponibilizado para poucos (Melo, 2007).

Palestras, cursos ou leituras em busca de informações e explicações racionais caracterizam o interesse intelectual, oportunidades que possibilitam a ampliação do conhecimento e da criticidade sobre assuntos não relacionados a profissão (Marcellino, 2007), assim como a predominância do real sobre o imaginário, de modo a ficar informado (Silva; Sampaio, 2011).

O interesse manual é caracterizado pelo envolvimento com experiências de ordem psicológicas (Silva; Sampaio, 2011), como o manuseio de diversos materiais desenvolvidos pela vivência da cultura popular, praticados por prazer e sem intuito profissional, podendo transformar os materiais por meio da pintura, dobradura, colagem, costura, assim como outras habilidades, se manifestando também pela culinária de fim de semana, jardinagem e pequenos reparos de objetos ou equipamentos eletroeletrônicos efetuados em casa (Marcellino, 2007).

O que caracteriza o interesse social é o relacionamento com outras pessoas, como o convívio pessoal, seja com amigos, familiares ou desconhecidos nos bares, bailes, clubes, associações e entre outros (Marcellino, 2007). Ou seja, se manifesta em decorrência da necessidade humana em dispor de filiação a grupos e ter relações interpessoais (Silva; Sampaio, 2011), podendo ocorrer face-a-face ou por intermédio de redes sociais (facebook, instagram, whatsapp, youtube, twitter, tiktok).

A quebra da rotina temporal e espacial em busca de novas paisagens, mudança de ritmo e estilo de vida em que a rotina cotidiana é alterada, caracteriza o conteúdo turístico (Silva; Sampaio, 2011), envolvendo viagens, passeios e visitas a lugares desconhecidos, a novas paisagens ou costumes diferentes (Marcellino, 2007), estando ligado, inclusive, ao turismo na própria cidade (Melo, 2004).

Em que pese o lazer possa ocorrer por intermédio de ações que oportunizam a prática, o conhecimento e a contemplação de experiências afetas aos diversos interesses culturais, vários fatores podem diminuir e até mesmo impedir que as pessoas vivenciem o lazer, dentre elas, aquelas com características específicas, as crianças, haja vista que as possibilidades de lazer se encontram restringidas pela urbanização (De Gáspari; Schwartz, 2002), supervalorização do espaço urbano e diminuição do espaço vazio em residências, limitando a maioria das crianças ao espaço de jogo dentro de casa ou no quintal (Silva; Nunes, 2008), o que limita cada vez mais as possibilidades de contato com folguedos infantis, com o futebol de várzea ou encontros (Marcellino; Barbosa; Mariano, 2006).

Diante de mudanças inerentes ao desenvolvimento da sociedade industrial e implicações ao lazer espontâneo na infância (aquele que as crianças por iniciativas próprias se organizam e constroem no coletivo suas experiências), novas estratégias foram criadas a fim de promover o lazer infantil, mitigando assim os efeitos negativos e abrindo espaços para reestruturação do jogo. Uma das estratégias criadas foi a oferta de programas concentrados em períodos específicos do calendário anual, como as férias estudantis, tipo de experiências de lazer conceituada como Colônias de Férias.

Colônias de Férias e experiências de lazer infantis

As Colônias de Férias tiveram sua origem a partir de duas visões (pedagógica e higiênico-sanitária). A pedagógica buscou amenizar os im-

pactos causados pela intelectualização e hábitos sedentários transmitidos na escola. Já a higiênico-sanitária, voltada a desenvolver as crianças para lidar com condições precárias de moradia, que contribuía para uma alta taxa de mortalidade (Martínez, 2009). Posteriormente, passaram a ser desenvolvidas com a intenção de atender os pais, que não tinham onde deixar os filhos em períodos das férias escolares (Silva, 2012).

Diante das diferentes interpretações a respeito dos objetivos com que esse tipo de evento é fomentado, para efeitos deste manuscrito, as Colônias de Férias são compreendidas como possibilidades de promoção do lazer num período específico do ano (férias), sejam elas escolares ou laborais, sem restrições etárias ou qualquer tipo, embora haja a predominância de sua oferta ao público infantil, com busca da ampliação de experiências lúdicas e prazerosas, mediante as ações fomentadas (Silva, 2007).

Em que pese a relevância e importância desse tipo de oportunidades de lazer, nas últimas décadas, as Colônias de Férias receberam forte influência do mercado, sendo transformadas em mercadoria a gerar lucro (Nascimento; Mattos, 2020), com oferta, sobretudo, por entidades privadas (Sestari; Ribeiro, 2021), portanto, absorvida pela indústria cultural, transformada em um produto a ser consumido (Freitas; Helal; Pizzi, 2004), as quais as pessoas para dispor de acesso necessitam contar com recursos financeiros para subsidiar a inscrição.

Em que pese, em sua maioria, serem desenvolvidas a luz da lógica mercadológica e funcionalista, alternativas pedagógicas têm sido formuladas e aplicadas a partir de outras perspectivas, como no formato de extensão universitária, tipo de ação que busca democratizar à população o acesso a tecnologias, conhecimentos e saberes produzidos no meio acadêmico. Dentre elas, se encontram as Colônias de Férias Temáticas (CFT), que de acordo com Silva (2012) *apud* Silva, Bretas e Caldas (2012), consistem em ampliar a abrangência, a participação e a

produção cultural pelos conteúdos culturais diversificados pela construção de relações sociais, pela vivência de relações estéticas e éticas, que são ofuscadas no cotidiano.

As CFT podem assumir vários significados, destacando a reflexão e respeito de humanizar a vivência lúdica, com a responsabilidade de mediação voltada para o animador sociocultural. Portanto, sua organização a partir de temáticas não responde a perspectiva de um produto a ser consumido nas férias, pois passa a ser entendida como processo qualificado pelas relações entre significado e significante, da convivência e comunicação entre sujeitos (Silva, 2012 *apud* Silva; Bretas; Caldas, 2012).

Mediante as possibilidades educativas, de desenvolvimento pessoal e social e de iniciação infantil em diferentes interesses culturais do lazer, corroborando com a superação da perspectiva mercadológica das Colônias de Férias, algumas universidades no contexto brasileiro têm proporcionado esse tipo de ação à comunidade, dentre elas, a Universidade de Campinas, com a “Farra nas Férias na FEF/Unicamp”, promovida desde 2008 (Ribeiro, 2022), a Universidade Federal de Minas Gerais, através da “Colônia de Férias do PET Lazer”, desde 2009 (Silva *et al.*, 2022) e a Universidade Estadual do Pará, com a “Colônia de Férias UEPA”, desde 2014 (Ferreira; Silva; Nascimento, 2022).

A exemplo das IES supramencionadas, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por intermédio do Programa de Educação Tutorial, grupo Educação Física, desde 2016, com objetivos de oportunizar experiências com atividades lúdicas; introduzir as crianças aos interesses culturais do lazer; democratizar o acesso ao lazer em período de férias; oportunizar aos discentes do curso de Educação Física vivências de organização e formação para atuação com lúdico; aplicar junto à comunidade conhecimentos obtidos em disciplinas curriculares; tem organizado a “Colônia de Férias PET Educação Física UFMS”.

A exemplo das ações desenvolvidas pelo PET da UFMS em outros anos (Monteiro; Silva, 2023) e do Programa de Educação Tutorial da Universidade Federal de Minas Gerais (SILVA *et al.*, 2023), o presente capítulo relata a experiência vivenciada pelo grupo PET Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul na organização da VIª edição da Colônia de Férias PET Educação Física em 2023.

Materiais e métodos

O manuscrito consiste em Relato de Experiência (RE), pautado na pesquisa participante, do tipo teórico-prático (Demo, 2012). O RE é produto científico típico das ciências humanas, desenvolvida por intermédio da reinscrição e elaboração ativa de trabalhos da memória. Suas características são a multiplicidade de opções teóricas e metodológicas e a explicitação descritiva, interpretativa e compreensiva dos fenômenos. Sua produção se encontra alicerçada em seis elementos – narrativas; significação da experiência, enlaçada à realidade concreta vivida por ao menos um dos sujeitos da experiência; descrição do cenário, o contexto, os atores e as técnicas utilizadas em alinhamento ao contexto dos envolvidos na experiência; escrita analítica e política, a partir do local de fala dos participantes da ação; aplicação de linguagem acessível a pesquisadores e não pesquisadores; consideração das lições aprendidas antes, durante e depois da experiência relatada (Daltro; Faria, 2019).

A estruturação seguiu as recomendações de roteiro elaborado por Mussi, Floes e Almeida (2022). Os autores sugerem que o RE contenha em sua estrutura a introdução (campo teórico e objetivo), materiais e métodos/procedimentos metodológicos (período temporal, descrição do local, eixo da experiência, caracterização da atividade relatada, tipo de vivência, público da ação interventiva, recursos, ação, instrumentos, critérios de análise, eticidade), resultados (relato das principais experiências obtidas), discussão (diálogo entre o relato e a literatura, comentários acerca das informações do relato, análise das informações do RE, dificuldades, poten-

cialidades) e considerações finais (finalidade e proposições).

Em sua VIª edição, a “Colônia de Férias PET Educação Física” foi realizada no período de 20 a 24 de fevereiro de 2023, das 13h às 17h, utilizando como espaço as dependências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/Cidade Universitária (quadras cobertas, piscina, laboratório de informática) e espaços externos (Fazenda Escola/UFMS, Museu Dom Bosco e Bioparque do Pantanal). Embora a Universidade tenha sido criada especificamente para o desenvolvimento de atividades técnicas-acadêmicas, segundo Silva (2023), quando suas dependências são utilizadas para experiências esportivas, há uma ressignificação do espaço e ele passa a figurar como equipamento não específico de lazer.

Trata-se de uma ação de extensão, que teve como público-alvo crianças de 6 a 12 anos, filhos de servidores ou de alunos da UFMS ou oriundos da comunidade externa. As inscrições foram gratuitas e ocorreram no período de 13 a 17 de fevereiro de 2023, com disponibilidade de 60 vagas. O evento foi divulgado por intermédio das redes sociais do grupo PET Educação Física, com postagens no feed e stories, conforme ilustra a arte de divulgação exposta na Figura 1.

Figura 1. Material de divulgação em redes sociais – 6ª Colônia de Férias PET-Educação Física/UFMS.



Fonte: Elaborado pelos autores - 15/07/2023

Para o desenvolvimento da Colônia de Férias, o PET Educação Física contou com a atuação de 25 acadêmicos, dentre eles, sete petianos e 18 acadêmicos do curso de Educação Física matriculados na disciplina “Estágio em Animação Sociocultural”. Os recursos humanos disponíveis foram distribuídos em 5 funções – Recepcionistas; Acompanhantes das crianças ao banheiro/bebedouro; Animadores socioculturais em quadra; Animadores socioculturais em ônibus; Pessoal de apoio.

- Recepcionistas - Recepção da chegada das crianças ao recinto, com o registro do horário da entrada da mesma e assinatura do responsável que a trouxe e devolução das crianças aos responsáveis ao término do dia, colhendo, novamente, a assinatura do mesmo e registrando o horário de saída.
- Acompanhantes das crianças ao banheiro/bebedouro – Acompanhamento das crianças no percurso do espaço de atividades até a porta do banheiro e/ou bebedouros.
- Animadores socioculturais em quadras – Planejamento, organização e aplicação das experiências relacionadas as temáticas do evento junto as crianças e pré-adolescentes participantes. Os animadores socioculturais de quadras foram organizados em subgrupos, de acordo com três tipos de atividades fomentadas - jogos simbólicos (direcionados às crianças 6-7 anos), família dos jogos esportivos com as mãos (6-12 anos) e família dos jogos esportivos com os pés (6-12 anos).
- Animadores socioculturais em ônibus- Planejamento, organização e aplicação de jogos durante o trajeto da Cidade Universitária/Universidade Federal do Mato Grosso do Sul à Fazenda Escola/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- Pessoal de apoio – Acompanhamento das ações de anima-

ção sociocultural, com monitoramento visual das crianças que tentassem se evadir do espaço de jogo e incentivo para retornarem à ação; auxílio aos animadores socioculturais com organização de cenários e espaços de jogo; prestação de primeiros socorros.

No que concerne ao tempo de sua realização, a Colônia de Férias PET Educação Física é similar aquelas realizadas em outras localidades brasileiras, que atendem a população envolvida durante um dos períodos do dia, sendo no Instituto Federal do Rio Grande do Norte das 8 às 11h30m (Brito; Silva, 2023), Colônia de Férias “Se essa rua fosse mim”, desenvolvida na Universidade Católica de Brasília, das 13h30 às 18h (Ramos et al., 2023).

Além do RE, o manuscrito apresenta dados relacionados a adesão das crianças e pré-adolescentes envolvidos nos cinco dias do projeto. A avaliação da Taxa de Adesão (TA), Taxa de Cancelamento (TC), Taxa de Rotatividade Diária (TRD), Percentual de Frequência por Inscrito (PFI) e Percentual de Frequência por Dia (PFD), ocorreram por intermédio da análise documental. Como fonte, forma usadas as fichas de inscrições e folhas de frequência assinadas pelos responsáveis no início e término da ação em cada dia. Para alcance dos indicadores, foram adotadas as fórmulas: $TA = (\text{número de inscritos} - \text{evadidos}) / \text{número de inscritos} \times 100$, $TC = (\text{número de inscritos que não compareçam nenhum dia} / \text{número de inscritos que compareceram pelo menos um dia}) \times 100$, $TRD = (\text{Número de desistência por dia} \times \text{número de inscritos}) / 100$, $PFI = (100 / \text{número de inscritos} \times \text{número de inscritos que frequentam 5 dias, 4 dias, 3 dias, 2 dias, 1 dia})$, $PFD = (100 / \text{número de inscritos} \times \text{número de inscritos que participaram na segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira})$.

Resultados/Discussão

Os resultados/discussão se encontram organizados a partir de três elementos da experiência vivenciada – planejamento, desenvolvimento, avaliação.

O planejamento ocorreu subsidiado pelo tema “conteúdos culturais do lazer” e contou com experiências referentes aos interesses físicos-esportivos, manuais e turísticos, conforme ilustra o Quadro 1. Ademais, de modo transversal, contemplou o interesse social em todos os demais, haja vista que a diferenciação dos conteúdos culturais presentes em uma ação se distingue tão-somente por predominância.

Quadro 1. Programação da 6ª edição da Colônia de Férias PET Educação Física/UFMS/2023.

HORÁRIO	20/Fev	21/Fev	22/Fev	23/Fev	24/Fev
	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Turma 1 6-7 anos	Físico-esportivo Jogos simbólicos Turma 1	Físico-esportivo Jogos simbólicos Turma 1	Turístico Visita a Fazendo Escola	Manual Construção de brinquedos Turma 1	Físico-esportivo Atividades de aventura Turma 1
Turma 2 8-10 anos	Físico-esportivo Jogos pré-esportivos com as mãos Turma 2	Físico-esportivo Jogos pré-esportivos com as mãos Turma 2		Manual Robótica Turma 2	Turístico Visita ao Museu do Bom Bosco Turma 2
Turma 3 11-12 anos	Físico-esportivo Jogos pré-esportivos com os pés Turma 3	Físico-esportivo Jogos pré-esportivos com os pés Turma 3		Físico-esportivo Piscina Turma 3	Turístico Visita ao Bioparque do Pantanal Turma 3

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da elaboração da programação, os petianos envolvidos e discentes do curso de Educação Física matriculados na disciplina Estágio Supervisionado em Animação Sociocultural passaram a elaborar as atividades que integrariam a ação. Para tanto, foi realizada uma reunião, em que a Colônia de Férias, seus pressupostos teóricos, objetivos e ex-

periências das edições anteriores foram apresentadas. Ademais, foram explicados os conteúdos objeto da intervenção, assim como os conceitos de cada tipo de atividades a serem desenvolvidas. Por fim, foi compartilhada em drive online uma planilha em excel, em que mediado pela orientação do tutor e professor da disciplina, deveriam inserir o nome da atividade e sua descrição detalhada.

No que concerne ao interesse físico-esportivo, o mesmo foi contemplado pelos jogos simbólicos (Quadro 2), jogos com os pés (Quadro 3) e jogos com as mãos (Quadro 4).

Os jogos simbólicos têm como característica ser ele próprio liberdade, com as crianças tendo oportunidades de ser, sentir e se fazer livre. Uma outra característica é que não é vida “real”, mas sim um “faz de conta”, dentro da temporalidade irrealista e espontânea (Rojas, 2007). Figuram em construções imaginárias, ocasionando uma representação de um objeto fictício, comparando um elemento dado e um elemento imaginário. A maioria dos jogos simbólicos são simultaneamente sensoriais-motores e simbólicos, embora chamados de simbólicos, pois, o simbolismo se integra aos demais elementos, afastando-os cada vez mais do simples exercício (Piaget, 1975).

Quadro 2. Jogos simbólicos desenvolvidos na 6ª Colônia de Férias PET-Educação Física.

Nome do jogo	Descrição
História da serpente	Inicialmente o professor formará um semicírculo e apresentará a letra da música. Após apresentar a letra da música, o professor irá soletrar-la e as crianças irão repetir. Em seguida, será apresentado o ritmo da canção. Feito isso, o professor e as crianças irão cantar a música juntos e em uma só voz. Uma vez explicada e compreendida a letra e o ritmo da música, o professor irá explicar que todas as crianças deverão estar distribuídas pela quadra, exceto a serpente (pegador), que ficará dentro do semicírculo no centro da quadra. Quando finalizar a música e disserem "rabão", o pegador deverá correr atrás das demais crianças e tocar em uma delas, que, sucessivamente, passará a fazer parte do corpo da serpente (pegadores). A sequência será repetida até que todos sejam pegos. <i>Música:</i> Essa é a história da serpente, que desceu o morro, para procurar o pedacinho do seu rabo. Ei!!! Você aí, é o pedacinho do meu rabo... Rabão!!!
Coelhinho sai da toca com bambolê	Bambolês (tocas) serão posicionados formando um círculo no espaço da quadra. Os alunos que ficarem dentro dos bambolês, serão

	considerados os coelhos e um dos alunos que ficar fora da toca, será o "coelhinho sem toca". Quando for falado "Coelhinho, sai da toca", todos terão que trocar de toca (arco) e quem ficar para fora passará a ser o novo "coelhinho sem toca".
Batata quente paga prenda	As crianças se organizarão em um círculo e deverão passar manualmente a bola (batata quente) para o colega ao lado, o mais rápido possível. Em paralelo a passagem da bola, todos cantarão a música. A criança que estiver fora do círculo e de costas para os outros, escolherá um momento para dizer em tom alto "queimou" e quem estiver com a posse da bola a substituirá, dando início a mesma sequência exposta anteriormente. MUSICA: Batata quente, quente, quente ... queimou!!!
Elefante colorido	As crianças serão organizadas em uma fila no espaço da quadra e uma delas ficará posicionada na frente das demais (pegador). A que estiver posicionada a frente das demais, falará: "Elefante colorido". As demais, responderão: "Que cor?". Após isso, a criança que gritou elefante colorido escolherá uma cor e falará em tom alto para que os demais ouçam. Tal cor, será a que as crianças deverão tocar para evitar que o pegador as pique (pique) e passe a "barata". Caso alguma criança não consiga encostar na cor antes de ser pega, será a próxima pegadora e responsável pela escolha da cor na próxima rodada.
Gato e rato	As crianças formaram 4 colunas para iniciar a brincadeira. A partir disso, a professora explicará os comandos. 1. Distância: encostar o braço direito no ombro do amigo a frente e encostar os braços (direito e esquerdo) nos amigos ao lado, de modo a formar um labirinto. Descanso: braços relaxados ao longo do corpo, de modo que o gato e rato possam transitar pelo espaço. Posteriormente, a professora escolherá duas crianças para iniciar o jogo, sendo uma o rato (fugitivo) e outra, o gato (pegador). Quando estiverem em descanso, o gato e o rato poderão correr apenas na horizontal e quando estiverem em distância poderão correr somente em vertical. A professora trocará as posições rapidamente para ir dificultando a brincadeira. Por fim, quando o gato pegar o rato, os mesmos escolherão outros dois amigos para exercer os papéis de pegador e fugitivo.
Pega-pegas chinês	A brincadeira consiste em um pegador que correrá atrás dos demais colegas. Quando o pegador encostar a mão em algum colega para pegar, ele terá que falar pedra, água ou torre (apenas um deles). A verbalização de "pedra", fará com que a criança tocada (pega) fique encolhida no chão, de modo que os outros amigos saltem sobre ela, a devolvendo ao jogo. Quando o pegador falar "água", aquele que foi tocado terá que ficar em pé, com as pernas afastadas lateralmente, de modo que os colegas passem entre elas e o possibilite voltar a brincadeira. Por fim, ao falar "torre", aquele que for pego ficará em pé, porém com os braços estendidos lateralmente, de modo que alguém de a volta de 360° ao seu entorno e o possibilite voltar a brincadeira. Caso os participantes optem, é possível que o jogo tenha mais de um pegador, de modo a dinamizar e acelerar a brincadeira. Após 5 minutos de jogo, novos pegadores são escolhidos.
Queimada abelha rainha	Os participantes serão separados em 2 grupos, que montarão suas próprias estratégias para defender a abelha rainha, escolher um reserva (que vai ficar no atrás do time adversário) e a abelha rainha. Depois de estabelecerem esses tópicos dará início a queimada. Cada colega queimado ficará junto com o reserva do outro lado e se queimarem a abelha rainha, ganhará a brincadeira. (Observação: apenas a professora saberá quem é a abelha rainha, para quando for queimada dar o apito final).
Morto e Vivo	O professor deverá explicar às crianças que quando ele disser: - Vivo!, elas devem ficar em pé; quando falar Morto!, devem se agachar. O professor começa a falar: - Vivo! Morto! Vivo! Vivo! Morto! Vivo! Morto! Morto! ... tentando confundir as crianças. Aquela que errar vai saindo. Segunda rodada o professor mudará o vivo para algo que está na natureza e morto para algo que não pode estar na natureza. Ex: Árvore a criança fica em pé (vivo), garrafa a criança abaixa (morto).
As raposas, as galinhas e as serpentes	As crianças serão divididas em três grupos - as galinhas (devem pegar as serpentes), as raposas (devem pegar as galinhas) e serpentes (devem pegar as raposas). Todos os jogadores terão em suas cinturas (no cós da calça, short ou outras vestimentas) uma fitinha de TNT, sendo cada equipe de uma cor diferente. Ao dar o sinal, considerando a relação pegador-fugitivo exposta acima, em um tempo de 2 minutos, os jogadores deverão buscar capturar a fita. Quando o lenço de um jogador é apanhado, esse jogador é feito prisioneiro e levado para o campo da equipe que o capturou, podendo ser libertado novamente, somente quando uma criança da mesma equipe lhe tocar na mão. Ganha o jogo a equipe que pegar o maior número de jogadores adversários.

Proteja o formigueiro	Se faz necessária a realização de duas equipes, cujo o objetivo é avançar ao campo adversário com a intenção de estourar a bexiga com o desenho de uma formiga (ou matar a formiga rainha). Cada equipe será responsável pela sua estratégia de proteção da sua bexiga e estratégia de ataque à bexiga adversária.
Corre cutia	As crianças formarão um círculo e ficarão sentadas. Entre elas será escolhida uma para passar a bola e correrá em volta do círculo pelo lado de fora, enquanto os demais cantam a música: <i>Música:</i> Corre cutia, de noite e de dia, Debaixo da cama, da sua tia. Corre cipó, atrás da avó. Lencinho branco, caiu no chão. Abaixe a cabeça e olhe para o chão (a criança que está com a bola deverá achar o momento oportuno para deixar a bola atrás de alguém e tentar sentar no seu lugar antes que ele o queime). Após a primeira rodada, se repete a mesma dinâmica até que todos tenham vivenciado.
Fui a Nova York	Os alunos formarão um círculo e um deles irá para o centro. O aluno posicionado no centro, escolherá um movimento e durante a cantiga abaixo, se deslocará pelo interior do círculo reproduzindo o movimento. Os demais colegas que estão no círculo, reproduzirão o movimento e cantarão juntos a música. <i>Música:</i> Fui à Nova York. Visitar a minha avó. E lá eu aprendi, a dançar o ChepChep. Olha a dança do Chep Chep, olha a dança do Chep Chep, olha a dança do Chep Chep, Chep chep, aue. Quando a música estiver acabando, o aluno que se encontra no centro do círculo deverá parar em frente algum colega. A pessoa escolhida passará para dentro do círculo e fará um novo movimento, sendo acompanhado no deslocamento e movimento por aquele que já se encontra no interior do círculo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Uma outra categoria, são os jogos de regras, que no formato de jogos pré-esportivos foram aplicados às crianças por meio dos jogos com os pés e jogos com as mãos. Ao invés de símbolos, nesse tipo de jogo as regras se sobrepõem como elemento de uma regularidade imposta pelo grupo, em que sua violação representa uma falta. Os jogos de regras se desenvolvem durante toda a vida, sendo assim, uma atividade lúdica do ser socializador, com combinações de jogos sensório-motores ou intelectuais com competições entre indivíduos, regulados por códigos transmitidos por gerações ou de acordos momentâneos. Somente jogos de regras se desenvolvem com a idade e em virtude das regras, são jogos socializados e disciplinados (Piaget, 1975).

Diante da diversidade de possibilidade de trato pedagógico com

os jogos de regras, sendo o evento uma Colônia de Férias Temática em que o interesse físico-esportivo se fazia presente, os mesmos foram trabalhados por intermédio de jogos pré-esportivos, lançando mão do processo ensino-aprendizagem da perspectiva dos jogos coletivos, conforme defendido por Bayer (1994) apud Daolio (2002).

Os jogos esportivos coletivos podem ser unidos em uma única categoria pelo fato de todos possuírem seis invariantes: a) uma bola (ou implemento similar); b) um espaço de jogo; c) parceiros com os quais se joga; d) adversários; e) um alvo a atacar (e, de forma complementar, um alvo a defender); f) regras específicas. Pensando no cumprimento da lógica do jogo, pode observar que marcar pontos e impedir que o adversário marque pontos é o princípio que deve reger toda e qualquer ação de um jogador que participa do determinado jogo (Bayer, 1994 apud Daolio, 2002).

A “família dos jogos esportivos coletivos” possui relações próximas com outras famílias dos jogos, como, ‘família dos jogos de bolas com os pés’, “família dos jogos de bolas com as mãos” e tantas outras, tornando a aprendizagem dos esportes coletivos ampla. A organização das famílias dos jogos pode variar, conforme o interesse do professor, apresentando aproximação entre as várias famílias, em que um jogo de uma família pode influenciar em um jogo de uma outra família. Ainda, um jogo pode pertencer a mais de uma família, como são os casos do futebol, o handebol, o voleibol, basquetebol (família dos jogos com bola) e futebol, handebol, voleibol e basquetebol (família dos jogos com as mãos) (Leonardo; Scaglia; Reveredito, 2009).

Quadro 3. Jogos com os pés desenvolvidos.

Nome do jogo	Descrição
Bobinho	Uma roda é formada e um aluno é escolhido para ficar em seu interior. Os demais alunos ficaram trocando passes com os pés entre si, podendo dar três toques na bola antes de passá-la sem que o “bobinho” toque nela. Cada vez que o “bobinho” tocar na bola, ele troca de papel com aquele aluno que tocou a bola pela última vez. Cada vez que o aluno ocasionar a saída da bola da formação do círculo também deverá assumir o papel de “bobinho” e trocar de posição. Visando dividir em grupos menores para que as crianças não fiquem muito tempo sem receber a bola, os alunos podem ser divididos em mais círculos. Outras variações (aumentar ou diminuir o número de toques na bola, adicionar um ou mais “bobinhos” e também colocar mais de uma bola por círculo de alunos) devem ser implementadas ao longo do jogo.
Jogo da velha com condução de bola	O professor irá separar os alunos em duas equipes iguais para a competição. O primeiro da fila de cada equipe correrá até ao jogo da velha, conduzindo a bola de futsal com os pés e deverá escolher um local para colocar o objeto, podendo ser um pequeno cone, um pedaço de papel colorido, um colete, etc. Esse jogador voltará a conduzir a bola e realizará um passe para que o próximo da fila possa ir e realizar a mesma operação. A intenção é formar o mais rápido possível uma sequência de três objetos iguais ou tentar impedir que a equipe adversária consiga formar as três sequências.
Pega-pegas congela com condução	O professor irá selecionar um aluno para ser o pegador. Os demais devem se distribuir pela quadra, cada um com uma bola. Os participantes irão fugir com a condução da bola pelos pés e o “pegador” irá atrás deles também com a bola nos pés, tentando tocar algum deles (passar barata). Quando os fugitivos forem pegos, eles ficarão parados, no local que foi “colado”, devendo estar em afastamento lateral das pernas. Para retornarem ao jogo, poderão ser salvos quando um colega conduzir a bola que está em seus pés entre as pernas do companheiro pego. Poderá ser apresentada uma variação para a atividade após esse primeiro momento, aterando o deslocamento e incrementando outras variações.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 4. Jogos com as mãos desenvolvidos.

Nome do jogo	Descrição
Resta 0	O jogo consiste em uma queimada, com divisão dos jogadores em três funções – 1. Fugitivos (distribuídos no interior da meia quadra, com a função de não se deixarem serem pegos. Caso sejam tocados com a bola nas mãos do pegador, o fugitivo deverá ficar imobilizado no local que ocorreu a queima); 2. Pegadores (dois alunos, que posicionados no interior da meia quadra e de posse de uma bola, correrão atrás dos fugitivos para tentar colá-los (encostar a bola neles); 3. Salva-vidas (quatro jogadores, cada um posicionado em uma lateral da quadra com posse de uma bola, os quais deverão lançar aos jogadores queimados e que estiver o mais próximo, de modo que ao receber a bola sem tocar ao chão, o mesmo possa retornar ao jogo).
Pique cola bola	Os alunos serão divididos em dois grupos. Este objetivo é capturar a bola do adversário. No momento de passar para outra quadra e que for colado, ficará parado até que algum do seu time toque na pessoa. Vence quem colar todos do outro time ou passar com a bola do adversário para o seu campo. Quem está na área da bola não pode ser colado
Alerta	Uma das crianças ficará com a posse de bola em mãos. Ela deverá jogar a bola para cima e gritar o nome de um dos colegas. A criança que teve o nome citado precisará pegar a bola antes que caia no chão e as demais crianças deverão correr para o mais longe possível. Se ela conseguir pegar a bola antes que caia ao chão, jogará para cima e dirá

	o nome de outro colega. Caso a bola caia no chão antes que ela pegue, ela precisa dizer "Alerta" e as demais crianças que terão que parar. Aquela que gritou alerta, terá o direito de dar 3 passos em direção ao colega que ela escolher para queimar. Ao executar o arremesso da bola, a criança que é alvo não poderá se mexer. Caso aconteça de ser queimada, a criança está fora do jogo, caso contrário sai quem arremessou. Podemos fazer com que as crianças escolham o nome de um animal/fruta, ao invés de nomes, pois o professor poderia ficar responsável de dizer os nomes escolhidos, e a criança que está com a bola escolheria um dos nomes sem saber quem o escolheu.
Queimada sem quadra	Os alunos ficarão distribuídos pela quadra de futsal. Para iniciar o jogo o professor lançará a bola para o algo e aquele que conseguir entregar em posse de bola deverá correr atrás dos demais e tentar queimá-los, desferindo um arremesso com a bola. Caso a bola bate em alguma parte do corpo, o jogador deverá ficar parado, com as pernas afastadas, sinalizando que ele está "fora do jogo". Caso a bola bata no chão ou não acerte o jogador, aquele que entrar novamente de posse que bola passa a figurar com o pegador e se aplica a mesma regra anterior.
Cesta numerada	Os participantes deverão ser divididos em duas equipes. Cada equipe deverá estar disposta em fila, um do lado do outro, no final da quadra de basquete, sendo que cada jogador disporá de um número que será sua identificação. Um aluno ficará no meio da quadra com duas bolas de basquete, quando este falar o número de um participante, o aluno da equipe "A" e "B" referente ao número dito deverá correr até o meio da quadra, pegar uma bola e correr em direção a cesta de basquete afim de fazê-la. Quando um dos participantes fizer a cesta, os dois deverão recolocar a bola no centro da quadra e o monitor deverá falar outro número. Vence a equipe que fizer mais números de cestas.
Queimada	Na quadra, as crianças serão divididas em duas equipes, para começar a brincadeira vai ser decidido com quem começa jogando, assim vai se se fazer ímpar ou par, com isso, com o uso de uma bola de vôlei é preciso queimar o jogador da equipe adversária, o jogador que for queimado vai pro final da quadra adversária para que ajude seu time a queimar a equipe adversária.
Handebol Adaptado	A professora irá dividir os alunos em duas equipes, contendo até 7 crianças em cada equipe, não haverá goleiros. Serão explicadas as regras comuns ao handebol, porém com a adaptação de que a criança só poderá quicar a bola até 3 vezes em cada posse da mesma. Após quicar pela 3ª vez a bola, é obrigada a passá-la para algum colega de sua equipe. Nos gols terão 3 cones posicionados no chão (um no canto direito, um no centro e outro no canto esquerdo), os quais irão equivaler a 1 ponto no jogo. Nos cantos superiores direito e esquerdo do gol estarão dispostos 1 colete em cada, equivalendo 3 pontos cada. A equipe que somar a maior quantidade de pontos, será considerada vencedora. Os alunos deverão trocar passes entre si, podendo deslocar-se de posse da bola nas condições acima mencionadas e buscar finalizar em um dos alvos.
Caça ao lixo	Se faz necessária a realização de duas equipes, cujo o objetivo é avançar ao campo adversário sem ser pego, conseguindo atravessar sua missão será de capturar os objetivos (lixos) que estarão no chão e colocá-los no cesto de lixo. Será estipulado um tempo para a realização da atividade, onde cada objeto terá uma pontuação diferente. Vence a equipe que acumular mais pontos.
Bandeirinha	As crianças serão divididas em 2(duas) equipes, em número igual de participantes. O jogo será realizado em um local onde haja duas quadras. No final de cada quadra ficará um objeto que será chamado de bandeirinha. O jogo consiste em os jogadores tentarem atravessar o campo adversário e pegar a bandeirinha adversária e trazer para o seu. Cada vez que uma equipe conseguir trazer a bandeirinha adversária marcará um ponto. As crianças, para evitarem que isso aconteça, deverão tocar os jogadores adversários quando estiverem em seu campo e o mesmo ficará "colado", não podendo se movimentar enquanto um colega de equipe não o tocar e dizer "descolado". Vence o jogo a equipe que fizer mais pontos.

Pega-pega com a bola simples	Os alunos ficarão espalhados pela meia quadra do futsal (fugitivos). Dentre eles, um será escolhido para ser o pegador e, de modo a identificá-lo, ficará com a posse da bola de basquete em suas mãos. Ao sinal do professor, o mesmo deverá correr quicando a bola e tentar tocar com as mãos um dos fugitivos. Aquele que for tocado, inverte de posição com o pegador. Após 5 minutos de jogos, uma variação será implementada. Aquele que for tocado pelo pegador, em vez de trocar de posição, passa a ser pegador junto com o anterior, de modo que, conforme vão sendo pegos, os jogadores passam a formar uma equipe.
------------------------------	--

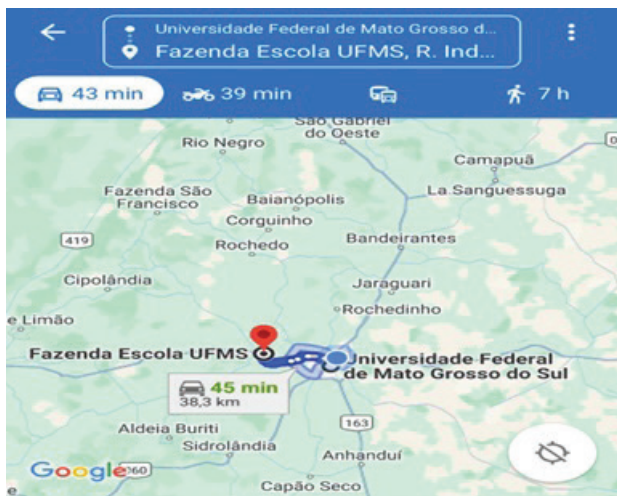
Fonte: Elaborado pelos autores.

Os jogos e as atividades recreativas em geral, contribuíram para uma formação autônoma da criança, com suas realizações exigindo atitudes de liderança, obediência, conflitos, discussões e construções coletivas, partindo de ações simples relacionadas às manifestações da cultura corporal do movimento. Ademais, as experiências vivenciadas possibilitaram a ampliação do rol de jogos simbólicos e esportivos possíveis de serem incorporados no cotidiano das crianças em seu tempo disponível no contexto escolar e familiar, o que figura como um movimento direcionado para a educação para o lazer, em que as pessoas são iniciativas a diferentes experiências de modo a conhecer e reconhecer as mesmas como algo possível.

O interesse turístico foi promovido por intermédio da visita a Fazenda Escola (Quarta-feira), Museu Dom Bosco e Bioparque do Pantanal (Sexta-feira).

A Fazenda Escola consiste no espaço/laboratório técnico/científico o qual o curso de Zootecnia e Veterinária desenvolvem suas ações de ensino, pesquisa e extensão. Localizada na Cidade de Terenos, a 43 km da Cidade Universitária, o trajeto foi realizado por intermédio de ônibus, com duração de 50 minutos (Figura 2).

Figura 2. Mapa de deslocamento da Cidade Universitária a Fazenda Escola – UFMS.



Fonte: Elaborado pelos autores - Data: 17/07/2023.

Por ocasião da visita, com a parceria junto ao PET Zootecnia/ Veterinária, as crianças tiveram a possibilidade de romper com as experiências cotidianas da cidade, materializando assim o lazer turístico ao meio rural. Foram apresentados os ovinos criados na fazenda, com informações relacionadas ao tratamento (alimentação) e forma de vida dos mesmos no campo. Ademais, as crianças tiveram a possibilidade de acariciar os animais e observar os mesmos em seu habitat.

O Museu Dom Bosco (Museu do Índio) figura como órgão-científico que integra a missão salesiana e criado em 1951. Posteriormente, em 1997 foi vinculado a Universidade Católica Dom Bosco. Seu acervo é composto por coleções relacionadas aos povos indígenas – povos do Mato Grosso do Sul, Boe Bororo, Xavante, Iny Karajá, Rio Uaupés, Xingu –, de invertebrados (conchas e insetos), de mineralogia (minerais), de paleontologia (fósseis) e de vertebrados (taxidermizados), aberto a

visitações públicas de terças-feiras as sextas-feiras, das 8h às 16h30m (Universidade Católica Dom Bosco, 2023). Por ocasião da visita com as crianças participantes do evento, foi prestigiada a apresentação das vestimentas, moradias, ferramentas de caça e pesca e rituais dos povos indígenas supracitados, assim como a sessão de vertebrados.

Por sua vez, o Bioparque Pantanal, empreendimento público estadual do Mato Grosso do Sul, consiste em espaço pautado na educação ambiental, pesquisa, conservação, inovação, inclusão, lazer e cultura como pilares. Localizado nos altos da Av. Afonso Pena, principal avenida da capital, o espaço foi inaugurado em março de 2022 e conta 21 mil metros quadrados, espaço que abriga 239 tanques e conta com exposição de 359 espécies animais (Mato Grosso do Sul, 2023). Por ocasião da visita, as crianças desfrutaram da contemplação de diversas espécies de peixes, conhecendo as regiões das são oriundos, características ambientais do seu habitat, tipo de alimentação, dentre outros aspectos.

Figura 2. Mapa de deslocamento da Cidade Universitária a Fazenda Escola – UFMS.



Fonte: Elaborado pelos autores - Data: 17/07/2023.

Por intermédio das três experiências que contemplaram o conteúdo turismo, as crianças envolvidas tiveram oportunidades de mudarem o ritmo e o estilo de vida que frequentemente compõem seu dia-a-dia, mesmo que tenha ocorrido somente em dois dias e por intermédio de três atividades. Portanto, figuram como essências à iniciação da popu-

lação infantil ao turismo, interesse cultural que não se encontra muito presente em suas vidas, favorecendo o processo de educação para o lazer, vez que permitiu à população a apropriação de bens culturais localizados na cidade. Isto proporciona o desenvolvimento pessoal e social através do lazer, pois todos os espaços visitados foram subsidiados com informações prestadas por guias, trazendo aos participantes a contextualização histórica dos espaços e informações específicas sobre o local, o que é essencial para apropriação de novos saberes. Conhecer espaços turísticos no contexto do próprio município e compreender que os mesmos figuram como possibilidades relevantes para ocupação do tempo disponível e podem contribuir com seu desenvolvimento pessoal e social, favorece a educação dessas crianças para dispor de um rol maior de repertório de escolhas de vivências de lazer em sua vida cotidiana.

Por figurar como um interesse cultural transversal que permeou todo o evento, a Colônia de Férias também proporcionou o desenvolvimento pessoal e social dos envolvidos por intermédio do conteúdo cultural social, presente em todas as ações que compôs a programação, haja vista que as crianças e pré-adolescentes tiveram a oportunidade de conhecer novas pessoas, se inter-relacionar de maneira dialógica e cooperativa, discutir ideias e resoluções de questões técnicas e táticas esportivas, lidando com as diferenças, limitações e potencialidades de terceiros.

No que concerne a adesão da ação, a Taxa de Adesão alcançou as expectativas previstas, tendo um índice baixo de Taxa de Cancelamento. Contudo, durante a ação, a Taxa de Rotatividade alterou consideravelmente, sendo o primeiro, quarto e quinto dia aqueles com maior rotatividade. De acordo com a Taxa de frequência por dia, terça-feira e quarta-feira foram os que tiveram maior quantidades de presentes. Devido as voltas escolares após o carnaval terem ocorrido na quinta-feira, uma baixa considerável na frequência das crianças foi evidenciada na quinta-feira e sexta-feira.

Tabela 1.

Indicadores	Taxa
Taxa de Adesão (TA)	91,83 %
Taxa de Cancelamento (TC)	8,88%
Taxa de Rotatividade Diária (TRD)	Taxa
Primeiro dia	9,80%
Segundo dia	7,35%
Terceiro dia	2,94%
Quarto dia	9,80%
Quinto dia	8,82%
Percentual de Frequência por inscritos (PFI)	Taxa
5 dias	34,69 %
4 dias	24,48 %
3 dias	12,24 %
2 dias	8,16%
1 dia	12,24 %
Taxa de Frequência por dia (TFD)	Taxa
Segunda-feira	59,18 %
Terça-feira	69,38 %
Quarta-feira	87,75 %
Quinta-feira	59,18 %
Sexta-feira	63,26 %

Considerações finais

A Colônia de Férias PET Educação Física oportunizou vivências de lazer às crianças residentes da cidade de Campo Grande – MS, com atividades caracterizadas pelos interesses culturais físico-esportivos, manuais, turísticos e sociais, oportunizando que as mesmas, além de iniciadas aos conteúdos culturais supracitados, dispusessem de contato com novos lugares e pessoas, proporcionando a ampliação do horizonte

sobre as possibilidades de ocupação do tempo disponível com o lazer, assim como desenvolvimento pessoal e social mediante as trocas e conhecimentos adquiridos por meio das relações estabelecidas ao longo do seu desenvolvimento. Ademais, também figurou como oportunidade ímpar para ludicidade, haja vista que o lazer é um momento privilegiado para sua ocorrência.

Contudo, a ação não proporcionou benefícios apenas às crianças, pois também corroborou com o processo de formação dos acadêmicos do curso de Educação Física por intermédio da disciplina “Estágio e animação sociocultural”, que tiveram a oportunidade de pôr em prática os conhecimentos advindos da produção científica que subsidiaram as disciplinas relacionadas ao lazer (Estudos do Lazer; Políticas Públicas em Educação Física, Esporte e Lazer; Animação Sociocultural), assim como vivenciar o processo de planejamento, aplicação de conteúdos e avaliação junto à comunidade.

Na avaliação final desenvolvida junto aos organizadores foram evidenciados aspectos que se fazem necessários passarem por ajustes, a fim de viabilizar à população o acesso a um serviço público gratuito e com maior qualidade. Dentre eles, foram pontuados aspectos relacionados ao processo da ação do grupo PET (necessidade de maior preparação para elaboração no planejamento) e outros afetos a burocracia institucional (menores barreiras para utilização do transporte da universidade).

Neste sentido, se faz relevante que nas próximas edições, de modo a melhor preparar os petianos e estagiários, seja ofertado um curso preparatório, o que poderá contribuir com maior aprendizagem dos estudantes e melhor atendimentos aos usuários, assim como que tratativas junto as autoridades superiores sejam realizadas, de modo a sensibilizá-

-los para importância do transporte para as ações do evento.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, L. O. de L. O que é lazer. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAPI, A. C.; SILVA, D. A. M. A atuação do Profissional no campo do lazer. Do que estamos falando?, capítulo 3. SILVA, D. A. M. **Experiências com o Lazer em Colônias de Férias Temáticas**. 1. ed., Campinas-SP, Alinea Editora, 2012, p. 31-41.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos, Pesquisas, Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos: modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 10. n. 4. p. 99-104, 2002.

DE GÁSPARI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. O capital humano: investindo nas ações do brincar. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2002.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FERREIRA, P. R. C.; SILVA, A. I.; NASCIMENTO, A. S. Colônia de férias da Universidade do Estado do Pará (UEPA): do conceito à prática. In: RIBEIRO, O. C. F. (Org.). **Colônias de Férias Temáticas: Experiências Educativas de Lazer, Educação e Extensão**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2022. p. 97-112.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. Motriz. **Journal of Physical Education**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: Uma Introdução**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARCELLINO; N. C., SAMPAIO; T. M. V., CAPI; A. H. C., SILVA; D. A. M. da. **Políticas Públicas de Lazer – formação e desenvolvimento de pessoal**. 1. ed., Curitiba-PR. 2007.

MARCELLINO, N. C.; BARBOSA, F. S.; MARIANO, S. H. As cidades e o acesso aos espaços e equipamentos de lazer. **Impulso**, Piracicaba, v. 17, n. 44, p. 55-66, 2006.

MARTÍNEZ, P. L. M. A educação do corpo fora da escola: as origens das colônias de férias na Espanha. **Educar em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 23-37, 2009.

MATO GROSSO DO SUL. **Bioparque do Pantanal**. Quem somos. Disponível em: <https://bioparquepantanal.ms.gov.br/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MELO, V. A. de. Conteúdos culturais. In: GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELO, V. A. de; ALVES JÚNIOR, E. de D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manolê, 2003.

MONTEIRO, V. A. N. SILVA, J. V. P. Colônia de férias PET Educação Física/UFMS - programação, adesão e percepção das crianças e responsáveis. In: RIBEIRO, O. C. (Org.). **Colônia de férias temáticas: experiências educativas de lazer e extensão**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2023. p. 59-75.

NASCIMENTO; S. de S., MATTOS; R. da S. A educação fora da escola: a mercantilização e a disciplina do lazer nas Colônias de Férias. *Educar em Revista*, Belo Horizonte, v. 36, e68789, 2020.

PIAGET; J. **A Formação do Símbolo na Criança**. Imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RAMOS, I. A.; LEITE, C. D.; GUEDES, G. L.; GARCIA, L. V.; ROCHA, V. H. M.; RIBEIRO, H. L.; PEREIRA, R. M. S. Colônia de Férias Social: Se essa rua fosse minha?: resgatando o brincar tradicional. In: RIBEIRO, O. C. F. (Org.). **Colônias de Férias Temáticas: Experiências Educativas de Lazer, Educação e Extensão**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2022. p. 155-168.

RIBEIRO, O. C. F. Colônia de férias temáticas: pressupostos e metodologia. In: RIBEIRO, O. C. F. (Org.). **Colônias de Férias Temáticas: Experiências Educativas de Lazer, Educação e Extensão**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2022. p. 9-24.

ROJAS J. **Jogos, brinquedos e brincadeiras: a linguagem lúdica formativa na cultura da criança**. Campo Grande: UFMS, 2007.

SCAGLIA, A., REVERDITO, R.; LEONARDO, L.; LIZANA, C. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Rev Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SESTARI, I. V.; RIBEIRO, O. C. F. “Farra nas férias na FEF/ UNICAMP: relato de experiência da edição 2020.” *Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 829-861, 2021. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.32541>

SILVA, L. P.; SILVA, S. R.; PEREIRA, B. A.; COUTINHO, V. M. C. G.; FERREIRA, I. F.; NOGUEIRA, D. B. R. M. A experiência do Programa de Educação Tutorial Educação Física e Lazer/UFGM na organização da Colônia de Férias no Campus. In: RIBEIRO, O. C. F. (Org.). **Colônias de Férias Temáticas: Experiências Educativas de Lazer, Educação e Extensão**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2022. p. 43-58.

SILVA, S. R. da; BRETAS, P. R.; CALDAS, C. D. P. C. “Colônia de férias: uma experiência de formação”. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 2, 2012. <https://doi.org/10.5902/231654648245>

SILVA, D. A. M. Proposta de animação para Colônias de Férias. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer e recreação: repertório de atividades por ambientes**. Campinas: Papirus, 2007.

SILVA, D. A. M. Colônia de férias temática: fundamentando a ação a partir das contribuições de Paulo Freire. f. **Dissertação** - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, (Mestrado em Educação Física) 2008.

SILVA, J. V. P.; NUNES, P. R. M. A cidade, a criança e o limite geográfico para os jogos/brincadeiras. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 1-15, 2008.

SILVA, J.; SAMPAIO, T. M. V. Os conteúdos das aulas de educação física do ensino fundamental: o que mostram os estudos? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 20, n. 2, p. 106-118, 2012.

SILVA, J. V. P.; SAMPAIO, T. M. V. O lazer e suas diversas faces. In: SAMPAIO, T. M. V.; SILVA, J. V. P. **Lazer e cidadania: horizontes de uma construção coletiva**. Brasília: Universa, 2011. p. 45-66

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO. História e missão, Campo Grande, [s.d]. Disponível em: <<https://site.ucdb.br/campus/3/museu/517/historia-missao/16406/>>. Acesso em: 12 de dez. 2023.

SOBRE OS AUTORES

André Augusto Brites Martins

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: a.augusto@ufms.br

André Mendes Capraro

Docente do curso de Educação Física, Tutor do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal do Paraná, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: andrecapraro@gmail.com

Antonio Guilherme Schmitz Filho

Docente do curso de Educação Física, Tutor do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: marloncrestanig@gmail.com

Axsel Flavio Quiel

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física e Lazer/Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/Universidade Federal de Minas Gerais, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: contato.axsel@gmail.com

Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior

Docente do curso de Educação Física, Tutor do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Juiz de Fora, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: carlosfernando@gmail.com

Débora Maria Russo

CMEP-SEES – e-mail: debora.russo@escola.pr.gov.br

Flávia da Cruz Santos

Docente do curso de Educação Física, Tutora do grupo PET Educação Física e Lazer/Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/Universidade Federal de Minas Gerais, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: flacruz.santos@gmail.com

Flávio Marques Vieira

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física e Lazer/Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/Universidade Federal de Minas Gerais, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: flavio.marques031@gmail.com

Hélder Ferreira Isayama

Docente do curso de Educação Física, Tutor do grupo PET Educação Física e Lazer/Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/Universidade Federal de Minas Gerais, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: helderisayama@yahoo.com.br

Helena Altmann

Docente do curso de graduação em Educação Física e Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física, Tutora do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade de Campinas, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento DA Educação – e-mail: altmann@unicamp.br

Giovana Mestriner

Discente do curso de Educação Física, Petiana do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: mestriner_giovana@ufms.br

Guilherme Morais Puga

Docente do curso de Educação Física, Tutor do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Uberlândia, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: gmpuga@gmail.com

João Luiz Resende Nascimento

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Uberlândia, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: mclarinharantes@gmail.com

Julia Bergamini Salgueiro

Discente do curso de Educação Física, Petiana do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: bergamini.julia@unifesp.br

Junior Vagner Pereira da Silva

Docente do curso de Educação Física, Tutor do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: jr_lazer@yahoo.com.br

Larissa Michelle Lara

Docente do curso de Educação Física, Tutora do grupo PET Educação Física/Departamento de Educação Física/Universidade Estadual de Maringá, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: lmlara@uem.com

Laura Martins

Discente do curso de Educação Física, Petiana do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: laura_martins2008@hotmail.com

Leonardo Straliote Gonçalves de Oliveira

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Departamento de Educação Física/Universidade Estadual de Maringá, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: leostraliote@gmail.com

Lucas Emanuel de Oliveira Silva

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Juiz de Fora, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: lucasemanueldeo-liveira@hotmail.com

Luiz André Kletemberg de Oliveira

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal do Paraná, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: kletemberghluiz@gmail.com

Luiz Fernando Pires Filho

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Estadual de Maringá, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: lfp10@hotmail.com

Maria Clara Arantes Araújo

Discente do curso de Educação Física, Petiana do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Uberlândia, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: mclarinharantes@gmail.com

Maria Isabela Dias Manoel

Discente do curso de Educação Física, Petiana do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade de Campinas, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: r259373@dac.unicamp.br

Marlon Crestani Garcia

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: shmitz@gmail.com

Mateus Silva Oliveira

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: mateus.oliveira18@unifesp.br

Matheus da Silva Telles Gomes Brega

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Juiz de Fora, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: matheus.telles@estudante.ufjf.br

Nayara de Sousa Ferreira

Discente do curso de Educação Física, Petiana do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Uberlândia, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: nayarasfr@gmail.com

Rebeca De Paula Sperandio

Discente do curso de Educação Física, Petiana do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade de Campinas, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: m241091@dac.unicamp.br

Rogério Cruz de Oliveira

Docente do curso de Educação Física, Tutor do grupo PET Educação Física/Instituto de Saúde e Sociedade; Departamento de Ciências do Movimento Humano; Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde/Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: rogerio.cruz@unifesp.br

Samuel da Silva Barbosa

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Departamento de Educação Física/Universidade Estadual de Maringá, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: silvasamuca138@gmail.com

Selena Caceres Rossi

Discente do curso de Educação Física, Petiana do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: selena.rossi@acad.ufsm.br

Victor de Souza Souto Maior Lopes

Discente do curso de Educação Física, Petiano do grupo PET Educação Física/Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Juiz de Fora, Bolsista do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e-mail: victordesouza829@gmail.com

Este livro foi editorado com as fontes Crimson Text e Montserrat.
Publicado on-line em: <https://repositorio.ufms.br>



ISBN 978-85-7613-642-2



9 788576 136422

THESE BOOKS ARE PRINTED ON RECYCLED PAPER

 **editora**
UFMS

